



volume 9

vai sonhando

# gossip girl

Cecily von Ziegesar

*Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

**oi, gente!**

É verão há uns cinco minutos e as calçadas da cidade já estão a uns 40 graus. Graças a Deus finalmente podemos jogar fora nossos horrendos uniformes listrados de azul e branco – para sempre. A não ser que a gente decida pela ressurreição deles em nossa primeira festa de Halloween da faculdade. Saias pregueadas deixam os homens loucos! Foi uma parada dura sobreviver a quatro anos de ensino médio, equilibrando festas, compras, estudos, festas e compras com a quantidade exata de elegância e porte para nos colocar na Ivy League. Mas nós conseguimos e temos nossos diplomas – e os presentes de formatura (vrum, vrum, vrum) – para provar isso.

Para o caso de você ter enfiado a cabeça embaixo de uma pedra o ano todo, somos a galera que se diverte na mesma medida em que faz compras e agora, que já compramos nossos novos guarda-roupas de verão, está na hora de aprontar de verdade. Você nos conhece e não há problema em admitir:

Você queria ser uma de nós. Somos as garotas que andam por Manhattan com vestidos de verão novinhos Marni e chinelos Jimmy Choos quem-liga-se-vão-ficar-podres. Somos a galera bronzeada-desde-as-férias-de-primavera-em-St.-Barts no terraço do Met secando gim e tônica de frascos de prata antiga. O verão está aqui e acabaram-se aquelas preocupações chatas, como cursos avançados e testes de aptidão acadêmica. Os próximos meses só terão coisas boas: amor, sexo, fama e infâmia. E por falar nisso a garota mais famosa da cidade está prestes a ficar ainda mais famosa

Ela já é uma lenda local, mas ela vai alcançar novo nível de notoriedade? Tipo assim, capas da Vanity Fair e estréias com tapetes vermelhos? Sem dúvida parece que agora S conseguiu o único emprego de verão que realmente vale a pena ter: o papel de protagonista em um grande filme de Hollywood dirigido pelo cineasta potencialmente maluco Ken Mogul, interpretando o par daquele lindo megastar de cabelos dourados T. Acho que vou desmaiar. A julgar pela história dela, T logo será também seu parceiro fora das telas. Algumas meninas realmente têm sorte.

Embora todos pensassem que B estava destinada ao papel, ela parece ter perdido para a melhor amiga... de novo. Talvez ela já tenha se acostumado com isso, ou talvez esteja ocupada demais para perceber, dando cambalhotas com seu delicioso namorado novo entre os lençóis de linho egípcio de 600 fios perfeitamente prensados do hotel Claridge de Londres. Uma coisa é certa: seu caso repentino com aquele robusto cavalheiro inglês, lorde M, mudou de cenário, da vaporosa Nova York para a pretensiosa Londres, e só posso imaginar que eles estejam fazendo um bom uso da suíte de hotel de B. É claro que o solar de lorde M deve ser ainda mais legal do que o Claridge, se é que isso é possível –

então por que ela não está lá com ele? Vamos descobrir logo: as histórias das travessuras dessa moça já estão voltando pelo oceano.

Chegam também à cidade informações escandalosas sobre nosso eterno chapado preferido, mas ainda um eterno lindo, N – embora ele só esteja a uma viagemzinha de distância, nos adoráveis Hamptons. Ele está dando duro em Long Island depois do maçante episódio de roubar-Viagra-do-treinador-de-lacrosse-e-quase-não-se-formar. Soube que já está bronzeado e continua suando graças a toda a reforma que faz no telhado da casa do treinador. Algumas senhoras do lugar andaram passando por ali só para dar uma espiada nele sem a camiseta. Enquanto isso, deste lado de Long Island – isso é, no Brooklyn – V foi vista curtindo o espólio de sua curta convivência com B. Oiê, vestido de seda preto DVF! Só B deixaria isto para trás, como se fosse uma escova de dentes usada. Ninguém sabe se V estava tendo ou não um lance com ambas as partes daquela dupla de irmãos cujo parentesco provém apenas das circunstâncias, mas A e B caíram fora. Literalmente. A última coisa que eu soube é que A foi flagrado com uma dançarina do ventre tatuada em Austin, Texas, e os dois filhotes de boxer dela. Ainda bem que D existe – ele tem sido visto por toda Nova York olhando freneticamente a cidade feito um turista. Parece que alguém está ficando emotivo com a grande mudança para o Oeste nesse outono.

### **Seu e-mail**

**P:** Cara GG,

Mas aí eu estava lá, no aeroporto de Heathrow, indo para aquele internato britânico totalmente escandaloso a que meus pais me obrigaram a ir neste verão, quando quem me aparece a não ser B, vulgo a garota dos meus sonhos? Pensei que meus problemas estivessem resolvidos, até que cheguei ao campus e soube de boatos muito perturbadores:

1) B não só está namorando um certo inglês desprezível, ela está noiva dele.

2) Ele já está noivo de outra.

E a coisa mais doida de todas:

3) Lorde Pé-no-saco não está satisfazendo as necessidades femininas de B, se consegue entender minha dica. Será que está cansado demais de ficar com a noiva?

Ajuda o maninho aqui. Vou pirar se não encontrar uma garota que saiba que futebol americano não tem nada a ver com futebol que os caras jogam aqui na Inglaterra.

- B da Fila que Andou

P.S.: Eu agüento a noite toda.

**R:** Caro B da Fila que Andou,

Não sei como fazem na Inglaterra, mas aqui na América 17 anos é meio cedo para se

casar. Ué, nós ainda nem demos uns amassos em nossos companheiros de corredor no ano de caloura! Guenta firme. Nada dura para sempre...

- GG

P.S.: A note toda, é? Como é que você é mesmo?

**P:** Cara GG,

Eu precisei implorar muito, mas finalmente consegui que meu pai soltasse a verba para alugar uma casa de verão em Southhampton só para mim e meus amigos. Agora estamos aqui e ninguém mais está. O que é que ta pegando?

-Nada de sex on the Beach

**R:** Cara NDSOTB:

Você devia saber que chegar cedo nos Hamptons na temporada é meio... bom, brega, a não ser que você precise estar aí, como algumas pessoas que eu conheço. Nesse meio tempo, por que não um agito? Tenho uma casa inteirinha à sua disposição – vista aqueles lençóis com padronagem de palmeira ABC Carpet & Home como uma toga e entre no espírito da universidade!

- GG

## **Flagras**

B acusando uma funcionária do setor de bagagem da Virgin Atlantic de roubar uma de suas muitas calcinhas de renda Cosabella da bolsa de viagem Tumi. É isso que se consegue pegando um voo comercial! S lendo – lendo? Fala sério, a escola acabou! – um esfarrapado exemplar em brochura de Bonequinha de luxo em um banco à sombra de uma árvore no Central Park. Sem dúvida ela vai se lembrar disso um dia no Inside Actors Studio. Um suarento N bombando para cima e para baixo, para cima e – lá vai minha imaginação! – pelo centro de East Hampton com sua bicicleta velha de dez marchas Schwinn. O que aconteceu com o Range Rover? V na Bonita, aquele lugar mexicano minúsculo e rústico em Williamsburg, pedindo a alguém para limpar a mesa antes de ela se sentar. Talvez B tenha mesmo se livrado dela. D rodando pela West End Avenue durante horas – aliás, onde é que ele ia estacionar aquele gigolomóvel Buick azul que ganhou de presente de formatura?

É só por hoje. Fui. Afinal, você não precisa ser um nerd em matemática do MIT para perceber que só temos 11 semanas de verão - só 77 dias – antes de termo que lutar com coisas como alojamentos mistos, correr atrás de um diploma em design de moda e talvez um tórrido caso extracurricular com aquele inglês professor de literatura provavelmente-gracinha-debaixo-do-blazer-de-tweed-e-gravata-borboleta. Mas não vamos nos precipitar: está quente lá fora e as coisas já estão começando a ferver. A vida é cheia de mistérios – para não falar de meninas lindas com biquínis de bolinhas e gatos de calções de surfe em tom pastel. O verão, com sua ausência de regras e agendas, proporciona o cenário perfeito para um mau comportamento daqueles. Neste exato momento, estou pegando

meus gigantescos óculos de sol Gucci rosa claros, uma exemplar da Elle francesa, um pouco de protetor solar Guerlain FPS 45 e uma confortável toalha Missoni listrada de tangerina e turquesa e chegando no parque. Em que parte do parque? Não gostaria de saber?

Para você que me ama,  
gossip girl

### *eles estão em lua-de-mel*

- Bom dia, senhora! – trinou uma voz de mulher com um sotaque britânico superpetulante.

Blair Waldorf suspirou e se virou de lado. Estava em Londres há três dias, mas ainda não se livrara do Jet lag. Mesmo assim, ela não ligava: era um preço pequeno a pagar para ver seu namorado inglês de sangue azul e lindo-feito-um-astro-de-cinema-mas-da-vida-real, lorde Marcus.

Wendy, uma das três camareiras cujos serviços 24horas acompanhavam a suíte na cobertura de Blair no Claridge, estalou os sapatos pelo piso de madeira clara e depositou uma bandeja de mogno pesada na cama king size, que era tão grande que Blair dividia em quatro partes: uma para dormir, uma para comer, uma para ver TV e uma para o sexo. Até agora, esta parte da cama continua sem uso. Wendy puxou as cortinas de veludo marrom na enorme parede de janelas, inundando de luz o quarto imenso. A luz refletiu-se no teto opulento de filigrana de ouro e quicou nos espelhos de moldura dourada que revestiam o quarto de vestir anexo.

- Ai! – gritou Blair, puxando na cabeça um dos suntuosos travesseiros de penas de ganso para proteger os olhos do sol.

- Café-da-manhã, como foi solicitado, Srta. Waldorf – anunciou Wendy, erguendo a tampa de prata da bandeja e revelando uma mistura nojenta que mais parecia vômito de ovos pochê, enormes salsichas gordurosas e uma poça de tomates cozidos.

A clássica cozinha inglesa. Nham.

Blair ajeitou o cabelo castanho amarfanhado e as alças da camisola rosa Hanro que usava para dormir. O aspecto da comida era repugnante, mas o cheiro era delicioso. Ah, bem, ela merecia uma festinha, não é? Ela ficou com um apetite danado na véspera, andando por West London, vendo os pontos turísticos.

Se é que se pode chamar de Harrod's, a Harvery Nichols e a Whistles de pontos turísticos.

- E seu jornal – acrescentou Wendy, colocando o International Herald Tribune na bandeja com um floreio. Blair solicita-ra o jornal quando fez o check in – afinal, uma mulher de Yale tinha que se manter em dia com os acontecimentos mundiais. E daí que ela não passasse exatamente pela parte de leitura?

- É tudo, senhora? – perguntou Wendy com formalidade.

Blair assentiu e a camareira desapareceu na sala de estar. Blair espetou uma das enormes salsichas com o garfo e pegou o jornal, olhando a primeira página. Mas a letra minúscula e as fotos caretas eram tão chatas que ela não conseguia se concentrar. O único jornal que leu na vida era a seção “Sunday Styles” do New York Times, pelo menos para dar uma olhada nas fotos dos eventos filantrópicos em busca de rostos conhecidos. Aliás, por que

uma mulher do mundo como Blair precisava ler o noticiário internacional? Ela era notícia internacional.

Blair sempre foi impulsiva, mas sua ida a Londres na verdade fora idéia de Marcus. O presente de formatura que ele lhe deu – em vez dos ridiculamente extravagantes brincos Bvlgari- tinha sido uma passagem aérea para Londres. Blair imaginou semanas chuvosas as quais passariam trancados no enorme castelo da pedra de Marcus fazendo sexo de forma ininterrupta como quem acende um cigarro no outro - , parando só para roer um pernil frio de carneiro ou um lanche medieval qualquer que era guardado na cozinha primitiva mas bem fornida do castelo. Mas Marcus andava tão ocupado trabalhando para o pai que só teve tempo para um almoço e um amasso rápido.

Largando o jornal fechado no chão, ela deu uma olhada na mesa-de-cabeceira procurando pela Vogue britânica – Blair se abasteceu de todas as revistas inglesas para saber o que e onde comprar – quando o novo telefone Verty, fino como uma navalha, tocou agradavelmente. Só havia uma pessoa que tinha seu novo número telefônico de Londres. - Alô? – Ela atendeu do jeito mais sexy que era possível quando se estava com boca cheia de ovos pochê.

- Querida – cumprimentou-a lorde Marcus Beaton Rhodes com seu charmoso sotaque britânico. – Estou chegando. Só queria ter certeza de que estava acordada, meu amor.

- Estou acordada, estou sim! – Blair foi incapaz de controlar a empolgação. Ela passou as últimas duas noites sozinha e sua excitação borbulhava quase num frenesi. Não sabia como eles conseguiram passar aquele tempo todo sem fazer nada. Seria esta a chance dos dois de um interlúdio matinal com roupas íntimas?

- Certo – continuou ele de sua forma encantadoramente franca. – Vou chegar logo. E tenho uma surpresa.

Uma surpresa!, pensou Blair cheia de cobiça enquanto desligava o telefone. Era exatamente esse tipo de despertador que ela precisava para sair da cama. Blair correu até o banheiro, tirando a roupa pelo caminho. Seriam rosas e caviar? Champanhe gelada e ostras? Era meio cedo para isso mas, a julgar pelo último presente que ele lhe dera – os brincos de pérola Bvlgari com pingentes de ouro em forma de B – deveria ser bom. Algum símbolo igualmente requintado de seu amor eterno? Todos em Nova York tinham uma inveja tão insana de seu perfeito namorado inglês que espalhavam boatos de que Marcus já estava noivo. Só havia uma maneira de enterrar esse boato para sempre: voltando a Nova York usando a aliança dele. De preferência um diamante perfeito, de quatro quilates, com lapidação esmeralda, embora também servisse uma jóia da família. Mas que garota humilde.

De início, lorde Marcus a havia convidado para passar o verão na mansão do pai em Knightsbridge mas, quando a pegou em Heathrow com seu Bentley creme com motorista, ele a levou direto ao Claridge. “Simplesmente não temos quarto, meu amor”, sussurrou Marcus diretamente na orelha dela, seu hálito quente provocando arrepios na espinha enquanto a recepcionista lhe passava a chave do quarto “Além disso, quando eu vier, teremos total privacidade.”

Bom, é difícil argumentar contra isso.

Blair não tinha certeza de como o pai de Marcus ganhava a vida, mas tinha alguma coisa a ver com ações e, o que quer que fosse, parecia muito intediante. Marcus faria estágio no escritório do pai o verão todo e no final da noite e início da manhã ele mal tinha energia para... o sexo. Blair só havia transado algumas vezes com Nate Archibald e estava para lá

de ansiosa para tentar com alguém mais velho e mais experiente, como Marcus – não que o sexo com Nate tenha sido tão ruim.

Seu tônico de banho de alecrim La Mer e o creme dental de menta Marvis mascararam o fedor de ovos pochê e tomate. Ela correu de volta ao quarto e pulou na cama, usando somente um leve aroma de água de banho lavanda, Chanel n° 5 e os brincos Bvlgari que não tirou desde a festa de formatura no Yale Club, pouco mais de duas semanas antes. Depois de se safar do pequeno apartamento de Vanessa Abrams, sem nenhuma intenção de voltar ao mundo louco que costumava chamar de lar, Blair decidira morar no Yale Club. Ela e lorde Marcus se conheceram no elevador, e o sotaque excitante e os jeans elegantemente passados dele pegaram-na de jeito. Graças ao destino, seus quartos eram vizinhos de porta e ela podia imaginar a sensação do hálito inglês e sensual de Marcus em seu pescoço mesmo antes que eles se beijassem – o que aconteceu naquela mesma noite. Depois de desabafar com ele durante seis ou sete Cosmopolitans, Blair tinha tanta certeza de ter encontrado o amor de sua vida que praticamente se atirou para cima do homem. Ela também estava de porre – e ele era cavalheiresco demais – para que rolasse mais do que um beijo. Mas tudo aquilo está prestes a mudar.

Blair puxou os lençóis sobre o corpo e acendeu um cigarro, assumindo uma pose que dizia, Estou em lua-de-mel e cansada de transar, mas que diabos, vamos fazer de novo. Ela pegou o jornal do chão e abriu a primeira página para dar a impressão de que estava lendo. Pronto. Perfeito. Uma gostosona intelectual. Uma mulher do mundo que lia sobre todas as crises internacionais – e preferia discutir as ditas crises na cama. Se ao menos ela tivesse uns óculos de leitura anos 1950 para empoleirar na ponta do nariz...

E o melhor de tudo era te ver nua com eles!

Como se respondesse a uma deixa, lorde Marcus abriu a porta do quarto e Blair virou a cabeça devagar, como se mal pudesse suportar ser arrancada do déficit do frango na Ásia. Ele usava um paletó de verão cor carvão perfeitamente bem-cortado com uma camiseta James Perse oliva por baixo que deixava os notáveis olhos verdes sérios e profundos e ah-tão-promissores.

- Mas o que é isso? – perguntou ele, franzindo as sobranceiras castanho-douradas. –

Lembra que eu disse que tinha uma surpresa?

- Também tenho uma surpresa para você – piou Blair sensualmente. – Venha ver debaixo do lençol.

- Muito bem – continuou ele meio impaciente. – Bom, vista suas roupas, amor.

- Não quero fazer isso – reclamou Blair com um biquinho.

Ele atravessou o quarto às pressas e a beijou rapidamente no nariz.

- Mias tarde - prometeu ele. – Agora vá se vestir e me encontre no saguão. – Depois ele se virou e saiu do quarto, deixando o corpo perfumado, hidratado e depilado de Blair nu e sozinho.

É melhor que a surpresa seja boa mesmo.

Blair saiu do elevador revestido de madeira usando uma roupa escolhida às pressas: uma túnica Tory Burch chocolate ( obrigada, Harrod's), o velho jeans True Religion, o seu preferido, e tamancos dourados Marc by Mar Jacobs. Parecia uma Jet-setter de férias. Perfeito para um passeio de fim de semana na Tunísia no jatinho particular de lorde Marcus. Será que a surpresa era essa?

O grande saguão de mármore repleto de candelabros do hotel fervilhava de atividade, mas Blair percebeu um silêncio tomando conta da multidão enquanto atravessava o piso

frio, os tamancos batendo sem fazer barulho, até a chaise de veludo preto em que Marcus esperava por ela. Ele estava tão lindo que Blair não pôde deixar de admirá-lo, como se ele fosse uma pintura ou uma escultura rara, e era difícil resistir a passar os dedos pelas ondas espessas de seu cabelo castanho-dourado. Blair estava tão ocupada numa rapsódia mental sobre seu lindo namorado inglês que mal percebeu que ele estava de mãos dadas com alguém que definitivamente não era ela.

Ding, ding. Alô-ô?

Esquecendo-se do passeio romântico à África, os olhos de Blair se estreitaram para a loura cavalgar que segurava a mão do namorado dela. Que porra é essa?

- Blair, enfim – lorde Marcus a recebeu delicadamente, levantando-se, mas sem soltar a mão da companheira. – Esta, minha querida, é minha cara prima Camilla, aquela de quem lhe falei. Minha lama gêmea. Vai passar algumas semanas na cidade. Somos praticamente gêmeos criados juntos! Não é uma surpresa maravilhosa?

- Maravilhosa – ecoou Blair, atirando-se em uma poltrona próxima. Não se lembrava de ter ouvido nada sobre uma prima Camilla.

Mas ouvir nunca foi o forte de Blair.

- Estou encantada em conhecê-la – disse Camilla, fitando-a de cima abaixo com seu nariz comprido e proeminente, o tipo de narigão que nem o melhor cirurgião plástico poderia corrigir. Sua tez inglesa e pálida tinha camadas cômicas de pó compacto bege e blush vermelho. As pernas eram desajeitadamente compridas e finas, como se ela tivesse sido esticada em uma daquelas antigas máquinas de estiramento que Blair tentara encontrar no eBay.

- Mimi apareceu ontem de manhã, sem avisar – explicou lorde Marcus. – Imagine, como uma pária perdida, as malas na mão – ele riu.

- Sim, bom, felizmente posso contar com meu querido Mar-mar para abrir a casa dele para mim – disse entusiasmada Camilla, casualmente passando a mão livre pelo comprido cabelo cor de linho. Cabelo que podia muito bem ser cortado no meio da noite. Peraí – a casa dele?

- Está hospedada na casa dele? – perguntou Blair rudemente, já odiando a Camilla de dentes tortos e seu feio vestido de verão Indian amarelo, que deve custar milhares de dólares, mas parece uma toalha de mesa. – Pensei que não havia espaço disponível.

- Sempre há espaço para a família – respondeu lorde Marcus, apertando a mão em garra de Camilla antes de se virar para Blair. – Não se preocupe, meu amor. Vamos nos divertir muito juntos.

Ah, mas é claro que vão.

### *um é o número mais solitário*

- Archibald! – gritou o treinador Michaels para o telhado.

- Quero ouvir sua bunda preguiçosa pregando aquelas telhas. Agora!

- Sim, senhor! – murmurou Nate Archibald enquanto via o treinador subir em sua minivan azul e dar a ré da pequena entrada de carros, tocando uma animada buzina bip bip bi-bip enquanto acelerava pela rua suburbana de Hampton Bays. Nate podia imaginá-lo tomando Viagra e batendo uma punheta com a pornografia que devia guardar no portafolhas.

Babaca, acrescentou Nate em silêncio. Com o suor fazendo com que os olhos ardessem,



passou a mão na testa e fez uma careta para o telhado escuro. Idiota, disse ele a si mesmo pela centésima vez naquela manhã. Eram só nove horas, mas o sol brutal o golpeava, as telhas ásperas arranhavam seus joelhos e as costas latejavam. Nate se espreguiçou e tirou a camiseta verde-lima Stussy encharcada. Depois largou o martelo e se sentou, embora o telhado estivesse tão quente que podia sentir a bunda queimar através do short.

Ele vasculhou o bolso procurando pelo baseado tailandês amorosamente enrolado que teve a inteligência de colocar ali na noite anterior. Nate pegou o isqueiro amarelo que mantinha enfiado na meia e acendeu o baseado, inalando profundamente.

Acordar e apertar. O café-da-manhã dos campeões.

O que ele aprontou estava lhe custando caro, isso era certo, mas Nate estava decidido a não permitir que nem um único erro sequer estragasse todo seu verão. Seus dias pertenciam ao treinador Michaels, mas as noites ainda eram dele e tinha a casa dos pais em Georgica Pond só para si, uma vez que sua família preferia o isolamento esplêndido da propriedade em Mt. Desert Island, no Maine.

Nate abriu o celular e correu a lista de contatos até chegar à primeira pessoa que ele sabia que tinha casa nos Hamptons. Não fazia sentido desperdiçar uma casa que parecia ter sido construída para a farra.

Sabendo poupar, não vai faltar.

“Oi, é o Charlie”, disse uma gravação. “Vou passar algumas semanas fora do país, mas deixe seu recado que ligo quando voltar. Até mais.”

Droga. Nate desligou sem deixar recado.

Ele correu um pouco mais a lista e deu o número de Jeremy Scott Tompkinson, outro amigo da escola. Nate meio que se lembrava de ouvir alguma coisa sobre Jeremy passar o verão em Los Angeles, fazendo um curso de teatro ou uma idiotice perecida.

O único cara que Nate tinha certeza de que estava nos Hamptons era Anthony Avuldsen, então Nate também tentou o número dele, mas ninguém atendeu. Ele ainda devia estar dormindo: ninguém com alguma coisa na cabeça ia acordar assim tão cedo.

Com uma carranca, Nate deu outro trago no baseado. Podia imaginar a marcha interminável de dias quentes e suarentos e as noites solitárias e silenciosas antes que finalmente pudesse fazer as malas e ir para Yale no outono.

Coitadinho.

De seu poleiro no telhado, Nate podia ver amplo quintal do treinador, o mesmo quintal cuja grama seria encarregado de aparar e cuidar nas próximas semanas. Ele ficara tão preocupado que nem percebeu a melhor parte da cena: a mulher do treinador, deitada junto à piscina, tomando banho de sol sob os brilhantes raios da manhã, de topless. Pelo menos os peitos tinham envelhecido bem. Ele vira A primeira noite de um homem e nunca esteve com uma mulher mais velha. Merdas acontecem. Talvez trabalhar para o treinador a troco de nada não fosse assim tão ruim, afinal de contas.

Ou talvez o sol o estivesse afetando.

### *v namora o destino*

Rebolando só de leve com suas sandálias plataforma Celine pretas peep-toe - tá legal, tecnicamente elas eram da Blair, mas ela sabia que a antiga companheira de apartamento jamais voltaria a Williamsburg para pegar qualquer coisa que tivesse deixado - Vanessa espancava os paralelepípedos do Meatpacking District, o bairro moderninho-demais-

para-um-lugar-que-cheira-a-carne-morta, em direção à porta enferrujada e sem placa do enorme loft que servia de lar e escritório para Ken Mogul.

Apesar das promessas bêbadas da colega de turma Serena van der Woodsen de dar uma palavrinha com ele a favor dela na festa doida de formatura de Blair algumas semanas antes, Vanessa Abrams nunca esperou realmente ouvi falar de Ken Mogul de novo. Naquele mesmo ano, ele tinha se interessado pela carreira dela quando um filme quase pornô que ela rodara de Jenny Humphrey e Nate Archibald namorando no Central Park veio à tona na internet e Mogul tentou coloca-la debaixo da asa da asa dele. Mas Vanessa não gostava da idéia de estar sob a asa de *ninguém*, e trabalhar em uma importante produção de Hollywood em Los Angeles não era a praia dela. Ela era mais uma cineasta de filmes de pombos-mortos-e-camisinhas-usadas do que diretora de megassucessos para adolescentes, mas *Breakfast at Fred's* seria rodado praticamente do lado da casa dela, na Barneys. Era tentador como uma experiência de aprendizado. Ainda assim, alguma coisa a inquietava.

Ela tocou a campainha que trazia apenas as iniciais do diretor e esperou, ajeitando as roupas, nervosa. Quase todas as peças que vestia tinham sido fruto do espólio que Blair deixara para trás. Ela combinou uma camiseta preta sem mangas mayle de gola padre com os jeans pretos surrados, as sandálias Celine de Blair e a bolsa de carteiro de couro cinza-azul DKNY em que Blair costumava levar o laptop. O visual era sofisticado e artístico: ela parecia alguém que não ligava para coisas como um visual sofisticado. Até parece que ela *nunca* ligou para isso.

De repente a porta se abriu e revelou uma garota incrivelmente alta trajando um short supercurto e um top cor-de-rosa. A pele era morena impecável, o cabelo era comprido, preto e perfeitamente liso; e os olhos eram enormes, verdes e cintilavam. Ela sorriu, exibindo uma boca de dentes absolutamente brancos e perfeitos.

Para te morder melhor ainda...

- Sim? – perguntou a deusa da moda afro-asiática com um sorriso duro e hostil. Ela parecia quase um vilão mau daquele game de Xbox, Jade Empire, e Vanessa podia se imaginar sendo decapitada com um golpe daquele punho comprido e magro que poderia a qualquer momento se transformar em uma máquina de guerra.

- Humm, er, vim ver o Ken.

- Entre – murmurou Jade Empire, virando-se. A pesada porta de aço bateu enquanto Vanessa a seguia por uma escada de cimento estreita e entrava em uma sala enorme, desimpedida e brilhante. Uma floresta de colunas de aço enferrujado sustentava o teto em arco, e um monte de janelas dava para uma vista incrível do rio Hudson. o amplo espaço era dividido por uma estante comprida e aberta, lotada de livros de arte e discos de vinil, fotos em porta-retratos e jarros empoeirados. O ultimo disco do Arcade Fire berrava de alto-falantes minúsculos Bose colocados no alto da estante, e a musica ecoava em todo o ambiente.

- Ele está por aqui em algum lugar – explicou Jade Empire, claramente desinteressada – Você marcou hora, não foi?

- Acho que sim.

- Bom, espere um pouco. Ele vai aparecer mais cedo ou mais tarde. Boa sorte com o que quer que seja – a garota deu de ombros, tirou os chinelos chineses amarelos e se arrastou pelas profundezas do loft, desaparecendo atrás da estante.

Vanessa se virou para a parede atrás dela, coberta do chão ao teto com fotos emolduradas de todos os tamanhos. Ela reconheceu algumas – eram assinadas pelo próprio Ken Mogul. Antes de conhece-lo, Vanessa venerava o cineasta e sabia tudo o que ele fizera. O lugar favorito dele era capri, na Itália e, antes de fazer cinema, Mogul fora um fotografo famoso. Misturados com suas fotos de arte de modelos seminuas refesteladas em plataformas de metrô repletas de lixo, havia instantâneos de Ken espremidos em camarotes de boates ao lado de caras famosas como Madonna, Angelina Jolie e Brad Pitt, e David Bowie.

- Está gostando do que vê? – uma voz veio de trás de onde ela estava..

Vanessa se virou e viu a cara tensa e eriçada do próprio Ken Mogul. Ele tinha o habito enervante de parecer não piscar, e fixava seus olhos azuis injetados e esbugalhados nela com um sorriso maluco. Vestia um colete de flanela xadrez e uma calça Levi's velha rasgada nos joelhos.

- A proposta é a seguinte – ele continuou sem esperar pela resposta dela. Ele girou e Vanessa não teve alternativa a não ser segui-lo, passando pela estante enorme e entrando em um escritório gigantesco com uma vidraça do tamanho da porta de uma garagem – Venha. Sente-se – Mogul serviu a Vanessa um copo alto do que parecia chá de hortelã gelado de um jarro de vidro verde e apontou uma cadeira de couro vermelho Eames do outro lado de uma moderna mesa 1950. Serviu um copo para si mesmo e afundou em uma cadeira de escritório, girando-a aleatoriamente antes de se recostar e pousar os pés na mesa.

– É trabalho comercial, é verdade, mas cá entre nós, *Breakfast at fred's* vai arrebentar pra valer. Não diga aos produtores, mas este não é um filme para adolescentes mediano. Estou pensando em Godard. Alguma coisa humana, com humor e bem *dark*.

- Arrã – murmurou Vanessa, bebericando o chá. Não apenas estava distraída pelas obras no escritório do diretor – em cima da mesa, pendurava-se uma foto gigantesca do próximo cineasta, espadanando nas ondas com a nojenta piranhuda da Jade Empire - como Vanessa odiava esse tipo de conversa pretensiosa sobre arte.

É melhor se acostumar com isso, Srta. Faculdade de Cinema NYU.

- E aí, o que você acha? – perguntou Ken, acintosamente aturando meleca do nariz e jogando sua descoberta no chão com um piparote. – Sei que é um grande estúdio, sei que orçamento é gigantesco, sei que é uma comédia romântica. mas tudo isso é motivo para eu precisar de você. preciso de sua visão para me ajudar a produzir algo que vá fazer com que o publico de cinema fique sentado e preste atenção.

Como se ele já não tivesse feito isso.

Vanessa olhou pela janela para o trilho elevado do trem que foi abandonado há décadas e agora exibia arvores e mato, e um prédio grande em construção na quadra ao lado. Era tudo o que ela abominava: uma comédia romântica para adolescentes, de um grande estúdio. Mas Ken Mogul *precisava* dela; quantas calouras de NYU podiam dizer a mesma coisa? Além disso, parecia que seria tremendamente divertido e ela não tinha porra nenhuma para fazer no verão todo. Foi por isso que ela veio aqui hoje, antes de mais nada: por tédio puro.

Ela deu as costas para Ken.

- Tenho que pensar no assunto.

Ken tirou os pés da mesa e mexeu em seus papeis, por fim desenterrando um maço amassado de cigarros. Colocou um cigarro na boca, mas não acendeu.

- A protagonista devia ser a minha mulher – continuou Ken - , mas, como você já sabe, decidi ir por outro caminho.

- Mulher? – Vanessa mal conseguia acreditar que alguém sonharia em se casar com uma aberração neurótica, presunçosa e de olhos esbugalhados como Ken Mogul.

- A Heather. Acho que ela a recebeu aqui.

A Miss Simpatia era a Sra Mogul?

- Ah, sim – Vanessa não resistiu a dar outra espiada na foto de nu atrás da mesa. Parecia cena de um filme pornô pirata.

*Pirados do Caribe*

- Bom, agora ela não está falando comigo porque decidi escolher a Serena. Serena vai ser grande. E você também.

- Fico honrada – respondeu Vanessa – De verdade. Mas você terá que me deixar pensar, está bem?

É melhor pensar rápido, querida. Hollywood não espera por ninguém.

### ***S se muda***

-Vou para a rua 71 Leste, 169 - disse Serena van de Woodsen ao taxista enquanto subia ao banco traseiro de vinil preto do táxi. Ela abriu a janela e deixou que o ar quente da manhã soprasse no seu rosto. Aaah, o verão. Em toda a sua vida, verão significava festas na casa de verão de sua família em Ridgefield, Connecticut, ou tardes longas e ensolaradas no parque, lendo W antigas e chupando picolés com Blair. Agora, pela primeira vez na vida, Serena tinha um emprego. Ela virou um envelope grosso de papel pardo nas mãos e tirou a carta que já lera várias vezes.

Holly: Você deve sofrer por sua arte. Deve SER sua personagem. Faça as malas, a chave nesse envelope são de sua nova vida - a vida original de Holly. A gente se vê. Kenneth. Era uma carta estranha, sem dúvida nenhuma, mas o que mais podia esperar de em excêntrico mundialmente famoso como Kenneth Mogul? Ele era o diretor dela, então Serena deduziu que era melhor fazer o que ele mandava.

A garota deu um tapinha nas duas velhas bolsas de viagem Kate Spape listradas de vermelho e monogramadas ao lado dela. Ainda tinham o cheiro delicioso de mar e bronzeador e continham um estoque de calcinhas Cosabella, uma camiseta antiga da Brown, de Erik, que ela roubou da última vez que o irmão esteve em casa, um vestido leve de verão Milly, os chinelos de dedo Michael Kors mais confortáveis que tinha, um vestido de jersey xadrez preto e rosa Cynthia Vincent, os confiáveis jeans Seven, um segundo par de chinelos de dedo, só para garantir, e um tpo branco bordado Viktor e Rolf. Só o básico.

Ela olhou pela escadaria do Metropolitan Museum of Art, as arvores luxuriantes do Central Park, os grandes edifícios na rua 72, a vista panorâmica da Park Avenue e depois as torres modernas, desconhecidas e feias da Terceira Avenida. Eca.

-Chegamos, senhorita- anunciou o taxista, sorrindo para ela pelo retrovisor com uma boca cheia de dentes capeados em ouro. Um dente, até trazia a inicial Z gravada. Talvez de Zorro, ou de Zeus?, perguntou-se Serena.

-Ah- ela sacou a carteira vinho Bottega Veneta e folheou as cédulas. Depois saiu do táxi, equilibrando as bolsas abarrotadas e olhou as casas cor de betume, procurando pelo numero certo.

Havia o numero 171 e havia o numero 167, mas havia alguns prédios sem numeração entre os dois e ela não conseguia saber qual era o dela. Serena acomodou as malas na escada mais próxima e se sentou. A julgar por alguns prédios baixos, que mais pareciam caixotes, o lugar para onde se mudara não era exatamente parecido com o que estava acostumada. Ela pegou um cigarro e acendeu, dando um passo para o lado enquanto um jato de fumaça cinzenta de cheiro estranho saía de uma grande sarjeta.

Acorda, Dorothy Você não esta mais no Golden Mile.

Era engraçado como tudo podia mudar com tanta rapidez – ela estava deixando se ser Serena van de Woodsen, veterana da Constance Billard e às vezes modelo, para ser Serena, a atriz com emprego. Não parecia ter passado tanto tempo assim desde que suas maiores preocupações eram se lembrar onde seria a liquidação de Catherine Malandrino este mês, ou brigar com Blair na sala Vip da Marquee, ou namorar Nate sempre que ele quisesse- o que, por algum tempo, significa em algum lugar e o tempo todo.

É uma vida dura mesmo.

-Perdida?

Serena olhou para cima... e para cima, e mais para cima. Pairando acima dela havia um cara incrivelmente alto de ombros largos, cabelo castanho-escuro com um corte formal, uma covinha no queixo largo e lindos olhos azuis. Vestia um terno cinza e gravata azul-marinho, mas o sorriso era tão charmoso que ela ficou disposta a deixar para lá o visual de nerd de escritório.

Mas será que ela estaria disposta a deixar para lá o samba-canção xadrez de nerd que ele devia estar usando por baixo?

-Estou procurando por este endereço - suspirou Serena, passando ao estranho as chaves com número 169 pintado em vermelho.

Algumas garotas sabem mesm como bancar a "donzela em apuros".

- Bom – ele sorriu -, acho que sei exatamente onde fica esse prédio. Porque eu na verdade meio que moro lá – ele estendeu a mão para ajudar Serena a se levantar.- Oi meu nome é Jason Bridges.

- Serena van der Woodsen – respondeu ela, alisando a saia Lilly Pulitzer verde, dando o sorriso tímido de garota ingênua de olhos arregalados que fez a fama de Audrey Hepburn. Não surpreende que ela tenha conseguido o papel.

Exatamente como Holly Golightly, Serena era uma mestra do ela-não-pode-ser-tão-linda-e-ter-essa-sedução-inocente que fazia os homens voarem por cima dela.

- Bom, Serena. Jason se curvou para pegar as duas bolsas abarrotada. – Vamos para casa. Ele abriu a porta do número 169, o prédio branco com ornamentos pretos e hera crescendo na lateral. Ele manteve a pesada porta preta para que Serena pudesse entrar primeiro.

Um verdadeiro cavalheiro!

- E ai – começou ele enquanto a porta se fechava às suas costas. – Veio visitar a Therese?

- Não – Serena franziu a testa enquanto inspecionava a escada de madeira rangente do vestíbulo, iluminada somente por um lustre bonito e escuro de ferro batido. Todo o lugar lembrava uma senhora morta, como se estivesse entocado desde que a dona morreu, trinta anos atrás. E, no entanto, ainda tinha charme e era um tanto grandioso, à sua própria maneira. – Estou me mudando para cá, eu acho.

- Você acha? – Jason riu enquanto começava a subir os degraus de madeira, que gemiam e guinchavam alto. – O que isso quer dizer exatamente?

- Bom – começou Serena -, estou fazendo um file e, hoje de manhã, recebi um bilhete do meu diretor me dizendo para fazer as malas e vir pra cá, e agora estou aqui. Acho que é para me ajudar a entrar no personagem ou coisa do tipo.

- Estrela de cinema, hein? – perguntou Jason.

- Mais ou menos isso – respondeu Serena, meio constrangida.

- Puxa – ele se virou para abrir-lhe um sorriso lento e tímido. – Este é um bom prédio, mas acho que a maioria das estrelas de cinema ia querer ficar em um lugar um pouco mais glamouroso, como o Waldorf ou coisa parecida.

-Vamos fazer uma refilmagem de Bonequinha de Luxo- explicou ela, escolhendo as palavras exatas que Ken Mogul usara para descrever sua estréia de grande orçamento, Breakfast at Fred's. – Era aqui que Holly Golightly morava no filme original, mas acho que você já deve saber disso. É para que eu me sinta como Holly. É meu primeiro filme.

-Ah, é? – perguntou Jason ao chegarem ao patamar, onde faltavam alguns ladrilhos no piso de mosaico preto e branco. –é sobre o quê?

-É sobre uma garota urbana maluca... meu papel... que conhece um cara inocente no interior que está tentando ser ator – ela convenientemente deixou de fora que era o ator super gato Thaddeus Smith. – E aí, uma garota agitada do Upper East Side o atrai com o dinheiro dela... e coisas como almoços no Fred's, o restaurante da Barneys, entendeu? – Serena esperava que o que dizia fizesse algum sentido. Tinha uma tendência a se confundir e perder o fio da meada.

Como se qualquer homem com quem ela falasse ligasse para isso.

Eles subiram outro lance de escada e Serena continuou, começando a se sentir um pouco avoada ao falar.

-A outra garota acaba com a inocência dele, que é, tipo assim, a única qualidade que faria dele um ator de sucesso...e o transforma em uma nova-iorquino entediado. E aí meu personagem aparece para salvá-lo.

- Então isso que dizer que vamos ser vizinhos o verão todo? – perguntou Jason, parecendo adoravelmente esperançoso.

- Na verdade, só por algumas semanas- admitiu ela. Breakfast at Fred's era um filme de grande orçamento, mas Ken só tinha 12 dias agendados para a filmagem.

Eles chegaram a um patamar e andaram por um corredor estreito. Depois ele se virou e a levou por outro lance de escada.

-Até onde vamos?- perguntou-se Serena em voz alta. Ela estava meio sem fôlego.

É melhor largar esses cigarros franceses fortes.

Eles chegaram a outro patamar, andaram por outro corredor e começaram a subir outro lance de escada. Seria possível que ele só a estivesse levando a um covil escuro e oculto onde estuprava mulheres? Ela devia ficar com medo? Tateou o bolso da saia, procurando pelo celular, só para garantir.

-Também estou no meu primeiro emprego- explicou ele. –Sou assistente de verão na Lowell, Bonderoff, Foster and Wallace. O escritório de advocacia sabe? Fiquei por lá até as quatro da madrugada esta noite, e é por isso que estou indo trabalhar só agora. Mas em geral não preciso ficar no escritório até tão tarde.

Enfim eles chegaram ao ultimo andar, onde o teto era baixo e o corredor, escuro. Serena podia ver as bochechas coradas de Jason. Ela não tinha certeza se todo aquele tom avermelhado era por causa de toda aquela escada ou por causa dela.

-Chegamos- anunciou ele.

Serena destrancou a porta e a abriu. Jason a seguiu para dentro e colocou as malas dela no chão com um baque que ecoou nas paredes do apartamento vazio. Duas lâmpadas nuas de projetavam no teto cor de mijo, que tinha tantas manchas de água que quase se igualava ao padrão laranja-e-amarelo desbotado com que fora pintado.

-É legal- observou ele corajosamente.

É mesmo?

Serena andou pela sala do apartamento, quase perdendo o equilíbrio no piso de madeira rachado e torto. Três janelas davam para a rua, com telas puídas e uma vista para o sólido asilo de tijolos aparentes do outro lado da rua. Do lado de fora da minúscula janela da cozinha, Serena reconheceu a saída de incêndio de Bonequinha de Luxo, onde Holly tocara o bandolim e canta Moon River. Blair ia as lágrimas sempre que via esta cena. Serena abriu a janela. O apartamento tinha um cheiro velho e caustrofóbico que dava ânsias de vômito, como de pés suados e sardinha.

-mas cadê a mobília?- perguntou ela, a voz perigosamente perto de um gemido.

E quem é esse? Acrescentou Jason ao ver um gato preto que vagava pela sala, vindo do quarto nos fundos do apartamento.

Bom, isso explica o cheiro.

Serena pegou o maço de Gauloises e meteu a cabeça para fora da famosa janela da cozinha, esperando se sentir inspirada, mas só se sentiu nervosa e meio perdida. Por que é que ela estava aqui mesmo?

Porque estava prestes a estrear um filme grande- alôôô!

-Ele é bonitinho- na cozinha, Jason se abaixou para afagar atrás das orelhas do bichano.

Serena se virou, acendendo o cigarro enquanto via o vizinho de cabelos escuros e olhos azuis brincando com o gato, que aparentemente também morava no prédio.

Viu só? Nem toda vista é tão ruim.

### ***d aprende a arte do atendimento ao cliente***

-Com licença, senhor, pode me dizer onde posso encontrar livros de romance?

Daniel Humphrey estava agachado no chão, certificando-se de que as biografias estivessem ordenadas por assunto, e não por autor. Quando se trabalha na Strand, a melhor - e maior livraria de NY, era importante dar atenção a detalhes como a arrumação correta das biografias.

Essas coisas que ele acha esxitantes.

-Pode ser que tenhamos alguns na estante perto da escada, mas não temos uma seção de livros de romance- explicou Dan, incapaz de econder seu desagrado.

-Obrigada- respondeu a mulher alegremente enquanto se afastava para procurar pelos livros empoeirados de Johanna Lindsey e qualquer coisa de Nora Roberts que ainda restasse nas prateleiras.

A Strand era lendária não só por seu catálogo incrível, mas também por seus funcionários muito instruídos e altamente mal-humorados, e Dan ficou emocionado por ter conseguido o emprego. Vira o cartaz procurando por um ajudante depois de deixar a irmã, Jenny, no aeroporto Kennedy para sua viagem repentina para visitar a mãe em Praga e fazer um curso de arte, e ele estava se sentindo meio para baixo com relação ao que faria do próprio verão. Quando viu o cartaz na vitrine da loja, parecia um sinal divino.

Agora aqui estava ele, arrumando livros nas estantes da melhor loja da cidade. Mas,

comparada com outras livrarias, a Strand tinha clima zero. Não havia música, nem café. Só filas e mais filas de estantes desiguais abarrotadas de livros.

Empurrando um carrinho rangente lotado de livros empoeirados, Dan seguia pelo corredor estreito da seção de biografias. Seu trabalho envolvia passar muito tempo sozinho e ignorar os clientes, o que lhe dava muito tempo para pensar em literatura, em sua poesia, como seria o Evergreen College em Washington e principalmente como seria seu último verão em NY- e o último verão com Vanessa. Ele provocou um escândalo e tanto na formatura quando declarou que não ia se matricular em nenhuma universidade para poder ficar ao lado dele, mas, no final das contas, estava ansioso para ir para o Oeste no Buick Skylark azul-metálico 77 que o pai lhe dera de presente de formatura. Era o carro perfeito para uma viagem; ele seria como Jack Kerouac em On the Road - Pé na Estrada, rasgando as rodovias e fazendo amor ao céu aberto com as palavras que rastejavam sua mente sempre que ele dirigia. Ia deixar poemas para todas as mulheres que conheceria -o amante misterioso que elas nunca tiveram. Até lá, ia ter o último verão perfeito na cidade com Vanessa, seu primeiro amor.

Dan pegou no alto do carrinho um exemplar de Life of Johnson, de Boswell, e se agachou no piso de madeira empoeirado da loja tentando encontrar o local a que pertencia. Sua mente começou a vagar enquanto lhe vinham as palavras:

Mãos quentes giram o volante

Você é meu câmbio, meus pedias

Agite a poeira. Desejo. Que ele dure.

é claro que era meio brega, mas, meu Deus, era assim que ele se sentia nesse exato momento. Começou a fazer uma lista mental de encontros românticos clássicos em NY: ver Shakespeare no Central Park, passear na balsa para Staten Island só por prazer, ver o sol nascer na ponte 59 exatamente como Woody Allen e Diane Keaton em Manhattan. Talvez uma ida a Jones Beach, em Skylark, o vento salgado soprando pelas janelas abertas, o cabelo de Vanessa voando atrás deles... tá legal, bom, o não-cabelo dela - ela basicamente não tinha cabelo nenhum -mas talvez pudesse usar uma echarpe de seda comprida.

Ele podia ver agora. Seria o verão mais romântico do mundo.

Será qualquer coisa, isso é certo.

-Com licença, vocês têm a edição condensada de Ulisses? –sussurrou uma voz aguda de homem, mal podendo ser ouvida, interrompendo os devaneios de Dan.

Edição condensada de James Joyce? Que horror!

Dan fez uma careta para o cara gótico que parecia um nerd e pediu sua ajuda. Ele segurava uma lancheira do Batman, e Dan percebeu que não era nem tão nerd nem tão gótico quanto inútil.

-Por que não tenta ler o livro de verdade? –respondeu ele com desdém.

O inútil, que provavelmente era mais velho do que Dan –um aluno da NYU, talvez, ou um babaca pobre matriculado em uma escola de verão para finalmente poder se formar aos 23 anos –deu de ombros.

-é chato.

Dan queria dar um murro na barriga dele, mas, de repente, percebeu que era o seu trabalho –não, seu dever –fazer com que o babaca lesse. Ele se levantou.

- Siga-me.

Elelevou o gótico desmiolado a uma salinha dos fundos cheia de clássicos encadernados



em couro e encontrou um exemplar da Everyman's Library da obra-prima de Joyce. Dan começou a ler em voz alta uma página escolhida por acaso:

-Toque-me. Olhos suaves. Mão macia macia macia. Estou solitário aqui. Ah, toque-me logo, já. O que é essa palavra que todos os homens conhecem? Estou em silêncio aqui sozinho. Triste também. Toque, toque-me. -Dan parou e ergueu os olhos. - Ah qual é, você sabe que quer - insistiu ele.

O garoto parecia apavorado, provavelmente suspeitando de que Da era um espécie de pervertido literário que andava pela Strand. Ele largou a lancheira do Batman e fugiu. Dan se sentou no chão para terminar a página. Tinha que admitir que James Joyce sempre o deixava ligado.

Sim, será um verão deveras interessante.

### *um capacete é quase tão importante quanto uma camisinha*

Nate se levantou nos pedais da Schwinn, empurrando-os para cima e para baixo com os pés, e depois se acomodou de novo no selim de couro desconfortável. Ele gostava de andar de bicicleta desse jeito –pedalar o máximo que podia e depois se sentar para sentir a brisa quente de verão na cara. À direita, as ondas quebravam na praia. À esquerda havia um vinhedo cheio de uvas Chardonnay. O ar cheirava a sal e carne grelhada. Ele ouviu o esmagar agradável do cascalho da estrada sob as rodas e sorriu preguiçosamente.

O baseado da manhã tinha feito o truque e, no final do dia, ele estava meio que curtindo o que devia ser seu castigo de verão. Havia alguma coisa de tranquilizadora no trabalho braçal. Desde a oitava série, ele passava o verão ajudando o pai a construir seu veleiro, o Charlotte, na propriedade da família em Mt. Desert Island, no Maine, e as tardes trabalhando na casa do treinador Michaels meio que o lembravam daqueles verões, embora o cenário –filas de casas e praias superpovoadas – não fosse lá tão sereno. Ainda assim, não havia nada como o trabalho pesado, o sol e a recompensa de uma Stella Artois gelada quando o dia acabava; e nenhuma distração.

Não havia aulas com que se preocupar; finalmente terminara a escola e Yale parecia mais distante. Blair, a garota que Nate tinha certeza de ser o amor da vida dele mas com quem aparentemente nunca conseguia ficar, estava na Inglaterra com o namorado novo e aristocrata, provavelmente fazendo compras, comendo bolinhos e bebendo um monte de chá. Serena estava na cidade tornando-se uma estrela de cinema e Jenny, a caloura incrivelmente bem dotada com quem de certo modo se envolvera no inverno passado, tinha embarcado para a Europa. Ele estava melhor longe daquelas três.

Ele sorriu, percebendo que o verão seria todo assim: dias de trabalho pesado; idas de bicicleta pra casa; depois um banho, um baseado e talvez algum tempo sozinho, era tudo que precisava. A casa do treinador ficava em Hampton Bays, vários quilômetros distante de sua casa em East Hampton, mas era como se fosse um mundo diferente, com suas casas de subúrbio, minivans e shoppings. Era o tipo de lugar que o ajudaria a refocalizar neste verão; este era seu plano. Ele não estava de olho em nenhuma menina em particular e, de qualquer forma, elas só tendiam a criar problemas para ele. Talvez ele ficasse melhor sozinho mesmo.

Até parece que algum dia ele ficou sozinho por mais de trinta segundos.

Nate teve que descer e empurrar a bicicleta por uma ladeira particularmente íngreme, ofegando com o esforço. É nisso que dá apertar três baseados por dia.

Sem fôlego e suando, ele subiu na bicicleta de novo no topo da colina e desceu solto, deixando que a gravidade fizesse o trabalho. Olhou para baixo e beliscou o antebraço para ver se a pele rosada ficava branca quando a tocava. Era uma coisa que Blair costumava fazer com ele quando iam à praia juntos. Depois de declará-lo queimado, ela o lambuzava delicadamente com o extravagante protetor solar que sempre sacava da bolsa. Ele beliscou o antebraço novamente. Definitivamente um pouco assado.

É nisso que da esquecer o Coppertone!

Depois olhou para cima e percebeu que estava disparando para o acostamento da estrada. Ele empurrou o guidon, virando para a estrada, mas estava tão rápido que derrapou. Feio. Houve um aplauso educado, como em uma partida de golf. Nate olhou e percebeu que tinha se estabacado no estacionamento na frente do Oyester Shack, um restaurante de frutos do mar de ripas cinzentas a meio caminho entre a casa do treinador e a propriedade da família Archibald perto de Georgica Pond, em East Hampton. Um grupo de garotos, que pela idade deveriam estar no ensino médio estava sentado a uma mesa de piquenique tomada de garrafas suadas de cerveja e cestos de frituras, e todos o encaravam.

-Merda - murmurou Nate. Pequenos seixos estavam incrustados nas palmas das mãos e ele rasgou a camiseta verde-lima Stussy com que trabalhara o dia todo. Espanou a terra das mãos e olhou as calças cáqui cortadas – nenhum dano ali.

Deixa estar que Nate Archibald fica ainda melhor coberto de suor, sangue e sujeira.

Ele agachou para examinar a roda dianteira da bicicleta. Estava torta.

- Tombo feio.

Nate olhou. A voz pertencia a uma loura curvilínea de olhos azuis que usava o cabelo cacheado preso num rabo-de-cavalo apertado e envolto numa bandana vermelha. O top rosa tinha um decote perigosamente baixo e a minissaia de brim era promissora curta. Uma mancha de batom se destacava na Coca que ela segurava na sua mão esquerda. Ela estendeu a mão direita para Nate, as unhas longas e perfeitamente pintadas do mesmo tom de vermelho da lata.

- Ignore os meus amigos – disse-lhe ela, como quem se desculpa.

A pele da garota era do mesmo bege dourado de qualquer outra que usava o mesmo tom de autobronzeador Clinique, mas por baixo do bege havia uma tintura de sardas que cobriam o nariz, as bochechas, os ombros, os braços, e o peito. Nate soube, pela Blair, que em geral as meninas eram mais complicadas do que pareciam à primeira vista, e estas sardas proeminentes da garota pareciam sugerir que ela era mais do que uma típica gata de Long Island.

Nate sorriu ao apertar a mão dela e deixou que ela o ajudasse a se levantar.

- Tudo bem, sem problema – respondeu ele timidamente.

- Vai precisar dar uma olhada nisso – aconselhou a Sardenta, indicando a bicicleta com um movimento de cabeça.

- É – murmurou Nate. Não estava preocupado com a bicicleta. A única coisa que parecia digna de olhar estava bem na frente dele.

- Meu nome é Tawny. Sei de um lugar onde você pode concertar a bicicleta. Mas talvez eu vá comprar um sorvete primeiro.

Tawny? Isso não significa “castanho-claro”? E não é exatamente essa a cor do autobronzeador?

- Claro – ele tinha fumado o baseado da manhã antes de sair da casa do treinador e este poderia ter sido o motivo do acidente, e um sorvete parecia mesmo muito apetitoso. – Meu

nome é Nate.

- E qual é sua historia Nate? Nunca vi você por aqui – perguntou Tawny enquanto saltitava pela rua até uma casinha de um azul desbotado tão pequena que parecia ter saído de um desenho animado. Alguns garotos estavam empoleirados no degrau, lambendo sorvete de morango de casquinha.

- Dois de baunilha – ronronou Tawny ao menino gorducho atrás do balcão. Tawny tinha uma leve sugestão de aroma, mas Nate não conseguia definir o que era.

- Não tem historia – Nate chutou preguiçosamente a lateral da casa de desenho animado com a ponta dos Stan Smith surrados. Ele queria passar as mãos pelos braços sardentos quentes dessa garota.

Tawny se ajoelhou, sorriu, e colocou uma nota de cinco dólares no balcão, estendendo o braço pela janela para pegar duas casquinhas pontudas com duas bolas de sorvete cremoso branco. Passou uma a Nate.

- Obrigado – o sorvete começou a derreter de imediato no sol de final de tarde, escorrendo pela mão de Nate. Ele o lambeu delicadamente.

Tawny tocou o joelho arranhado dele com delicadeza. Havia alguma coisa no modo como ela fez isso – uma possessividade? Uma certeza? Um je ne sais quoi particular – que fazia com que ele se lembrasse de Blair. Mas esta menina não era nada parecida com Blair: a Blair nunca usaria um top cor-de-rosa, nem deixaria um sorvete de casquinha derreter em sua mão, nem... pagaria a comida do primeiro encontro.

Encontro? Mais que coisa rápida

- Você está bem? – perguntou Tawny colocando-se de pé. Ela lambeu os lábios cor-de-rosa. Será que os peitos dela também eram sardentos? As mãos dele coçavam só de pensar nisso.

- Estou feliz de verdade por ter conhecido você – disse Nate, meio abobalhado. Ele limpou o queixo com um guardanapo. – A gente devia sair nesse verão.

Um recorde mundial: Nate Archibald conseguiu ficar longe das mulheres por três minutos inteiros.

### ***o amor não mora mais aqui***

Vanessa bateu a porta do táxi enferrujado e olhou a fachada de tijolinhos desgastados de seu prédio em Williamsburg, ainda remoendo a oferta de Ken. Ela queria ter alguém com quem se aconselhar, mas sabia que não podia ligar para os pais em Vermont. Eles só dariam um sermão sobre arte, comércio e "responsabilidade criativa". Ela queria a irmã, Ruby, estivesse aqui - era a única em quem Vanessa realmente confiava para conversar sobre essas coisas.

Uma station wagon branca Ford, com pára-brisa quebrado, estava estacionada na frente do prédio a semanas. Falatava uma das portas traseiras e os bancos estavam cheios de sacolas de lixo e cobertores velhos. Alguém deve estar morando ali. O que explicaria o fedor de urina que cercava o carro.

Que legal.

Vanessa abriu as complicadas trancas e fechaduras do prédio e subiu a escada, hesitando a meio caminho. Havia vozes vindo de dentro do apartamento dela. Será que ela deixou a TV ligada? Foi até a porta na ponta dos pés e escutou, prendendo a respiração. Sim,

definitivamente eram vozes, definitivamente vinham lá de dentro e havia alguma coisa muito familiar em uma delas.

A irmã mais velha de Vanessa tinha saído numa turnê repentina com a banda pela Europa, a SegarDaddy, por oito semanas. De vez em quando aparecia uma postal de Madri ou Olso na caixa de correio e elas se falaram no telefone uma vez, no estilo de vida roqueira na estrada não motivava tanto manter contato.

Vanessa abriu a porta toda animada.

- Ruby! – gritou Vanessa, vendo a irmã numa calça de couro rosa e o cabelo no novo tom, também rosa. Parecia quase iridescente. – Não acredito que você voltou\_

- Oi – cumprimentou-a Ruby casualmente do sofá. Estava largada sobre um cara magrelo que estava com a barba por fazer que usava uma calça de couro preto igual a rosa de Ruby. Ela tocou a ponta do cigarro, dando a ele a dica de que devia acendê-lo. Ela não se levantou para abraçar a irmã, e seu tom de voz era completamente indiferente, como se Vanessa tivesse ido ao mercado ou coisa assim.

- Humm, oi? – Vanessa ficou meio confusa. Ela fechou a porta do apartamento ao entrar.

- O que é que ta rolando, mana? – perguntou Ruby, dando baforadas em seu Marlboro enquanto olhava a decoração blairificada do apartamento. – Estou vendo que andou dando uma redecorada por aqui.

Vanessa não queria ficar de papinho sobre as reformas de Blair. Ruby estava de volta exatamente quando ela mais precisava da irmã!

- Acorda, você voltou! É isso que ta rolando. Como foi a turnê?

A irmã mais velha deu de ombros.

- Berlim, Londres, Paris, Budapeste. A gente arrasou. Foi incrível.

- Por todo o percurso, a conquista das estrelas de rock. Meu nome é Vanessa – ela andou até onde estava o cara em que Ruby estava sentada. Ele não olhou para ela nenhuma vez.

- Este é Piotr – explicou Ruby, balançando a bunda em couro rosa ao falar o nome dele, como se isso deixasse qualquer uma ligada. – A gente se conheceu depois do nosso show em Praga.

- Ê aí – respondeu Piotr com um sotaque forte, exalando uma nuvem de fumaça ao falar. Mas que encanto.

- O apartamento ficou legal – Ruby parecia cética. Ela olhou a sala. – Mas como pagou tudo isso? Os moveis, as cortinas?

- É uma longa história – respondeu Vanessa, encostando na parede pintada de lavanda e tenta olhar para outro lugar, menos o sofá de camurça castanho-claro onde o estranho descabelado do leste europeu estava estatelado debaixo da irmã.

- Como a historia de onde conseguiu esses sapatos? – perguntou Ruby, atirando a cabeça rosa para trás. Era da mesma cor do chapéu Willy Wonka. – E esse top? Meu Deus, olho só você. Está um verdadeiro clichê da moda.

- Tive uma reunião.- Vanessa ficou magoada. Por que Ruby estava sendo tão cretina? Se ao menos aquele imbecil entre as pernas dela saísse para elas poderem conversar.

- Vamos bater um papinho? – Ruby desceu do colo de Piotr. Ela indicou a cozinha com um movimento de cabeça.

Vanessa a seguiu, perguntando-se quanto tempo Ruby ia ficar em casa. Elas se encostaram na barraca de fórmica.

- Vocês dois parecem muito... sérios – observou Vanessa.

- É amor - murmurou Ruby pensativa, parecendo surpreendentemente nada roqueira. Ela

deu uma meia pirueta e depois parou, pseudoconstrangida, e se encostou na bancada de novo.

- Que legal – respondeu Vanessa, irritada. Afinal, não parecia que as duas iam fazer nada que lhes ligasse como irmãs. Ela mexeu no galheteiro da estatua da Liberdade quem Dan lhe dera em um ataque de breiguice romântica.

- Bom, o apartamento está ótimo, mesmo que não seja o que eu esperava encontrar ao voltar para casa – comentou Ruby. – Mas detesto pensar que você teve esse trabalho todo quando...

- Quando o quê? – perguntou Vanessa, desconfiada.

- Eu não queria dar más notícias, mas... Piotr vai ficar um tempo aqui. Algumas galerias estão interessadas nele... Ele é pintor, eu te contei? Faz nus monolíticos com os caninos. É grande na cena underground de Praga e espera estourar em Williamsburg.

Vanessa não tinha lá muita certeza do que significava “nus monolíticos com caninos”, mas podia imaginar Ruby pegando emprestado o pit bull de alguém e posando para ele com a bunda de fora, os dentes a mostra.

- Que bom para ele.

- Bom, eu meio que pensei que ele vai ficar aqui comigo – murmurou Ruby.

- Vai ficar meio apertado – murmurou Vanessa em resposta. – Mas isso é legal. Vamos dar um jeito.

- O caso é o seguinte – corrigiu-a Ruby.- Piotr vai precisar de um ateliê. E como ele não pode alugar um, pensamos... em converter o outro quarto, o seu quarto no ateliê dele.

-Co-mo-é-que-é?

- Peraí, como é, você está me expulsando? – Vanessa parou de mexer no galheteiro e se virou para olhar a irmã. Ela morava com Ruby desde que tinha 15 anos. Aquela também era a casa dela.

-Bom, esta sempre foi uma solução temporária. Sabe como é, tipo assim, enquanto você estivesse na escola. Mas agora que você se formou, está na hora de cuidar de si mesma, como eu fiz quando tinha 18 anos.

- Legal – rebateu Vanessa. – Mas que ótimo. Entendi, eu sou adulta e agora tenho que me virar sozinha. Saquei.

-Não fique assim – pediu Ruby, cheia de culpa. – Vamos nos sentar e conversar mais um pouco.

-Não, tudo bem, é sério. Só vou pagar as minhas coisas e deixar o Pita Bread ou seja lá qual é o nome dele em paz.- Tremendo um pouco, Vanessa saiu da cozinha num rompante e foi para a sala, onde o cara de Pizza estava sentado fumando um cigarro Tcheco fedendo a podre. Vanessa pegou a foto de pingüim morto em cima da cabeça dele e a enfiou em baixo do braço. Era sua preferida ela não ia deixar ali para ele copiar em uma das telas dele. Ela podia ver tudo; ele ia ficar conhecido com o artista do “pingüim morto”, quando o tempo todo o pingüim morto dela e a porra do apartamento dela.

Alguns minutos depois, Vanessa descia a escada, carregando o equipamento de filmagem e uma gigantesca bolsa preta de viagem. Ela irrompeu o sol da tarde e caminhou pela Bedford Avenue, desviando-se de transeuntes indiferentes com roupas moderninhas e com pilhas de cocô de cachorro e se perguntando para onde exatamente ela iria.

Vanessa largou suas coisas no chão esse sentou, usando a bolsa abarrotada como banco. Pegando o celular no bolso, apertou a discagem rápida. Houve dois toques e depois o som familiar da voz de Dan.

- E aí?

- Minha irmã me expulsou- a voz dela falhava. Vanessa tentou desesperadamente não chorar. – E não tenho dinheiro nenhum, não tenho para onde ir e não sei o que vou fazer. Imagina-se que ela vá aceitar o emprego.

### *e de espiritualidade, entre outras coisas*

- Oi – sussurrou Dan no celular Nokia enquanto se metia atrás de uma estante velha na Strand. Era um tipo de lugar que só podia agradar a um cara que leu Hamlet cinco vezes. – Eu estava mesmo pensando em você.

Ele não conseguiu entender a resposta de Vanessa: ela parecia sem fôlego e quase às lágrimas.

- Peraí, peraí – ele a acalmou. Dan formou uma pilha com biografias de Ronald Reagan e se sentou nela. – Calma. Não estou entendendo nada.

- Eu disse que fui expulsa do meu apartamento - gritou Vanessa. - Ruby voltou da Europa e agora tem um novo namorado, um babaca de um pintou tcheco, e ela me disse para cair fora.

- Merda - murmurou Dan, olhando em volta. Ele não devia usar o celular no trabalho.

- O que é que vou fazer? Para onde eu vou?

- Que tal a minha casa? - perguntou Dan antes mesmo de ter a chance de pensar no que estava dizendo. Ele passou os dedos em um exemplar de capa dura velho e empoeirado sobre Walt Whitman e pensou em levar para casa.

- Na sua casa? – repetiu Vanessa inspirando piedade. Dan não tinha certeza de um dia ter ouvido Vanessa tão frágil e, embora ele meio que soubesse que era errado, também estava gostando da sensação que isso provocara. Como se ele fosse um garanhão muito macho e ela, frágil e indefesa. Ele tomou nota mentalmente para usar a sensação em um poema.

Mulher de papel de arroz, eu sou a pena, a tinta, o tinteiro...

- Vai ficar tudo bem – ele a tranqüilizou. – Pegue suas coisas, entre no metrô e vá para a minha casa. A porta está destrancada... Você sabe que meu pai sempre deixa aberta. Vou chegar em casa daqui algumas horas.

- É mesmo? – perguntou Vanessa, insegura. Ela sempre foi tão tremendamente independente. Dan sabia que ela odiava pedir qualquer favor. – Tem certeza de que não tem problema com seu pai?

- Vai ficar tudo bem – Dan roçou na poeira da prateleira de cima e ela espirrou em seu olho. Você vai ver. Vou chegar em casa logo. Não se preocupe – ela ele esfregou os olhos, ouvindo Vanessa respirar do outro lado da linha.

- A boa notícia é que Ken Mogul me ofereceu um emprego hoje – Vanessa riu com amargura. – Parece que vou ter que aceitar.

- Isso é demais! – animou-se ele, embora não conseguisse deixar de se sentir meio decepcionado. Ele estava trabalhando e Vanessa também ia trabalhar. Isso definitivamente estragaria seus planos românticos. Quando é que teriam tempo para passear no trem para a ilha de Roosevelt e beber saquê no parque?

- Merda, é a minha chamada em espera – murmurou ela. Dan a ouviu tirar o telefone da orelha. É o Ken. É melhor atender. Te vejo em casa, então? Na sua casa, quero dizer.

- Não – ele a corrigiu. – É sua também.

Ai.

Dan apertou o botão End do celular e se enfiou pelo corredor estreito das biografias. Ele sorria. Talvez a expulsão de Vanessa fosse a melhor coisa que aconteceu aos dois. Morar junto tornaria seu último verão antes da universidade tão íntimo. Seria ainda mais memorável.

Ele pegou algumas biografias de Regan e se abaixou, tentando encontrar um lugar para todas elas em uma prateleira.

- Com licença, estou procurando um exemplar de Sidarta e não consigo achar nenhum. Pode me ajudar?

Dan se levantou da posição agachada, os joelhos estalando, pronto para soltar uma tirada inteligente sobre onde achar uma iluminação. Mas depois de ver a cliente, engoliu as palavras.

Ela era uns dez centímetros mais alta do que ele, com o cabelo louro platinado ondulado preso em um rabo-de-cavalo simples. Vestia uma camiseta de ginástica cinza e um short de brim branco e tinha munhequeiras verdes e brancas nos dois braços. Estava com o cenho meio franzido, mas, mesmo preocupada seus olhos azuis cintilavam. Ela parecia a Marsha Brady, só que mais sensual e de aparência mais suja, como se Marsha Brady estivesse voltando para casa da aula de strip-tease aeróbico.

- Humm, sei – respondeu Dan por fim, aturdido. – é, a gente deve ter um exemplar de Sidarta. Tenho certeza que temos um.

- Ah, que bom – gritou Marsha suja, estendendo os braços e apertando o antebraço ossudo. – Eu quero muito ler.

- Tá – murmurou ele, levando-a das biografias presidências de ficção em brochura. – Na verdade é um dos meus livros preferidos.

Ah, é?

- Ah, meu Deus do céu, é mesmo? – Dan nunca conheceu uma garota que conseguia dizer “ah, meu Deus do céu” e não parecer uma mongolona completa. – Foi muito recomendado por meu iogue.

- Aqui está – anunciou Dan, parado na ponta dos pés e puxando o livro pela lombada fina. Ele o entregou a Marsha suja.

- Legal – ela virou o livro para examinar a quarta capa. – Parece mesmo ótimo. Muito obrigada por sua ajuda. Então gosta mesmo dele? – Ela olhou para Dan, os olhos amedrontados combinado com o azul cintilante da capa desbotada do livro.

- Bom... – Dan parou. Os livros eram sua especialidade, então por que não conseguia pensar em nada para dizer?

Talvez por que nunca tivesse lido esse?

- Foi, humm... inspirador.

- Que ótimo. Estou ansiando mesmo por ele – ela aninhou o livro no peito e se inclinou para mais perto de Dan. – Talvez eu volte quando tiver terminado e você possa me recomendar outro.

- Sempre fico feliz em recomendar livros aos nossos clientes – respondeu ele de um jeito meloso.

- Demais! – gritou ela com entusiasmo de líder de torcida. – Meu nome é Bree

- Dan.

- Legal, Dan. Esse livro não é grande, então vou voltar daqui a alguns dias. Obrigada novamente por me ajudar! – Ela se virou e se afastou, com um verdadeiro gingado no

andar. Dan olhou sua bunda pequena e redonda, que de perto pareciam duas conchas de sorvete de baunilha, desaparecendo através da seção de Novidades e Atualidades, antes de se lembrar que havia acabado de convidar Vanessa para morar com ele. Mas que coisa, humm... inspiradora.

### *a família que joga unida permanece unida*

- Bravo! – gritou Lorde Marcus. – Querida, você simplesmente nasceu para isso! Camila riu, enfiando o cabelo louro e comprido atrás das orelhas enquanto sua bola vermelha de croquê rolava pelo arco e vinha parar em um trecho de grama esmeralda perfeitamente bem-cuidado do jardim dos fundos da mansão dos Beaton-Rhodes. Era a terceira partida que eles jogavam no dia e Camilla vencera. De novo.

- Aprendi com o mestre – disse ela, animada, entre risos.

- Quando vai ser a minha vez? – gemeu Blair. Estava esperando a séculos para ter a chance de girar o bastão. Definitivamente estava com humor para bater em alguma coisa. Atrás deles a mansão de pedra cinza coberta de hera de West London se erguia como uma fortaleza. Blair ainda não fora convidada a entrar, nem tinha conhecido os pais de Marcus.

- A mamãe está com uma das dores de cabeça dela – explicou ele, levando Camilla a explodir num ataque de riso grasnado. Blair se perguntou se Lady Rhodes tinha tendência a levar uma garrafa de gim para a cama, mas não expressou seu pensamento em voz alta, preferindo olhar de um jeito ameaçador para Camila. Havia nela uma coisa tão “eu estou dentro e você está fora”, que Blair simplesmente queria decepar a cabeça da garota como uma espécie de Barbie prima real feia que ainda estaria nas prateleiras da FAO Schwarz muito depois do Natal.

- Acho que isso encerra nossa partida - disse lorde Marcus como quem se defende. – Vamos jogar outra?

- Tanto faz – murmurou Blair, tomando o quarto martini de Bombay Sapphire da tarde. A antiga mansão de pedra era emoldurada por centenas de arbustos bem perfeitamente cônicos. Até as enormes árvores tinham sido aparadas em formatos artificiais. Blair estava começando a se sentir a Alice no palácio de Copas da Rainha do país das Maravilhas. Ela cedeu um Silk Cut e deu um trago ávido. – Podemos tomar mais uns refrescos? – perguntou ela a ninguém em particular.

Na dúvida, tome outro.

- Eu estou acabada – suspirou Camilla enquanto desabava na cadeira de ferro batido ao lado de Blair. – Divertindo-se? – perguntou ela, colocando a mão na de Blair, que estava enrolada em um punho fechado de raiva.

Ela e Marcus não deviam estar apaixonados? Por que ele não a estava despindo em seu elegante quarto eduardiano? Por que ele queria ficar na camaradagem com a prima irritante? Por que ele pelo menos não estava roçando o pé em Blair por baixo da mesa? Ela fitou Marcus com os olhos semicerrados, procurando por um sinal, uma dica de seus verdadeiros sentimentos. Um largo sorriso se espalhava pela cara barbeada e seus olhos verdes brilhavam de alegria. Ele parecia completamente distraído. Simplesmente desfrutando o momento mais feliz de sua vida sob o sol quente de verão. Blair suspirou. Talvez ela estivesse sendo antipática e preconceituosa. Ela olhou para Camilla. Talvez aquela garota desse o fora logo, e ela e Marcus poderiam transar embaixo daquela



conífera em formato de lebre.

- Nunca me diverti tanto – rebateu Blair.

- Eu diria que estou faminto – exclamou o lorde Marcus, enrolando as mangas de sua camisa branco de linho antes de ocupar uma cadeira junto à mesa de tampa de vidro. Ele pegou um pratinho de prata que estava cheio de delicados sanduíches de pepino e colocou um dos triângulos na boca.

- Você sempre fica com fome quando eu estou aqui – riu Camilla. Ela o cutucou na barriga e bebericou o matíni delicadamente.

- Lembra daquela vez em que eu fui visitar você em Yale e fomos naquela linda cidadezinha em Vermont para passar o fim de semana esquiando? – Camilla virou-se para Blair. – Ficamos nas rampas o dia todo e só o que queríamos era um bom banho de banheira. Quando eu sai, Marcus tinha pedido tudo...mas tudo mesmo!... do serviço de quarto, para a gente poder comer perto da lareira.

Blair tentava vencer o impulso de pegar o bastão e esmagar a cabeça de Camilla. Ela olhou para Marcus, que ficara rubro. Talvez ele e Camilla fossem os tipos de primos que gostavam de brincar de médico. Mesmo depois de estarem velhos demais para brincar. Será que a Cara-de-Cavalo não percebeu que ela era a namorada de Marcus?

- Ah, Cam, tenho certeza de que Blair não quer saber de nosso fim de semana esquiando.

- Marcus se levantou, acenando o prato vazio para o mordomo.

Blair se levantou também.

- Alguém está pronto para outro game, set... sei lá como essa droga se chama? Talvez eu possa jogar desta vez.

- Ah, acho que estou esgotado. Eu devia ter avisado você - Marcus se desculpou. - A Camilla arrebenta nos jogos.

Bom, tá legal, então.

- E por falar em arrebentar - murmurou Blair em voz baixa. - Preciso ir ao toailete - ela pegou algumas manias britânicas nos últimos dias.

- Ah, meu Deus. - Camilla corou. - Esse é o chiste ianque.

E essa é a cretinice de Blair.

- Lá dentro - instruiu lorde Marcus. - À sua esquerda, depois da biblioteca.

- Vou encontrar - disse Blair irritada, cambaleando um pouco ao partir para a casa. O gim tinha subido direto à cabeça. - Não se levante.

Ela bateu os sapatos pelo caminho de lajota, alisando as rugas do vestidinho Thomas Pink branco que trocou especialmente para uma tarde de jogos no gramado. A casa era surpreendentemente atravancada e cheirava a flores podres. E claro que a mobília era linda e os tapetes especialmente incríveis - ao que parecia, lady Rhodes mandava um comprador a Marrakesh a cada dois anos para aumentar sua coleção. Mas uma janela de vitral na biblioteca deixava a casa com um estranho ar de igreja, e Blair se sentia esquisita andando por ali sozinha, sabendo que lady Rhodes estava em algum lugar do segundo andar curtindo uma ressaca.

Sozinha no banheiro, ela acendeu outro Silk Cut, seu novo cigarro inglês favorito, e analisou o reflexo no espelho de moldura dourada enquanto exalava a fumaça. Estreitou os olhos e empinou o queixo, praticando o olhar sexy que ia dar ao namorado. Mais um drinque e ela devia ir para o Claridge para umas brincadeiras de final de tarde. Os jogos de gramado eram ótimos, mas ela estava com vontade de fazer algum exercício de verdade. Ela fumou todo o cigarro e, só de farra, embolsou um sabonete francês Beaton-

Rhodes com formato de concha.

Os velhos hábitos não morrem jamais.

Do lado de fora, um novo lote de martinis tinha sido preparado e lorde Marcus ofereceu uma nova taça a Blair enquanto ela se sentava.

- Ela vai precisar de um cinzeiro - zombou Camilla, olhando nervosa os dois centímetros de cinza na ponta do cigarro de Blair.

- Vou usar o gramado, obrigada - respondeu Blair secamente, tomando um gole da taça Riedel fina como papel, derramando um pouco na mesa ao fazer isso.

- Querida, espere - lorde Marcus a repreendeu jovialmente. - Vamos fazer um brinde. Estávamos esperando por você.

- Qual é o motivo? - perguntou Blair, segurando um arroteo.

- Enquanto você estava lá dentro, Camilla me deu uma notícia maravilhosa.

Ela vai à Suíça para consertar o narigão? Ela finalmente assumiu que é uma sapata gorda? Ela decidiu virar freira?

- Ela vai estender a estada aqui. Vai ficar conosco o verão todo. Não é uma glória? - lorde Marcus bateu a taça nas outras duas.

Camilla tomou um gole delicado de seu drinque e colocou a mão protetoramente na de Blair.

- Seremos boas amigas, quase como irmãs - prometeu ela, desta vez parecendo mais a madrasta malvada da Branca de Neve ou a bruxa que quer devorar João e Maria do que um dos três porquinhos.

Blair sorriu amarelo e secou a taça rapidamente antes de se virar para Camilla.

- Eu sempre quis ter uma irmã mais velha.

Marcus passou os braços tonificados pelo squash ao redor das duas e as apertou em um abraço coletivo.

- Eu sabia que vocês iam se dar bem.

Ele as beijou no rosto e Blair fechou os olhos, tentando fingir que Camilla não estava ali. Felizmente, ela sempre teve a imaginação fértil.

nasce uma estrela (mais ou menos)

Os chinelos de borracha laranja berrante Hermes de Serena se arrastavam barulhentos no piso de mármore preto e branco do saguão do Hotel Chelsea enquanto ela ia para o quarto 609, onde Ken Mogul havia colocado seu astro, Thaddeus Smith. O Chelsea era provavelmente o hotel mais famoso de Nova York. Lar de ícones da arte como Andy Warhol e estrelas do rock como Janis Joplin, havia sofrido um incêndio terrível e todos os hóspedes famosos foram obrigados a sair. Agora era principalmente uma armadilha para turistas, mas ainda tinha um apelo histórico dos anos 1960 e seu porão abrigava um bar moderno e escuro, adequadamente chamado Serena.

Serena não conseguia entender por que Thaddeus tinha que ficar em um hotel e ela precisava morar em um apartamento caindo aos pedaços e sem ar-condicionado. Ela estava sentada sozinha, desde que Jason saiu, com calor demais para se mexer. Quando Ken ligou e disse para encontrá-lo para um ensaio improvisado com Thad. Serena respirou fundo, remexeu nervosa nos zíperes da bolsa cinza estilo motociclista Balenciaga e bateu na porta lascada do quarto 609.

- Ei, é você! - guinchou ela feliz quando Vanessa Abrams abriu a porta. Tinham se passado pouco mais de duas semanas desde a formatura, mas parecia que era sua

vigésima reunião de ex-alunos ou coisa assim. Vanessa estava com um vestido de jérsei de seda preto e as sandálias prateadas mais legais que Serena vira na vida. - Você está demais!

Vanessa abriu a boca para responder, mas foi interrompida por Ken.

- Serena - chamou o diretor suavemente. Ele estava empoleirado no peitoril da janela do grande quarto principal da suíte do hotel, fumando um cigarro sem filtro. - Bem-vinda a nosso universo!

- É bom ver você de novo. - Serena riu ao passar pela porta e atravessou o quarto, que estava cheio de luz proveniente da rua 23. As paredes eram pintadas em um verde-menta austero que a lembrava dos banheiros do alojamento da Hanover Academy, o internato em New Hampshire onde ela passou o primeiro ano. Havia um sofá marrom com rachaduras e fendas no couro dos braços e dezenas de cactos em vasos alinhados no peitoril da janela. Através das portas de vidro Serena podia ver uma cama king size desfeita.

- Dá para imaginar todas as pessoas que transaram aqui, não é? - sussurrou Vanessa. Serena torceu o nariz. Agora podia.

- É claro que conhece Vanessa. - Ken atirou o cigarro pela janela aberta às costas dele. - Pedi a ela para subir a bordo como nossa diretora de fotografia.

Como se ela tivesse alguma alternativa.

- Que ótimo, legal - Serena piscou para Vanessa, que agora estava ocupada com um equipamento que parecia sério.

- E eu sou o Thaddeus - anunciou uma voz sensual enquanto o astro vinha de um quarto adjacente.

Thaddeus Smith era mais alto do que Serena esperava e o cabelo louro escuro era espigado, dando-lhe uns 3 centímetros a mais. Vestia uma roupa comum, jeans escuros e uma camisa pólo Lacoste preta e desbotada, a gola erguida com uma espécie de propósito nerd. Serena teve a impressão de que já o conhecia, e de certa forma conhecia mesmo: ela o viu tendo um romance com uma starlet sulista de expressão doce em duas comédias românticas que eles fizeram juntos, ela o vira fugir de um maníaco homicida (que por acaso era o gêmeo há muito desaparecido, também interpretado por ele em um papel duplo que foi um desafio); ela até o vira de macacão colante branco, fazendo uma criatura extraterrestre muda, despertada pelo alinhamento do sol em uma antiga ruína maia. Ela ouviu essa voz de barítono antes, enquanto ele flertava e dizia gracinhas em talk shows e é claro que ela já vira sua barriga característica em incontáveis propagandas de roupa íntima Les Best.

Pessoalmente, ele mais do que justificava a adulação: era lindo, do cabelo dourado espetado e os traços finos do rosto aos pés bronzeados e perfeitos.

Thaddeus pegou a mão de Serena e a sacudiu com firmeza.

- É ótimo finalmente poder conhecer você - os olhos azuis-claros dele grudaram nos azuis-escuros de Serena, ou foi só imaginação dela?

- Também estou feliz por estarmos todos aqui - começou Ken, acendendo outro cigarro. Ele abraçou os joelhos na altura do peito, empoleirando-se no peitoril com seus shorts de ciclismo azul-real que pareciam escorregadios. - Peguem o roteiro. E Thaddeus, de agora em diante, ela é Holly, e não Serena.

Thaddeus se jogou no sofá de couro rachado, atirando as almofadas descuidadamente no chão.

- Sente-se, Holly.

Serena pegou o roteiro na bolsa, depois se sentou no sofá, resistindo ao impulso de se colocar mais perto de seu colega astro.

Porque isso não seria nada profissional.

Ken fechou os olhos e respirou fundo, as narinas infladas. Abriu os dedos diante de si como antenas de inseto, pulou do peitoril e andou para o meio da sala. Seus olhos se abriram quando ele bateu na mesa de centro de madeira lascada e uma montanha de roteiros reescritos caiu no chão. Depois pulou para a mesa e se agachou na ponta, inclinando-se para bem perto do casal.

- Vamos começar com o grande clímax. Este é o cerne emocional do filme e quero acertar essa parte antes de fazermos qualquer outra coisa. Tudo está baseado neste momento.

Ken estava agachado tão perto que Serena podia sentir o cheiro de seu hálito fedido a cigarro. Ela ergueu o roteiro como uma barreira e começou a folheá-lo. Achou que eles leriam desde o começo. Sabia suas falas nas primeiras cenas, mas estava um pouco insegura com a segunda metade do filme.

- Então, primeiro vamos ler e depois vamos nos levantar, vamos nos mexer, encontrar nosso espaço na sala e colocar isso em movimento, está bem? Vanessa vai filmar só para ter alguma coisa como teste para que vocês possam estudar mais tarde.

Está bom assim? - perguntou Ken, ainda agachado como uma gárgula na mesa de centro.

- Vamos nessa - assentiu Thaddeus, atirando o roteiro de lado.

- Quase pronta - interveio Vanessa, que estava conectando a câmera de mão a um dos laptops do diretor.

- E Holly? - perguntou Ken, pousando o queixo na mão enquanto o dedo pareceu subir ao nariz.

- Quando quiser - murmurou Serena. Merda, merda! Não sabia uma palavra sequer de sua fala. Ela respirou fundo.

- Querido, você sempre me resgatando. Como posso retribuir? - começou ela, acenando a mão direita lenta e deliberadamente. Parecia um maneirismo sexy. Meio interessante.

- Não precisa me retribuir nada - respondeu Thaddeus como Jeremy Stone, em sua famosa voz sensual de barítono. Estavam parados junto à janela e ele se aproximou um pouco, o sol da tarde batendo em seu perfil áspero enquanto ele pegava Serena pela cintura. - Eu é que devo a você. Eu lhe devo tudo, Holly. Você me mostrou como ser... - ele fez uma pausa intensa. - Você me mostrou como ser eu.

Talvez porque ele fosse um ator de talento, ou talvez porque fosse simplesmente lindo, mas de algum jeito ele fez com que o diálogo idiota parecesse quase normal. Ele estava tão perto de Serena que ela podia sentir o cheiro de hortelã no hálito dele. Ele era assim tão perfeito?

Epa.

- Eu... eu... - Serena gaguejou. - Não sei o que dizer.

Do outro lado da sala, atrás da câmera, Vanessa deu um pigarro.

- Não diga nada - piou Thaddeus-como-Jeremy. - Só fique parada aqui para que eu possa olhá-la.

Serena não se mexeu. Não conseguia deixar de acreditar em tudo o que Thaddeus dizia.

- Vou parar vocês aqui - anunciou Ken Mogul. - Holly, meu amor, lembre-se: você não é Serena. Você é Holly.

- Tudo bem - sussurrou Serena. Ela não se sentia como Holly Golightly. Sentia-se ela mesma e que o cara perfeito estava bem na frente dela. Ela passou a vida toda sem atuar nem fingir com os homens: era meio difícil atuar com um deles, especialmente um homem tão... lindo.

- E pare com esse negócio da mão - gemeu Ken, parecendo um bebezão, - Parece que você está espantando mosquitos.

- Desculpe. - Pela janela aberta, Serena podia ouvir o som do trânsito. Ela meio que queria estar lá fora, vendo as vitrines da Mercer Street, no Soho, com Thaddeus ou talvez deixando que ele lhe comprasse sushi no terraço do Sushi Samba, a algumas quadras, no centro. Thaddeus se curvou para fora da janela e respirou fundo. Ele estava lendo a mente dela?

- Apenas ouça o Thad - continuou Ken com o dedo ainda no nariz. - Ele não é mais o Thad... é? Não, ele é Jeremy. Você ouviu aquilo... A timidez dele? O nervosismo? Ele morre de medo de você, entendeu? Tem medo e está enfeitiçado. Faça-nos sentir isso, está bem? Faça com que a gente se apaixone por você.

Como se houvesse alguma dificuldade antes.

- Vamos repetir. - Ken bateu palmas enquanto ao mesmo tempo acendia outro cigarro, embora o último tivesse queimado completamente sem que ele sequer o tocasse.

Thaddeus voltou a entrar em foco, inclinando-se para perto de Serena mais uma vez.

- Querido. Você está sempre me resgatando. Como posso retribuir? - perguntou ela, desta vez com mais segurança.

- Não precisa retribuir nada.

- Precisa vir à minha... - ela não conseguia se lembrar da fala. Precisava ver o roteiro.

- Festa! - gritou Ken. - Festa! Não leu o roteiro, Holly?

- Li - murmurou Serena na defensiva, resistindo ao impulso de chutar a pilha de roteiros reescritos no chão para que voassem pela janela.

- Tudo bem, vamos pular um pouquinho à frente. - Ken esfregou a testa vermelha de um jeito estranho. - Vamos fazer a grande cena da manhã. Só tem um pequeno diálogo, então você deve conseguir desta vez, não é, Holly?

- Claro - Serena tinha a impressão de que estava fazendo tudo errado, embora só tivesse dito algumas palavras. Não devia haver um período de aquecimento?

- Tudo bem, Thaddeus, você começa - dirigiu Ken, com um novo cigarro empunhado como se fosse uma tocha.

- Holly - recitou Thaddeus, de cor, já que o roteiro dele ainda estava no sofá. - Eu sabia que a encontraria aqui.

- Você sempre sabe onde me encontrar? - pelo canto do olho, Serena podia ver que Ken sacudia a cabeça por isso, então ela largou o roteiro no chão. Era capaz de fazer isso. Ela se colocou na ponta dos pés e se encostou no peito largo de Thaddeus.

- Vou saber se você sossegar - pronunciou ele delicadamente. - Nunca mais fuja de mim.

- Eu prometo - sussurrou Serena. Era a sua última fala do filme. Ela inclinou o pescoço, erguendo a face para seu colega, oferecendo-se a ele. Podia sentir o cheiro de creme dental e nicotina no hálito quente de Thaddeus, loção de aveia Kiehl nas mãos dele e Tide nas roupas. Ela mal o estava tocando, só pousando as mãos em seu peito firme, mas podia sentir o corpo dele no dela, de suas costas fortes e largas a sua barriga perfeita, dos antebraços magros e musculosos aos pés em chinelos. E ela podia sentir mais uma coisa:

um arrepio de eletricidade no ar, no pequeno espaço entre os dois corpos. Isso era atuação ou era real?

– Tudo bem – gaguejou Thaddeus. Ele deu um passo para trás e Serena, que tinha apoiado todo o peso do corpo nele, cambaleou um pouco.

Ele riu, nervoso.

– Ken, um cigarro?

Ken lhe passou um maço de Marlboro Reds. Thaddeus escolheu um e acendeu friamente.

– O que acha, Ken? – perguntou ele, passando o polegar pelo cós da calça.

– Bom. Melhor. Senti mais faíscas do que da última vez. Mas Holly precisa relaxar.

Holly, podemos reescrever se tiver problemas com suas falas.

– Como assim? – Serena afundou no sofá surrado. Não tinha cometido tantos erros assim, tinha?

– Se houver palavras demais, sabe como é – explicou ele, pronunciando devagar as palavras em voz alta, como se estivesse falando com alguém cujo inglês não fosse bom. – Se estiver tendo problemas para se lembrar de todas.

Ele a estava chamando de idiota?

– Não, está tudo bem – ela soltou um suspiro pesado.

– Ela vai pegar o jeito. – Thaddeus se sentou ao lado dela. Pousou a mão macia no joelho nu de Serena, apertando a perna dela num gesto de apoio.

Você sabe muito bem que vou, concordou ela em silêncio. Meu Deus, ela já estava apaixonada? Às vezes ela era quase fácil demais.

Sem comentários.

– Claro, claro – concordou Ken. – Acho que só precisamos de mais tempo de ensaio. O que você acha, Vanessa?

Vanessa sequer pegara tudo com a câmera porque eles não lhe deram tempo para montar o equipamento.

– Foi demais – ela fingiu entusiasmo. Afinal, era só um ensaio.

E, pelo andar da carruagem, eles iam precisar ensaiar muiiito.

### *e você acha que conhece a pessoa*

– Queridaaa, chegueeee! – Dan meteu a cabeça pela porta do quarto da irmã mais nova, Jenny. – Vanessa?

– Oi – Vanessa saiu de trás do cavalete de pintura de Jenny. O quarto aconchegante ainda estava revestido das telas de Jenny – paisagens em aquarela, desenhos arquitetônicos de prédios famosos de Nova York como o Dakota, na rua 72, alguns nus dos quais Vanessa viu Dan desviar os olhos, para o caso de serem auto-retratos da irmã. Ela envolveu o corpo magro de Dan com os braços e apertou. – Muito obrigada por me deixar ficar aqui.

– Vai ser ótimo – ele lhe garantiu, desabando na cama com o cobertor azul de flanela. – Vamos ter nosso Grande Verão em Nova York. Andei pensando nisso. Todas as coisas que vamos fazer juntos... Andar nos pedalinhos idiotas no Central Park, bagels na H&H Bagels em nossos dias de folga...

– Humm, parece ótimo, mas vou ficar bem ocupada com o trabalho, sabia? Vai dar um trabalhão conseguir que o filme fique legal – ela indicou com um movimento de cabeça a tela do computador onde a face etérea de Serena van der Woodsen estava imóvel, os olhos meio fechados. Vanessa estava revendo o filme do ensaio daquela tarde e, se isso

era uma indicação de como ficaria o filme acabado – bem, não estava bom.

– Tudo bem. – Dan fez um beicinho. – É claro.

No aspecto positivo, quanto mais tempo Serena se atrapalhasse nos ensaios, mais tempo Vanessa teria para experimentar com o trabalho de câmera. Daria a ele alguma coisa melhor. Estava decidida a fazer algo verdadeiramente de vanguarda e incomum, que realmente maravilhasse Ken Mogul e seus produtores. Ele falou em Godard. Mas ela era a mestre na mistura de humor com tragédia. Ela mostraria a camisinha usada presa no sapato de Holly, o lado maculado da princesinha da festa!

– Cadê o seu pai? – perguntou ela, mudando de assunto. Era só uma questão de tempo antes que topasse com o pai poeta beat de Dan, Rufus, vestido na habitual camiseta manchada dos Mets e shorts cargo caramelo confortáveis demais. Ela esperava vê-lo antes que eles se esbarrassem no meio da noite. Quem sabia o que ele estaria vestindo então?

Ele deu de ombros.

– Falou com a Ruby? – Ele enfiou a mão no bolso e pegou um maço amassado de Gameis, acendeu um cigarro e depois deitou de novo na cama estreita e calombenta de Jenny. – Espero que vocês se entendam. A vida é muito curta, sabia?

– Hein? – perguntou Vanessa preguiçosamente, deitando-se ao lado dele. Ruby mandara algumas mensagens de texto pedindo desculpas, mas Vanessa estava puta demais para se incomodar em ler todas. Ela podia imaginar Ruby espremendo as espinhas das costas de Piotr enquanto eles transavam no ateliê sujo de tinta dele – aliás, o antigo quarto dela. Ela aninhou a cabeça quase careca no pescoço fino de Dan e sussurrou: – Não consigo lidar com isso agora, entendeu?

– Isso é muito ruim – observou ele solenemente. – Sempre admirei o relacionamento de vocês duas.

– Sei – ela não conseguiu deixar de rir. – Está se sentindo bem?

Dan virou-se para ela de modo que os narizes quase se tocaram. Vanessa beijou seus lábios com gosto de fumaça. Ele afagou o rosto dela.

– Sabe de uma coisa, nunca percebi isso antes, mas a felicidade está, tipo assim, bem na sua frente, está entendendo? É como se nós... Como se você fosse tudo o que preciso para ser feliz, e você está bem aqui, na minha casa. Quer dizer, eu sei que você vai ter que trabalhar muito e tudo isso, mas é tão bom. Na verdade é muito mais fácil alcançar a felicidade do que adotar a fealdade.

Vanessa mordeu o lábio. Ela amava Dan, mas na verdade esperava que ele não se metesse a fazer outra proclamação constrangedora de devoção imortal como a que fez na formatura. Havia coisas que era melhor não dizer.

É melhor repetir isso.

– Aprendeu isso no seu emprego? – caçoou ela. – Não sabia que eles davam palestras gratuitas de auto-ajuda Nova Era na Strand.

– Não estou falando de trabalho. – Ele deu um trago forte no Camel e ficou na defensiva.

– Eu li Sidarta no intervalo desta tarde. A vida é tão curta... Quer dizer, só o que podemos esperar é encontrar algum significado nesta vida, sabia?

O único livro que Vanessa sabia de que ele falara apaixonadamente foi Os sofrimentos do jovem Werther, um livro horripilante sobre um cara deprimido e rabugento que se mata no final porque a namorada se casou com outro.

– Tudo bem, estou oficialmente confusa. De que merda você está falando? – perguntou

ela. As sobrancelhas de Vanessa se retorceram enquanto ela olhava nos olhos castanhos de Dan.

– Estou falando do significado da vida – respondeu ele simplesmente.

Ou será que ele estava falando de uma certa loura de bunda redonda perfeitamente empinada?

## **Gossipgirl.net**

---

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

*Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

### **oi, gente!**

Descobri uma coisa muito importante sobre mim mesma: eu sou totalmente bi. Não é o que você está pensando — eu estou dividida sobre onde passar o verão e decidi que quero as duas coisas. Graças a Deus existe o aeroporto Teterboro. Uma viagem rápida pela pista e estou na ilha em menos de uma hora. Isso me dá a chance de cobiçar os surfistas e dizer sim a cada festa a que sou convidada aqui na cidade.

Há algo de tão exclusivo nas festas na cidade durante o verão. Tão íntimas, sem nenhum convidado indesejado. Bom, quase. Não que a gente não goste de que tirem nossas fotos; é só que preferimos ter certeza de que nosso cabelo de praia não tem nenhum grão de areia antes que o flash estoure. Sim, estou falando dos paparazzi. Obviamente eles têm de trabalhar o verão todo, e é óbvio que eles estão entediados porque ficaram perseguindo as poucas celebridades na cidade — inclusive eu — como se toda noite fosse uma festa pós-MTV MusicAwards no loft da Lindsay.

Mas verão e praia andam de mãos dadas e eu não posso abandonar completamente o mar, mas aquele ator ídolo T fez exatamente isso, abandonando a preguiça pródiga na costa norte (sim, aquele que você viu no episódio de Cribs) para passar um verão fervendo de quente na abafada Nova York. Agora, isso é que é dedicação.

## **DO OUTRO LADO DO OCEANO**

Sei que começamos como uma colônia inglesa, mas ganhamos a guerra (sem ressentimentos!) e portanto fazemos as coisas de um jeito meio diferente deste lado do oceano. Gosto de todo aquele lance de realeza — em especial um certo herdeiro ao trono e seu irmão mais novo ruivo e baladeiro — mas há muita coisa nos ingleses que eu não entendo. Por exemplo, eu soube que uma certa americana jovem, gata e de olhos azuis que todos conhecemos e amamos se envolveu com um cavalheiro cheio de títulos que parece só ter olhos para a, humm, prima dele? Ao que parece, em algumas grandes famílias inglesas é perfeitamente aceitável pedir à prima para passar o verão na casa, segurar a mão dela durante jantares íntimos nos mais elegantes restaurantes de Londres, escapular juntos para a casa de campo de telhado rústico para um fim de semana de



caçada. O que acha desse choque cultural?

### **Seu email**

**P:** Cara GG,

Minha mãe insistiu que eu fizesse um estágio em uma revista sofisticada neste verão. Ela diz que vai me ajudar a me preparar para o mundo real, mas eu acho que sou a única que vai passar o verão engaiolada no armário da moda, colocando em caixas os sapatos Marc Jacobs da próxima estação e acompanhando as jóias da Me&Ro. É como trabalhar numa loja e, além disso, tenho o resto da minha vida para trabalhar, né? Eu não devia estar relaxando na praia com meu namorado delicioso ou coisa assim?

— No Armário

**R:** Cara No Armário,

Como acha que eu me sinto? Ainda estou aqui, apesar do ar-condicionado no máximo e uma garrafa gelada de Dom ao lado do computador, trabalhando como uma mula, atendendo a todas as necessidades da fofoca. Mas, falando sério: sirva-se de alguma coisa gucciliciosa da gaveta de óculos de sol. Você merece! (E ninguém vai perceber se você pegar alguma coisa para seu namorado também.)

— GG

**P:** Prezada GG,

Sabe se aquele cara, o N, tem um irmão desaparecido? Acho que o vi no Oyster Shack na Island, mas não pode ter sido o mesmo; este estava vestido como um operário de construção e andava com uma caipira inegavelmente gata mas que parecia fedida.

Alguma idéia do que está rolando?

— Chocada

**R:** Cara Chocada,

Definitivamente só existe um N. Se ele agora está na área de construção, sugiro que o contrate para construir um deck para você. Talvez ele vá suar de tanto trabalhar e aí você poderá convidá-lo para tomar banho nu!

— GG

### **Flagras**

B em uma desavença com a funcionária cara de rato da Harvey Nichols. Eles têm listas de espera em Londres também, mas algumas garotas nunca aprenderam que a paciência é uma virtude. S vagando por uma parte desconhecida do Upper East Side — na verdade, bem longe do parque — parecendo aflita e comprando ração de gato Purina na delicatessen. Será que está tentando alguma nova dieta maluca? N andando pela Catachungo Road, em Hampton Bays, usando um boné de Yale e muito perto de uma garota misteriosa que vestia um top rosa decorado com logotipos da Old Navy. Eu devo ter perdido a inauguração da loja deles nos Hamptons. V acomodando-se em uma cadeira de barbeiro de couro marrom em uma barbearia à moda antiga no Upper West Side, ignorando a regra do só para homens. Talvez alguém devesse dizer a V que ela

definitivamente não é mais do Brooklyn. D enrascado em um banco da Union Square, lendo um livro em brochura fino sobre ioga kundalini enquanto fumava um cigarro. Será que ele está pretendendo escrever um poema épico sobre posições de ioga para pacientes de câncer de pulmão? Quem quer saber? Eu certamente quero.

Pra você que me ama,  
gossip girl

### *caipira também é gente*

Nate tirou a Schwinn velha da estrada de cascalho e a levou para o acostamento de terra na frente do Oyster Shack, conseguindo evitar uma reprise da derrapada humilhante que dera na véspera. Depois do sorvete, Tawny o levou para consertar o pneu na Bob's Gas 'n' Dogs e ficou como novo. Ele respirou o ar fresco, com gratidão. Só tinha fumado um terço de baseado de manhã, por isso, sua mente estava clara.

Mas isso é uma novidade.

Embora só fossem seis horas, o Oyster Shack estava tomado de uma galera de short e camiseta, comendo fritas e bebendo Bud em lata. Depois de encostar a bicicleta, Nate andou até o banco de piquenique vermelho onde Tawny estava sentada fumando um Virginia Slim, um sorrisinho diabólico nos lábios cheios e opalescentes de brilho pêssego.

Normalmente Nate teria se sentido meio idiota por ir ao encontro de uma garota de bicicleta, mas ele meio que gostava do esforço, da brisa no rosto e do vento no cabelo. É claro que ele podia gostar do vento no cabelo atrás do volante do conversível Aston Martin azul 1978 do pai, estacionado na garagem da casa dele a apenas vinte minutos de distância, mas o carro era o orgulho e a alegria do capitão e Nate não tinha permissão para dirigi-lo sozinho, muito menos por um dos bairros menos desejáveis dos Hamptons, como Hampton Bay. Depois de eles dividirem um inocente sorvete e consertarem a bicicleta de Nate ontem, Tawny sugeriu que se encontrassem para jantar hoje. Nate mal precisava ser convencido disso; como uma boa ex-namorada, a deusa Destino sempre o salvava exatamente quando ele precisava dela. Justamente quando sua solidão começara a deixá-lo deprimido, ele por acaso conheceu a confiante e sexy Tawny.

— Você conseguiu — cricrilou Tawny, apagando o cigarro na mesa e atirando a ponta na grama atrás dela. Ela usava um sutiã de biquíni cor de pêssego e uma saia trespassada de jérsei preta que mostrava as coxas bronzeadas, redondas, mas firmes. O cabelo estava solto, roçando os ombros sardentos, e os lábios de pêssego combinavam com as alças do biquíni que caíam dos ombros. — Sem cair.

— É, sem acidentes desta vez — Nate riu, sacudindo a cabeça. Ele baixou a gola da camisa azul clara Brooks Brothers desbotada, mas limpa, que tinha vestido depois do trabalho e se sentou no banco de frente para ela. — Então eu diria que o dia está indo muito bem.

— Como foi o trabalho? — perguntou Tawny enquanto passava na boca uma coisa pegajosa com cheiro de baunilha. Nate podia sentir o cheiro de onde estava.

— O de sempre: trabalho braçal de arrebentar — ele passou todo o dia de hoje, e de ontem, pregando telhas novas no telhado do treinador Michaels. Suas mãos estavam tomadas de calos e os braços doíam. — Estou trabalhando para meu treinador, então não

é que eu possa relaxar. Ele é meio babaca. Acho que é como um treino.

É, só que sem o bastão. E sem a bola. E sem o resto do time.

— Mas você deve gostar mesmo desse cara para querer trabalhar para ele o verão todo — contra-atacou Tawny.

Nate deu de ombros, esfregando a mão no pescoço enrijecido.

— Acho que sim — não havia necessidade nenhuma de contar a ela sobre o Viagra roubado e o diploma pendente, né?

Melhor não contar mesmo.

— Coitadinho — piou ela. — Talvez precise de uma massagem. Posso treinar em você. Vou ser uma total MTL depois que me formar.

— Uma o quê? — Ele não fazia idéia do que ela estava falando.

MTL? Moceronga totalmente libertina?

— Uma massoterapeuta licenciada, bobo! Não acredito que você não sabe o que é isso. Mas aí, falei com o pessoal daquele spa em Sag Harbor e eles podem me dar um estágio. Sabe como é, praticar em gente de verdade? Estou tão empolgada. — Ela se inclinou por sobre a mesa e começou a massagear os antebraços de Nate, usando as duas mãos e aplicando uma pressão surpreendente, as unhas compridas e manicuradas arranhando a pele como limpadores de gelo no pára-brisa de um carro. — Está vendo? — perguntou ela. — Não é bom?

Era bom, mais ou menos, mas Nate estava muito mais interessado na vista. Tawny estava tão inclinada que os impressionantes peitos em forma de pêra estavam totalmente visíveis.

— E aí, humm, você ainda está no ensino médio, então? — murmurou Nate, lembrando-se de que era a vez dele de falar alguma coisa. — Eu acabei de me formar. — Dizer isso era bom. Fazia com que se sentisse másculo.

Ah, cara.

— Vou me formar no ano que vem — explicou ela, passando as mãos dos antebraços para o peito dele, que estava duro de tanto martelar. — Mal posso esperar. Estou cheia da escola. Imagino que vou conseguir minha certificação e, sabe como é, pegar uma casa aqui. Se você é bom, pode ganhar uma boa grana do pessoal do verão e não precisa trabalhar pelo resto do ano. Esse é meu plano: ganhar um bom dinheiro roubando os veranistas — ela riu.

— Legal — Nate estava com dificuldade de se concentrar no que Tawny dizia porque aqueles peitos estavam praticamente no colo dele. Ele se desligou de Tawny tão completamente que ela parecia meio como os pais em um desenho animado do Charlie Brown. Uá-uá-uá-uá-uá. Os lábios eram tão cheios, cor de pêssego e brilhantes, e ela tinha cheiro de baunilha.

Ele jogou a cabeça um pouco para a frente e lhe deu um beijo de leve, tocando gentilmente o rosto de Tawny. A boca tinha gosto de Diet Coke e uma espécie de fruta artificial mas totalmente deliciosa.

Depois de alguns momentos, ela riu e se afastou.

— Podemos fazer isso a noite toda, mas também quero saber sobre seus planos — continuou ela, sentando-se novamente e pegando a mão dele. — Pode me contar tudo durante o jantar.

— Tá, claro — Nate se levantou e bateu no bolso para se assegurar de que tinha lembrado de trazer a carteira. Ele se perguntou se o Oyster Shack aceitava American Express

Platinum. Ele lambeu os lábios, que agora estavam meio escorregadios, tinham um gosto de fruta e provavelmente deixariam sua cerveja com gosto de pina colada.

— Vamos pedir alguma coisa para comer e vou te contar todo meu plano A.

Nate Archibald tinha um plano A?

— Parece impressionante. — Tawny riu novamente enquanto se levantava e pegava os cigarros, o isqueiro e a bolsa dourada cheia de fivelas.

— Bom, vou começar em Yale daqui a alguns meses...

— Yale? É mesmo? Caraca, é uma universidade boa — ela deu o braço a Nate. — E cara. Mas então a educação era como uma bolsa Birkin — como essas coisas podem ter preço?

### *b de bodas*

Blair Waldorf cruzou as pernas e se recostou na poltrona de couro marrom de encosto alto. Levando a xícara de porcelana branca Spode aos lábios, tomou um gole delicado do chá Earl Grey morno e sorriu para Jemima, a vendedora que adejava em volta dela.

— Srta. Waldorf— disse rindo Jemima, passando a Blair uma pastinha de couro azul-marinho. — Quando quiser.

Blair abriu a pasta; dentro dela havia o cartão American Express Black, um recibo e uma caneta, que ela pegou, assinando na linha pontilhada sem olhar.

— Adorável. Agora, vamos embrulhar suas compras e elas em breve serão entregues no Claridge. Posso fazer mais alguma coisa pela senhorita? Pedir um táxi, talvez?

— Não, obrigada — ela sorriu graciosamente. — Acho que vou andar um pouco.

Por uma hora, ela estivera sentada confortavelmente em uma sala privativa dos fundos de uma nova loja chamada Kid, em West London, mantendo Jemima ocupada, a linda morena com dentes horrorosos, pegando cada estilo de bota que tinham em estoque.

Enquanto experimentava os mais de vinte pares, ela tomou duas xícaras de chá, olhou a nova edição da Vogue francesa e deu um telefonema a lorde Marcus. Caixa postal. Ela se perguntou se ele estava trabalhando ou se tinha ido a algum lugar com Camilla, comprando novos bastões de croquê, ou...

Ou o quê?

Blair não desistia com facilidade e estava decidida a não deixar que o dia anterior a desanimasse. Talvez Marcus e Camilla precisassem daquele negócio de laços entre primos. Eles sem dúvida logo se cansariam da companhia do outro. Além disso, Marcus provavelmente ia se esquecer do nome de Camilla quando visse Blair nas novas botas pretas de cano alto e o novo espartilho preto de renda Gossard e short combinando com os quais ela pretendia desfilar para ele naquela mesma noite entre os pratos durante o jantar de serviço de quarto de champanhe e chocolate que ela planejava.

Enfiando o cartão de crédito ainda quente na nova carteira Smythson, Blair colocou a carteira dentro da bolsa pintada à mão Goyard edição limitada que comprara na véspera e saiu da loja, entrando no trecho tranqüilo da Press Street. Ela só esteve em Londres uma vez com a família, quando tinha 12 anos. Eles ficaram hospedados no hotel Langham, perto da Regent Street, visitaram o Big Ben e o Palácio de Buckingham, viram as jóias da coroa, assistiram a troca de guarda, tomaram chá e comeram bolinhos. Pelo que podia se lembrar, ela passou a maior parte da viagem ouvindo Madonna no iPod. Mas isso era a Londres para uma turista. Agora que ela morava aqui, as coisas eram totalmente diferentes.

Todos diziam que Londres era cinzenta, sombria, nevoenta e deprimente, mas em toda a semana os dias foram claros e ensolarados. As árvores estavam em plena floração, havia jardins luxuriantes em cada quarteirão e todos os prédios eram ornamentados e lindos. Todo mundo também dizia que os ingleses eram reservados, tinham dentes podres e sotaque grosseiro, e embora os dentes e os sotaques fossem mesmo perturbadores, até agora cada pessoa com quem Blair falara tinha sido indefectivelmente educada. É claro que foram — ela só falou com vendedores que trabalhavam pela comissão. Blair olhou o celular novamente: nenhuma mensagem. Ela atirou o celular de volta à bolsa. Entendia que um cavalheiro tinha que dar uma atenção a mais a sua hóspede — a família era muito importante para a classe alta inglesa — e Camilla era realmente adorável. Era mesmo. Apesar de parecer uma aberração louca de desenho animado. E Blair entendia, entendia de verdade. Mas ela estava pronta para apimentar um pouco as coisas e, quanto mais lorde Marcus a fazia esperar, mais impaciente e faminta ela ficava. Quem sabe a coisa toda não era só uma trama para deixá-la o mais excitada possível? Humm, talvez.

Andando pela rua na direção do hotel, Blair se sentia uma mistura de Julia Roberts em *Pretty Woman* — na cena em que ela vai fazer compras com um chapéu preto gigantesco de abas largas e coloca todas as vendedoras da Rodeo Drive comendo na sua mão — e Audrey Hepburn em *My Fair Lady*, a linda cockney desamparada que sai do ostracismo das ruas de Londres para se tornar a sensação da cidade. Só que Blair não era nem uma prostituta nem uma desamparada jogada na sarjeta.

Detalhes, apenas detalhes.

Ela olhou os dois lados da rua, mas cada vitrine de loja, cada toldo parecia conhecido. Será que realmente percorreu todas as lojas deste bairro? Era fácil encontrar ótimas roupas em Londres e a taxa de câmbio tornava tudo ainda melhor. Blair percebeu isso no minuto em que chegou; precisou de dinheiro para o táxi e ficou surpresa ao ver quantas notas brilhantes e de cor pastel conseguia em troca de seus velhos e entediados dólares americanos. O caixa do banco até lhe deu um punhado de moedas — inclusive um penny enorme que valia dois cents, e não um, uma moeda hexagonal engraçada e um monte de moedas pesadas e grossas que valiam uma libra inteira cada. Se os ingleses usavam moedas para as mesmas coisas que os americanos usavam notas, claramente este era um lugar para encontrar ótimas pechinchas. Não que ela precisasse encontrar pechinchas. Blair estava do lado de fora do que à primeira vista parecia só outra mansão de tijolinhos de West London: uma casa alta e bem iluminada com janelas grandes e claras encimando jardineiras em flor. Toda uma vida de compras dera a Blair um sexto sentido; ela simplesmente sabia quando alguma coisa boa estava pairando por perto. Pelas janelas no nível da rua, pôde ver um vaso chinês cheio de camélias brancas em uma linda mesa dourada. Blair não conseguia ver nenhuma roupa, mas estava absolutamente convencida de que havia alguma coisa incrível ali dentro.

Afinal, todo mundo tinha um talento especial.

Ela tocou a campainha e a porta buzinou, então ela a empurrou e entrou no saguão de mármore da elegante casa. O andar aberto e arejado estava cheio de mostruários simples: uma inacreditável bolsa de bolche de crocodilo verde empoleirada no alto de uma coluna coríntia banhada no brilho suave de um spot de luz, um par impressionante de sapatilhas de bailarina de veludo vermelho no alto de uma almofada de cetim. Eram tão macios que Blair não conseguiu deixar de afagá-los. Uma indiana alta com cabelo comprido e grosso

sorriu para ela de trás de uma mesa art nouveau antiga. Blair se sentiu meio constrangida com seus jeans Rock & Republic, a blusa de seda dourada Elberjey e as sandálias acanhadas, mas ela não ia sair dali.

— Meu nome é Lyla — trinou a vendedora num sotaque inglês. — Me diga se eu puder ajudar em alguma coisa.

Blair foi até o pé da escada graciosamente curva. Sentindo alguma coisa na distância, ela subiu a grandiosa escada de mármore. Os degraus eram exatamente aqueles que Eliza desce em My Fair Lady, na cena em que ela faz seu debut em sociedade.

Tá vendo, a vida realmente imita a arte.

O segundo andar estava quase vazio, a não ser por um espelho que ia do chão ao teto numa parede distante. O sol inundava o ambiente e Blair parou, fingindo ser sua sala de provas privativa. No meio do espaço, suspenso de um cabide de vidro, estava pendurado um vestido longo e branco. Era de seda, cortado de viés e parecia respirar, como se tivesse vida própria. Era... lindo. Quem quer que o vestisse seria a estrela de uma história de amor interminável consigo mesma. Blair estendeu a mão para tocar o vestido, hipnotizada. Será que era? Era.

Um vestido de noiva.

Era o vestido de noiva dela.

— Gostaria de experimentar?

Blair girou e viu Lyla, do primeiro andar. Não a ouvira se aproximando.

— Sim, claro que sim — Blair meio que sussurrou. — Acho que vou precisar dele.

Para o quê, exatamente?

A loja só atendia a uma cliente por vez, então não havia necessidade de provadores. Lyla explicou isso, estendendo a mão para retirar o cabide de vidro de seu suporte na parede, enquanto Blair tirava a roupa. Ela pegou o vestido e primeiro passou a mão nele. O chiffon era macio e leve como creme batido fresco, e ela tremeu ao sentir seu caimento no corpo.

Evitando o espelho até que tudo estivesse perfeito, Blair se colocou junto às janelas, olhando o luxuriante jardim privativo atrás da loja.

— Olha, vamos colocar isto também. — Lyla erguia um delicado cordão de ouro e o passou no pescoço de Blair. — Acho que agora está pronta para olhar — murmurou ela, virando Blair para que ficasse de frente para o espelho.

Blair andou pela sala com cuidado, segurando o vestido para não tropeçar na bainha delicada. Havia uma pequena plataforma na frente do espelho e ela subiu, evitando seu reflexo até que estivesse perfeitamente posicionada. Ela soltou o vestido, sacudiu o cabelo do rosto e depois olhou o reflexo.

— Ooooooh! — ela arfou.

Ali estava: o futuro. Blair nunca vira um vestido mais perfeito na vida. Era tão maravilhoso, a beleza desprendia-se dela. Ela sequer estava usando a maquiagem adequada, mas seu rosto nunca fora tão impecável. Estava com o sutiã errado, mas seus seios nunca ficaram tão cheios. Ela se sentia como se tivesse saído da capa da edição de casamento da Town & Country. Aquela velha teoria — de que você simplesmente sabe, de algum modo, quando encontrou o vestido de noiva certo — parecia ser verdade.

Eles se casariam na St. Patrick, na Quinta Avenida, e alugariam todos os quartos do St. Clair para os convidados e para a recepção. O pai de Blair soltaria sua mão com lágrimas nos olhos, sussurrando, "Eu te amo, ursinha", quando a entregasse a Marcus. Ele

seguraria sua mão com toda a cerimônia, daquele jeito íntimo dele, lembrando a ela que os dois não só eram completamente apaixonados, eles eram grandes amigos.  
— É mesmo uma coisa, não é? — Lyla cruzou os braços. Estava parada atrás de Blair, sorrindo com aprovação. Blair encontrou o olhar dela no espelho.  
— É simplesmente perfeito — sussurrou ela, os olhos vidrados na interminável seda pura branca.  
— Já marcou a data?  
Humm, que tal um pedido primeiro? E que tal, sabe como é, a universidade?  
— Vou levar — declarou Blair.  
— Claro — concordou Lyla. — Não precisa se preocupar. Ele vai adorar.  
Blair assentiu hipnoticamente, ainda olhando o próprio reflexo.  
— E o colar? — perguntou Lyla.  
Por que não?, pensou Blair.  
Ah, é, por que não?

### *há qualquer coisa em danny*

A única queixa que Dan tinha de seu emprego na Strand era que a loja carecia de uma amenidade moderna e essencial: ar-condicionado. Esta manhã ele estava plantado no porão completamente sem ar, tripulando a mesa de informações e dando uma olhada nas encomendas especiais, como o pedido para um calendário de fotos de doença de pele. Depois de algumas horas de tortura, ele definitivamente estava pronto para tomar um pouco de ar fresco.  
Se é assim que você chama fumar.  
Assim que o substituto dele — um cara silencioso e carrancudo chamado Brent que trabalhava ali há uns vinte anos — chegou para tomar seu lugar, Dan subiu correndo a escada estreita e saiu. Uma saliência de concreto corria junto ao prédio bege e quadrado e ele se empoleirou, desfrutando da sombra enquanto acendia o cigarro.  
A calçada estava tomada de gente olhando as grandes bancas do lado de fora da Strand, que estavam cheias de livros com superdescontos que ninguém queria, como Moedas colecionáveis do Canadá contemporâneo e Tiger: A verdadeira história do cão que amava um gato. Dan fechou os olhos e se desligou da tagarelice dos caçadores de pechinchas. Deu um trago fundo no cigarro e pensou em Sidarta, de Hermann Hesse: *"O amor agitou o coração das jovens filhas dos brâmanes quando Sidarta passou pelas ruas da cidade, com seu sorriso radiante, seu olhar imperial, os quadris magros."* Dan não conseguiu deixar de querer ser Sidarta, ou pelo menos ser mais parecido com ele.  
Ele queria ter alguém com quem pudesse conversar, em especial desde que terminara tão mal a tentativa de bater papo com Vanessa.  
Um tapinha no ombro interrompeu seus devaneios. Ele abriu os olhos.  
— Dan? — Bree estava parada diante dele como uma filha loura e malhada de um brâmane, admirando-o em toda sua sidartanidade.  
Quem disse que os desejos não se tornam realidade?  
— Oi — ele se levantou rapidamente. Bree vestia um top verde justo e short de spandex banco. O cabelo louro estava preso em duas marias-chiquinhas e a pele tinha um brilho dourado e saudável.

— Está fumando? — perguntou ela, horrorizada.

— Ah, não — Dan largou o cigarro aceso no chão e o apagou rapidamente. — Estava segurando para um cara chamado Steve. Ele teve que correr lá pra dentro. Excelente encenação, Shakespeare.

— Ui — exalou ela, abanando o ar. — Fumar faz um mal danado.

— Ah, eu sei — concordou Dan de pronto, esfregando as mãos na calça verde desbotada.

— É bem ruim mesmo.

— Fico tão feliz de encontrar você! — Bree pulou na saliência e começou a balançar as pernas como uma criança que precisa fazer xixi mas não quer sair do balanço. — Eu queria te contar como gostei de Sidarta.

— É? Que ótimo. Eu mesmo andei relendo.

— É mesmo? Que coincidência engraçada! Tá legal. Coincidência.

— E aí, você achou o livro interessante? — perguntou Dan, cruzando as pernas de uma forma que ele esperava que parecesse quase intelectual e quase atlética. — O que está pensando em ler agora?

— Bom, vou ler um livro que meu iogue está escrevendo. Fala de melhorar o modo como o cérebro se comunica com os outros órgãos do corpo, meditando, fazendo ioga e entoando cânticos. Tem, tipo assim, cinqüenta capítulos e a maioria deles tem umas cem páginas. Ele está escrevendo há uns 11 anos, vai tentar publicar este ano e me pediu para revisar. Eu! Imagine! É uma honra e tanto.

Uma honra? Parece mais um pé no saco bem-ioguizado.

— Mas então, preciso confessar — continuou ela, olhando nos olhos de Dan. — Eu não vim aqui para falar de livros.

— Não veio? Ela não veio?

Dan corou e olhou para o chão, chutando a ponta de cigarro que afirmou não ser dele. Ele queria pegá-la de volta.

— Não, eu queria ver se você estaria interessado em sair um dia desses. Sei que pode parecer meio precipitado mas, sabe como é, sou uma pessoa que acredita em aproveitar as oportunidades. Acho que o universo recompensa as ações ousadas, e você?

Dan assentiu, ansioso.

— Estou meio solitária neste verão. Fui criada aqui no Greenwich Village, mas estava em um internato no Oeste, então não conheço ninguém na cidade. Vou para a Universidade de Santa Cruz no outono, mas não quero passar meu último verão em Nova York totalmente sozinha.

— Não, claro que não — concordou Dan. — Eu adoraria sair com você.

— Demais! — gritou Bree, pulando da saliência. — Como é que está a sua agenda?

— Bom, eu trabalho de dia. Então a qualquer hora depois das seis.

— Legal. Acha que está pronto para o Bikram?

— Claro — Dan assentiu, embora nunca tivesse ouvido falar desse lugar. Ele não ia a boates com muita frequência.

— Demais! — guinchou ela de novo. — Me dê seu telefone e vou ligar para confirmar, digamos, no sábado?

Dan recitou seu número e ela digitou em seu Razr rosa-choque. Ele oficialmente tinha feito um intervalo muito maior do que devia, mas depois que Bree se afastou, precisou acender outro Camel para acalmar os nervos. Não tinha lá muita certeza do que era o Bikram — uma nova boate da moda? Um novo restaurante indiano? Talvez fosse um



novo filme underground independente? Mas isso não importava. Vanessa estava ocupada filmando e ele marcara um encontro quente com uma linda e doce garota que adorava ler. Ah, mas é claro que vai ser um encontro bem quente.

*luz, câmera, mas nada de ação*

— Corta! — ladrou Ken Mogul. — Porra! — Ele atirou a prancheta verde fluorescente no chão e pulou da cadeira giratória de metal em que estava afundado. — Intervalo de dez minutos, por favor. Preciso da porra de um cigarro.

As mãos de Serena tremiam ao segurar a ponta de seu Gauloise para a chama do Zippo de prata de Thaddeus. Ela inalou fundo, mas a nicotina pouco fez para acalmar seus nervos. Decorar as falas e recitá-las adequadamente tinha se tornado mais difícil do que ela pensava. Acima de tudo, era terrivelmente assustador ter Ken, o extraordinário diretor de freak shows, gritando com ela a cada cinco segundos.

— Não se preocupe com ele — Thaddeus a tranqüilizou, passando as mãos em seus cachos louro-escuros e sorrindo para ela com aqueles olhos azuis adoráveis. — Sei que é difícil, e pessoalmente acho que você está ótima para seu primeiro filme. É só que estamos com o cronograma apertado, sabe como é, e ele fica nervoso porque precisa agradar aos produtores. Pode acreditar, não tem nada a ver com você.

Não tem, é?

— Você acha mesmo? — perguntou Serena, aceitando o abraço protetor de Thaddeus. Normalmente ela não teria ficado tão tocada com um cara que só conhecia há alguns dias, mas Thaddeus não era um homem comum. Era mais do que o simples fato de ele ser um astro de cinema: eles estavam se fingindo de apaixonados. Já se beijaram oito vezes para a cena idiota do clímax. Parecia natural aninharem-se no sofá como velhos amigos.

— Atenção! — Ribombou o diretor, voltando para a sala, enfiando o maço de Marlboro no bolso da camisa amarrotada de brim que, estranhamente, tinha as mangas cortadas, então era mais um colete do que uma camisa.

Serena estremeceu ao ouvir a voz dele e Thaddeus pôs a mão protetoramente sobre a dela.

— Eu perdi a cabeça aqui — desculpou-se ele. — Vamos tirar um dia de folga, está bem? Vanessa e eu precisamos repassar nossa lista de filmagem mesmo, mas quero que vocês dois continuem trabalhando. Saiam para jantar... Por minha conta.

— Obrigado, Ken. — Thaddeus se levantou e se espreguiçou, bocejando alto e liberando os odores celestiais de suor e colônia Carolina Herrera for Men. — Foi mesmo um longo dia. Eu adoraria tomar um drinque.

— E isso lhes dará a chance de trabalhar em sua química, não é, Holly? Conheça seu protagonista. Converse com ele, ouça-o, aprenda com ele. Eu quero ver vocês combinarem, está bem?

Serena assentiu e apagou o cigarro no cinzeiro de madre-pérola empoleirado precariamente no braço do sofá de couro marrom. Ela podia se combinar, em especial com Thaddeus, mas talvez não com Ken olhando.

— Que bom—grunhiu o diretor enfadado. — Então vão, aproveitem. É o dever de casa de vocês.

Jantar com um gato de Hollywood? Tem crédito extra?

Depois de devorar o melhor steak tartare da cidade — misturado com dois delicados ovos de codorna e servido com uma saudável porção de fritas no sal grosso — Serena e Thaddeus saíram do As Such, na Clinton Street, atualmente o lugar mais bacana e movimentado do verão. Eles dividiram uma garrafa de Veuve Clicquot, um bolo de chocolate derretido com cerejas frescas na sobremesa e Serena, bêbada, despejou a história do motivo para não ter sido aceita de volta na Hanover Academy no outono passado.

Ela passou o verão na Europa, divertindo-se com o irmão mais velho, Erik, e paquerando franceses. Erik tinha ido para a Brown em agosto, mas Serena foi ficando, e ficando. A escola parecia tão chata e desnecessária quando as praias em Saint-Tropez eram convidativas, mesmo em setembro. Felizmente a Constance Billard, a escola particular só de meninas de Nova York que ela frequentara desde o jardim de infância, tinha sido gentil o bastante para aceitá-la de volta.

— Eu meio que achei que ia para uma universidade comunitária e moraria com meus pais pelo resto da vida — admitiu ela. — Agora, aqui estou eu, atuando em um filme, morando sozinha e vou para Yale no outono — ela sorriu meio de porre e meio sedutoramente para Thaddeus, — Acho que nunca se pode saber o que vai acontecer — no fundo, era um convite para beijá-la. Mas eles estavam em um restaurante apinhado, cheio de olhares e fofocas e talvez fosse melhor ele não fazer isso.

— Podemos ir? — perguntou Thaddeus, como se estivesse louco para levá-la a algum lugar mais reservado.

Ao sair para a esquina abafada e movimentada, o casal foi surpreendido por um grito súbito e insistente.

— Thad! Thad! — Uma figura volumosa e barbuda saiu das sombras segurando uma câmera. Tirou fotos enquanto corria para eles, o flash iluminando o trecho de rua que estaria escuro.

Thaddeus colocou o braço protetoramente na cintura de Serena com um sorriso falso, mas ainda charmoso, colado no rosto lindo.

Serena também sorriu. Estava acostumada a ser fotografada para as colunas sociais dos jornais. Ela até deu uma de modelo algumas vezes, mas parecia meio assustador ser perseguida desse jeito.

— Vamos — suspirou Thaddeus. Ele acenou para o fotógrafo. — Tudo bem, cara, tá bom, agora chega. Estamos indo.

Mas o sujeito os seguiu, acenando e pulando como um pugilista, tirando fotos e apertando o disparador da câmera com tanta rapidez que parecia uma metralhadora. Ele terminou um rolo de filme, rebobinou a câmera como um perito em questão de segundos e continuou fotografando.

— Já chega — ordenou Thaddeus, desta vez com mais firmeza. Ele pegou o braço de Serena, puxando-a para atravessar a rua. — Vamos.

Serena continuou a sorrir, mas seus imensos olhos azuis disparavam em volta, procurando por um táxi.

— Quem é ela, Thad? — perguntou o fotógrafo de trás deles. — O que está vestindo hoje, Thad? — continuou ele num tom quase de zombaria. — Você é linda, querida. E você? O que está vestindo?

Na verdade, ela estava com seu vestido de verão de fustão Les Best preferido e sapatilhas de balé preta Capezio, mas estava assustada demais para abrir a boca.

— Já chega, cara! — gritou Thaddeus com raiva. Será que ele vai bancar a Cameron Diaz?

Thaddeus deu um passo para o trânsito da Clinton Street, agitando os braços freneticamente como um naufrago em uma ilha deserta acenando para um avião. Um táxi encostou e ele enfiou Serena no banco traseiro. Depois pulou ao lado dela e bateu a porta. O fotógrafo encostou a câmera na janela e Serena enterrou a cara no ombro largo de Thaddeus, sentindo-se meio como a princesa Diana deve ter se sentido pouco antes de morrer.

— Vai, vai! — ladrou Thaddeus para o motorista. Enquanto disparavam para fora dali, o fotógrafo gritou para eles.

— Vai ser a capa do Post amanhã!

Quando chegaram à esquina da 71 com a Terceira, Thaddeus pagou ao taxista e saltou para poder manter a porta aberta para Serena. Seus passos ecoaram na noite e o trânsito distante da Segunda Avenida lembrava um pouco o mar. Serena subiu no primeiro degrau da escada de seu prédio e se virou. Parada ali, ela estava no mesmo nível dos olhos de Thaddeus.

— Gostaria de subir para tomar um drinque? — perguntou ela, decidida que o incidente horrível com o paparazzo não estragasse a noite. Afinal, esta era a primeira vez que tinha Thaddeus só para ela. Não havia um diretor furioso, nem diretora de fotografia atrapalhada, nem roteiro a seguir. Ela não ia deixar este momento passar em branco. Ele deu de ombros.

— Talvez a gente deva só ficar sentado aqui por um tempinho — ele desabou no degrau.

— Você está bem?

— Estou legal — sussurrou ela, puxando o vestido delicadamente antes de se sentar ao lado dele.

— Aquela porra de fotógrafo — grunhiu ele de mau humor.

Serena colocou uma mão protetora na perna dele.

— É só um babaca — ela sorriu animadora para Thaddeus. — Não se preocupe com isso. Vamos subir e vou preparar um bom mojito gelado para você.

— Às vezes eu fico tão cansado disso... Do jeito como eles falam com você, como se te conhecessem. O modo como me chamam de Thad, sabia? — continuou Thaddeus, ignorando o convite. Serena piscou para a lasca de lua que pairava sobre a rua 72.

— Deve ser difícil para você. Quero dizer, as pessoas devem pensar que te conhecem. Elas vêem os seus filmes, vêem você nas revistas.

Mas elas não têm jantares íntimos com ele, coitadinhas.

— Quer dizer, meu nome nem é Thaddeus, pelo amor de Deus.

— Como assim? — perguntou ela, confusa.

— É Tim. Meu agente pensou que devia ser alguma coisa que pegasse mais.

— Acho que deu certo — Serena assentiu, perguntando-se subitamente se não devia mudar o próprio nome. Podia ser bom para sua carreira.

É, Serena van der Woodsen não gruda na cabeça de ninguém.

Ele pegou um maço de Parliament Lights no bolso.

— Pelo menos aqui é sossegado — disse ele, acendendo o cigarro.

É verdade. Você está seguro, bem aqui, comigo.

— Não tem fotógrafos aqui — Serena riu. — Só nós dois. — Trabalhando em nossa

química — Thaddeus soltou

uma gargalhada. — Nosso dever de casa. Dever de casa de química, entendeu?

É melhor se prender ao roteiro, meu amigo.

Este era tranquilamente o melhor dever de casa que já deram a Serena e ela estava certa de estar cumprindo. A questão era como se aninhar nele mas deixar claro que não estava ensaiando bem a tarefa. Ela queria se certificar de que Thaddeus a visse como Serena e não como Holly, e que ele pudesse distinguir os beijos falsos dos verdadeiros.

— Oi de novo — veio uma voz acima deles. Era Jason, o vizinho de baixo, vestindo um terno risca-de-giz azul-marinho. A gravata listrada de azul e amarelo estava solta no pescoço e a gola da camisa branca, desabotoada. Ela não o via desde que ele a resgatara no primeiro dia no apartamento, e ela na verdade meio que se esquecera dele.

— Oi, Jason — Serena queria ser educada, mas sinceramente esperava que ele desaparecesse. Ele era simpático e bonitinho, mas ela e Thaddeus tinham um dever de casa a fazer.

— E aí? — Thaddeus usou o mesmo tom de voz que costumava usar no circuito de talk shows, simpático e sedutor. Ele estendeu a mão para Jason mas continuou empoleirado na escada. — Eu sou o Thaddeus.

Jason desceu os degraus.

— Vim pegar minha correspondência. Oi, meu nome é Jason — ele trocou um aperto de mãos firme com Thaddeus. — É um prazer conhecê-lo.

— Pegue um degrau — brincou Thaddeus, afastando-se um pouco. — Tem bastante espaço.

— Ou a gente pode subir para minha casa e tomar um drinque — sugeriu Serena, cheia de esperança.

— Por que não trazer umas cervejas? — propôs Jason. — Tenho um monte lá dentro. E depois não precisamos nos incomodar com toda aquela escada.

— Excelente. Eu meio que gosto de ficar aqui. A brisa está boa. Boa companhia. — Thaddeus sorriu para Serena.

— Eu também — ela retribuiu o sorriso, embora preferisse muito mais subir e ficar sozinha com ele. Se ele queria uma brisa, ela podia abrir uma janela.

Jason morava no primeiro andar, então só precisou de um minuto para disparar para dentro e pegar três garrafas geladas de Heineken.

— Obrigado. — Thaddeus suspirou enquanto abria a garrafa e atirava a tampinha no degrau seguinte.

— Dia longo? — perguntou Jason.

— Demais — concordou Thaddeus. — O que você faz?

— Sou assistente de verão da Lowell, Bonderoff, Foster and Wallace — explicou Jason antes de tomar um longo gole. Um carro buzinou alto na rua. Serena olhou o relógio. Esta conversa era bem interessante, mas francamente ela preferia estar mergulhada em um banho de espuma com sais e sálvia.

— São os meus advogados! — exclamou Thaddeus todo animado, como se Jason fosse o cara mais interessante que ele já conhecera. — Você não conhece o Sam, conhece?

— Eu sei da existência dele — respondeu Jason. — E sócio do escritório de Los Angeles, não é?

Uma brisa suave levantou o cabelo desgrenhado de Thaddeus na testa.

— Ele é um pit bull daqueles. Meu Deus, me lembro de uma vez em que eu estava com

problemas contratuais com um estúdio e...

— Mundo pequeno — Serena bocejou e empinou as sapatilhas de balé.

— É um mundo pequeno mesmo — Thaddeus ergueu a garrafa, bateu na de Jason e depois na de Serena.

Ela secou todo o conteúdo da cerveja e chegou um pouco mais para perto de Thaddeus. Mesmo que a conversa deles fosse mortalmente chata, ela sabia que estava na presença de dois jovens cavalheiros gentis que provavelmente a levariam por quatro lances de escada até seu apartamento se por acaso ela ficasse bêbada demais e não conseguisse andar.

Afinal, ela sempre dependeu da gentileza de estranhos.

### *a noiva fugitiva*

Num rompante, Blair Waldorf entrou no saguão do Claridge como uma mulher em uma missão, e era exatamente este seu caso. Tinha que voltar a seu quarto e revirar os pacotes que foram entregues. Estava particularmente interessada em revisitar o vestido de noiva espetacular que fora a maior pepita da semana: a dez mil libras, era ostentoso até para ela, mas era tão perfeito que valia cada penny, e Blair sabia que a mãe concordaria. E se não concordasse, Blair sabia que o pai, Harold J. Waldorf, concordaria: ele era um gay maravilhoso que vivia em grande estilo no sul da França. Se havia alguém que entendia a emoção de encontrar o vestido de noiva perfeito, era ele.

Ela devia agendar um encontro de fim de semana com o velho e querido pai em Paris — não estava na hora de Marcus conhecer os pais dela? Ficava só a algumas horas de distância de trem e seria tão divertido fazer uma romântica viagem com o namorado e deixar a prima Camilla para trás. Enquanto marchava pelo saguão, Blair olhou a recepcionista atrás da elegante mesinha. Perfeito, pensou Blair. Ela mesma podia organizar tudo! Blair disparou pelo piso de mármore até a mulher, que escrevia em uma espécie de livro-razão de capa de couro.

— Preciso de ajuda — ordenou Blair. — Passagens para Paris.

— Madame! Sra., er, Beaton-Rhodes? — perguntou a recepcionista, uma asiática baixinha e empertigada que exibia óculos redondos no estilo John Lennon e um corte de cabelo prático.

— É Srta. Waldorf, na verdade — corrigiu-a Blair.

Não é Sra., ainda.

— Sim, é claro — desculpou-se a recepcionista. — Madame, estou confirmando sua reserva para mais uma semana. Correto?

— Claro, claro. — Blair acenou. Tinha negócios a resolver. — Como eu estava dizendo, quero ir a Paris. Tipo assim, imediatamente.

— Está tudo bem, então. Só vou precisar do cartão de crédito. Para o quarto.

— Pode colocar na conta de lorde Marcus? — perguntou Blair, irritada. — É ele que está lidando com tudo.

— Entendo — assentiu a recepcionista, tomando nota em seu caderninho de couro. — E o lorde virá logo em visita? Vamos precisar da assinatura dele.

— Não tenho certeza — admitiu Blair. Ela estava prestes a ter a noite romântica perfeita, lingerie, champanhe, a coisa toda, mas tecnicamente não falou com ele o dia todo, então ele nem sabia que tinham um encontro.

— Bom, receio termos que agendar um horário para que o lorde venha assinar os documentos — respondeu a recepcionista com firmeza.

— Tudo bem — rebateu Blair. — Vou marcar uma hora. Um grupo de turistas italianos andava por ali, tirando fotos aleatoriamente de Blair enquanto ela fumegava.

— Bem, Srta...

— Waldorf— repetiu ela.

— Srta. Waldorf, vamos precisar da assinatura na conta amanhã, ou receio que teremos de liberar o quarto. Temos uma parte interessada.

— Tudo bem — respondeu Blair friamente. — Vou ligar para ele agora. — Blair pegou o telefone e escolheu o único número em sua discagem rápida. O telefone de lorde Marcus tocou e, como Blair podia prever, não houve resposta. Ela optou por não deixar recado. Já deixara três naquele dia. Não queria que ele pensasse que ela era uma doida varrida. Até parece que comprar um vestido de noiva não era coisa de doida.

— Ele não está atendendo — informou Blair à recepcionista. — Está muito ocupado no trabalho agora, mas tenho certeza de que vou falar com ele hoje à noite. Vou marcar para ele vir e acertar a questão toda, está bem?

Passaram-se só alguns dias, mas Blair já resvalava num sotaque inglês do tipo Madonna, encurtando algumas consoantes e usando expressões como "a questão toda".

— Está muito bem. — A recepcionista assentiu. — Apenas lembre-se de que ele terá de assinar a conta amanhã ou seremos obrigados a liberar o quarto. Espero que ele encontre um momento para se afastar da esposa e vir aqui.

— Como é? — perguntou Blair.

— Perdão? — respondeu a recepcionista, fingindo-se de boba.

— O. Que. Você. Disse? — Blair podia sentir as pontas das orelhas se avermelhando de fúria. Por um momento ela se esqueceu do vestido que a esperava lá em cima, em sua luxuosa suíte. Ela se esqueceu da camareira, que prepararia satisfeita qualquer drinque que Blair pedisse assim que entrasse. Ela se esqueceu da massagem no quarto que estava louca para fazer. Ela se esqueceu de Paris.

— Acredito ter dito que espero que ele encontre um momento para se afastar do esforço e vir aqui — respondeu a recepcionista com doçura.

— Não disse não — sussurrou Blair rigidamente, inclinando-se no balcão, a voz muito baixa. — Você disse esposa.

— Tenho certeza de que entendeu mal — respondeu a recepcionista.

— Bom, e eu tenho certeza de que você entendeu mal! — gritou Blair. Ela nunca foi tímida. — Ouvi muito bem o que você disse.

— Sim, senhora. É claro. Só vou precisar que o lorde apareça para assinar os documentos e a questão será resolvida.

— Ele não é casado. Ela é prima dele — continuou Blair. — E eu sou namorada dele. — Estava praticamente gritando. Do outro lado do saguão, os italianos se viraram para olhar. A recepcionista corou fortemente.

— Poderíamos manter a voz baixa?

— Ah, que se foda — Blair estava cheia da Inglaterra, do balbuciar educado de todos, da insistência britânica na dignidade plácida. Blair não estava interessada em placidez, nem em dignidade. Foda-se essa piranha, foda-se a Grã-Bretanha, foda-se lorde Marcus e foda-se a prima cara-de-cavalo da Camilla. De repente só o que ela queria era ir para casa. — Sabe de uma coisa? Não quero o quarto. Quero que ligue para a porra da British

Airways e me compre uma passagem imediatamente. Só de ida, primeira classe. Para Nova York—Blair vasculhou a bolsa e encontrou o cartão American Express Black, que atirou na mesa com raiva.

— Só de ida, primeira classe, Nova York — repetiu a recepcionista. — A Virgin tem vôos diários às onze. Verei se podemos conseguir um lugar. Virgin. Mas que coisa adequada. Essa não.

## **Gossipgirl.net**

---

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

*Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

### **oi, gente!**

Tenho certeza de que você viu e aposto que não acreditou mais do que eu. Lá estava eu, passeando feliz pela Madison Avenue, em busca de uma nova toalha de praia de algodão, quando o que vejo? A pior placa do mundo: "fechado". Fechado? Mas não é o que você está pensando: parece que o diretor criativo e dândi da Barneys, Graham Oliver, se entendeu com um certo cineasta indie inepto para a moda e concordou em fechar a loja por alguns dias para que as câmeras pudessem rodar.

Eu só espero que reabram de acordo com o programado: dizem que a estréia nas telas de uma certa starlet pode precisar de uns beliscões. As coisas estão tão sombrias, que eles estão rodando primeiro as cenas em que ela não aparece, na esperança de que toda a prática finalmente faça a perfeição.

Agora que a Barneys está fechada por um tempo, estou pensando em sair da cidade para sempre — chega desse vai e vem nos jatos fretados e helicópteros. Sei que eu disse que as coisas não iam esquentar nos Hamptons por um tempo — em geral eu espero até 4 de julho para começar a temporada — mas andei recebendo relatórios sobre uma certa atividade intrigante na ilha. Posso ter que verificar eu mesma. É tão difícil ser eu: como posso estar em dois lugares — ou três, ou quatro, ou cinco — ao mesmo tempo? Não que algum dia isso já tenha sido um problema para mim.

### **Guia De Sobrevivência Para O Verão**

Não vou citar nomes — sei que isso é incomum para mim — mas há muitos infratores inveterados lá fora. Então, como um cursinho para refrescar a memória, aqui está tudo o que você precisa saber sobre:

#### 1) Bronzeamento

Obviamente, o verdadeiro é melhor. Se a Mãe Natureza não está ajudando, é aceitável

usar spray, mas lembre-se, seja na beira da piscina ou naquela pequena câmara, você deve estar pelada: as marcas de bronzeamento são um horror. E lembre-se de se depilar com cera dois dias antes e fazer esfoliação! Suas estrias e manchas não agradam a ninguém.

## 2) Sobrancelhas

As iniciantes devem pensar que têm duas, não é? Agora baixe as pinças. Não, jogue fora. Vá procurar minha amiga Reese na Bergdorf já. E eu não quero ouvir nenhuma queixa de que custa 45 pratas por sobrancelha.

## 3) Depilação

É a temporada de banhos de sol, então não existe a opção de ficar olhando a paisagem. Se você vai usar aquele biquíni Eres, vamos todas ter um show. Pessoalmente, endosso a tradicional depilação brasileira (sem dor não há recompensa). E embora eu tenha sido famosa por optar por uma preciosa tatuagem de aplique Swarovski, não há realmente necessidade de melhorar o que já é perfeito, há?

### **Seu e-mail**

**P:** Cara GG,

Soube que tem um filme incrível e picante rodando pela Internet e ele prova que uma certa pessoa esteve em um filme antes. Foi rodado numa locação no Central Park, com aquele gato do N. O cabelo dela parece meio castanho e crespo, mas deve ser S, não é?  
— Cineaste

**R:** Cara Cineaste,

Vai ter que apurar os fatos direito: houve um filme de, tipo assim, um ano atrás, e ninguém envolvido nesta produção tem nada a ver com o que estão filmando aqui agora. Essa estrela bem-dotada está fora, fazendo artes — e quem sabe o que mais — em Praga. Au revoir!  
— GG

**P:** CaraGG,

Tem uma garota bem irritante na minha aula de ioga — eu simplesmente tento entrar em forma e me manter ocupada enquanto minha melhor amiga está, tipo assim, num acampamento de arte em Praga durante todo o verão — mas ela sempre fica tagarelando que a ioga é um "modo de vida". Mas aí, outro dia, depois da aula ela estava desabafando com o professor, dizendo estar a fim de um novo "amante de livros espirituais" e ele pareceu muito alguém que eu conheço — só que não é. Tipo o gêmeo do mal. Ou do bem. Mas então, estou confusa. Existem casulos de gente na cidade tomando o lugar de todo mundo com clones ou o quê?  
— Assustada

**R:** Cara Assustada,



Esta é uma informação intrigante. Mas duvido que sejam alienígenas — às vezes é legal só curtir uma fantasiuzinha de verão. Nunca fingiu ser alguém que não está de férias? Experimente um dia: registre-se no hotel como a Princesa de Medici ou coisa assim, e não se surpreenda se a gerência lhe mandar um enorme cesto de frutas ou uma Dom Perignon. Esticar a verdade às vezes tem seus méritos.  
— GG

## **Flagras**

B pagando taxa de excesso de bagagem no balcão da Virgin em Heathrow. Lembrancinhas para os amigos e amados, ou aquela bolsa gigantesca do vestido de noiva? N comprando alguns gêneros de primeira necessidade, como Visine e camisinhas, na White's Pharmacy em East Hampton. D curtindo uma salada muito saudável de quatro vegetais na Soho Natural. Será que está entrando em forma para a temporada do calção? S pode querer uma página do livro dele —depois de escapular do ensaio cedo, ela foi direto para a liquidação da Tuleh perto da F.I.T. e depois fez um pit stop não-tão-curto na Cold Stone Creamery. Ora, ora: parece que uma estrela está matando o trabalho! Como se ela tivesse que se preocupar com isso.

Pra você que me ama,  
gossip girl

### ***um passarinho me contou***

— Nate Archibald. Não acredito no que estou vendo.  
— Oi, Chuck — murmurou Nate. A caminho de casa naquela tarde, ele percebeu que o pneu da frente estava meio vazio de novo, então parou no posto de gasolina BP na Springs Road. O dia fora incrivelmente quente, o tipo de dia sem nenhuma brisa do mar para cessar a névoa, então as horas de trabalho árduo o deixaram suado, queimado de sol e exausto. A julgar pelo olhar de pavor na cara macia e naturalmente bronzeada de Chuck Bass, Nate imaginou que devia mesmo estar horrível  
Mas isso é uma novidade.  
— O que aconteceu com você? — Chuck arfou. Baixou os óculos de aviator Ray-Ban até o nariz e passou uma nota de 50 dólares ao frentista do posto. — Fique com o troco.  
— Não aconteceu nada, cara — respondeu Nate, irritado. Ele tirou a mangueira de ar do pneu e quicou com a bicicleta no chão para verificar a pressão.  
Apesar do calor denso, Chuck Bass usava short madras e um casaco com capuz de cashmere cinza. Como sempre, estava perfeitamente bem-vestido, o queixo quadrado e macio de comercial de loção pós-barba. Ele estendeu a mão e ajudou Nate a se levantar.  
— Desistiu dos carros? — perguntou Chuck, acenando com a cabeça para a bicicleta de Nate. — Não me diga que entrou nessa onda de ecologia.  
— É — Nate olhou com esperança para o posto de gasolina BP de telhado cinza procurando por alguém que o salvasse de Chuck.  
— Eu te dou uma carona. — Chuck sacudiu o gelo no copo plástico de mocha latte gelado que estava tomando. — Está uns 38 graus aqui fora e você parece que saiu do inferno. Nem quero imaginar como vai ficar depois de pedalar até Georgica Pond nessa

bicicleta.

Nate pesou suas opções: meia hora suando contra dez minutos sozinho com Chuck Bass? Merda por merda....

— Vamos — Nate suspirou. Era difícil demais resistir à idéia do ar-condicionado do Jaguar cinza de Chuck.

Chuck abriu a mala do carro e Nate colocou a bicicleta lá dentro — ele não tinha certeza se ia caber, mas a mala era surpreendentemente grande e eles conseguiram ajeitá-la de modo que só a ponta do pneu ficou de fora. Nate sentou no banco de couro branco e bateu a pesada porta, puxando o cinto de segurança e se preparando para a carona. Chuck ligou a ignição e o carro imediatamente foi inundado de ar frio e "Houses of the Holy", do Zeppelin, retumbou pelos alto-falantes.

— Fiquei na praia em Sag Harbor o dia todo, sentindo-me retrô — explicou Chuck, abaixando o volume. — E aí... Vamos colocar a vida em dia.

— Em dia—Nate fez eco, sem expressão nenhuma. Pelo tom de voz de Chuck, ele sabia que ia ter que aturar uma enxurrada de perguntas. Conversar com Chuck era como estar numa entrevista de emprego.

— Imagino que tenha ouvido falar da Blair. — Chuck aumentou o ar-condicionado, embora já estivesse congelando. Entrou na estrada que ligava Hampton Bays a East Hampton, que Nate agora praticamente conhecia de cor. Campos de vinhedos alternavam-se com casas de bom gosto, telhados cinza em estilo colonial, e de vez em quando ele via o mar azul escuro atrás do quintal de alguém.

— Blair? — perguntou Nate enquanto eles passavam pela Oyster Shack à esquerda. Estava tão preocupado com Tawny, que até dizer o nome de Blair em voz alta parecia estranho. Blair foi passar o verão na Inglaterra com o novo namorado britânico, pelo que ele sabia. Ela parecia muito distante quando ele pensava nela, embora seus caminhos em breve se cruzassem novamente. Ela podia estar loucamente apaixonada por aquele cara inglês, mas não havia como Blair Waldorf abandonar seu sonho de toda uma vida de ir para Yale no outono. Um reencontro em setembro no campus era inevitável.

— Ela voltoooooooooooo. — Chuck estendeu a palavra como aquela garotinha apavorante de Poltergeist. Ele sacudiu o gelo no copo e tomou a água com gosto de café que ficara no fundo. — Desembarcou hoje de manhã.

— Ah, é? — Nate mexeu no cinto de segurança na altura do ombro. Blair voltou de Londres? Isto sim era novidade.

— É — Chuck assentiu casualmente, abaixando mais o volume do som. — Fico me perguntando se ela e Serena já se beijaram e transaram. De novo. Entende o que eu quero dizer.

— Blair e Serena nunca ficam brigadas por muito tempo — murmurou Nate, tamborilando o polegar na maçaneta da porta no ritmo da música. Ele sabia muito bem. Em geral era ele que provocava as rixas entre as duas.

— Mas é boa notícia para Serena — acrescentou Chuck com malícia. — Ela pode precisar mesmo de uma amiga.

Nate não respondeu. Tudo o que Chuck disse o deixou meio inquieto, como se o mundo estivesse girando sem ele. Ele só estava nos Hamptons há uma semana e já não sabia que porra estava acontecendo.

— Dizem que ela está tendo um probleminha com aquela história de filme — observou Chuck. — Mas tenho certeza de que vai sair dessa por cima. Ela sempre consegue.

— Filme — repetiu Nate. Tinha se esquecido do filme de Serena. Esse lance parecia totalmente alheio a sua vida de trabalhador. Nate de repente foi dominado pelo desejo de fumar um. Ele puxou o acendedor de cigarros do carro. — Não se importa, não é? Chuck deu de ombros.

— Não importa quantos problemas Serena possa ter, não é nada comparado com a confusão em que Blair se meteu — Chuck acelerou, deu uma guinada para a direita em um cruzamento e os pneus cantaram. As casas e os gramados ficavam maiores quanto mais eles avançavam.

— Que problema? — perguntou Nate, acendendo o baseado fumado pela metade que sensatamente tinha guardado para um momento como esse.

— A Blair acaba de voltar de Londres às pressas. Com alguns... pacotes.

— Que pacotes? — Nate já se sentia extremamente chapado. Ou era ele, ou Chuck era um babaca tão grande que quase não era humano, como um andróide ou coisa assim.

— Bom, quando estava em Londres, Blair comprou um monte de coisas porque simplesmente não podia viver sem elas. Tipo um vestido de noiva. E um daqueles carrinhos de bebê ingleses e antiquados. Depois ela comprou uma passagem para Nova York.

— O que está querendo dizer? — perguntou Nate. Uma tenda de eventos, grande e branca, estava montada em um gramado e chamou a atenção dele. Uma noiva toda cheia de frufus e o noivo de cabelo sujo segurando uma guitarra posavam para fotos junto a um carvalho não muito longe dali. Os metidos a astros de rock sempre se casavam nos Hamptons.

— Blair voltou numa pressa danada, trazendo um vestido de noiva e um carrinho de bebê... Não sei não. — Chuck suspirou de impaciência. — Ligue os pontos.

Esses pontos não eram complicados — nem para um doidão.

Tinha que ser um grande acontecimento para convencer Blair Waldorf a interromper sua curta viagem. Será que ela veio para casa para planejar o casamento? Nate não colocaria a mão no fogo por ela, mas simplesmente não conseguia imaginar Blair de vestido de noiva, andando pela nave central, a não ser que ele estivesse ali, de smoking, bem ao lado dela. É claro que eles nem estavam mais juntos, mas, de certa forma, era impossível para Nate imaginar Blair — a Blair dele — casando-se com outro.

Nate ficou pra lá de aliviado quando eles encostaram na entrada de carros de cascalho da propriedade dos Archibald. Ele precisava ficar sozinho com as novidades e outro baseado bem maior.

— Obrigado pela carona, cara — murmurou Nate distraído, atrapalhando-se com o baseado ao sair do carro.

— Se quiser conversar mais um pouco, Nate — disse Chuck pela janela do carona —, eu podia entrar. A gente pode pedir um sushi.

Ignorando a oferta solitária e patética de Chuck, Nate pegou a bicicleta na mala e seguiu pela entrada de carros. Precisava limpar a mente.

Também precisava aprender a não acreditar em tudo o que ouvia. (Até parece que nós não cometemos esse tipo de erro de vez em quando.)

*s segue os passos de audrey. Literalmente*

Serena saiu de um táxi amarelo ostentoso em um trecho movimentado da Quinta Avenida, vestindo uma roupa simples e preta e enormes óculos de sol, cortesia do estilista Bailey Winter. Estava com o figurino — nem Serena ousaria andar pela cidade no meio do dia num vestido de noite — ensaiando a cena de abertura do filme. Holly tinha que olhar a vitrine da famosa joalheria Tiffany and Company enquanto tomava o café-da-manhã depois de uma longa noite fora, assim como Audrey Hepburn fez no filme original.

Segurando um copo de café e um saco de papel pardo cheio de massa folhada dado pelo departamento de publicidade, Serena andou empertigada para o prédio elegante, contando os passos para si mesma, lenta e deliberadamente, Um, dois, três, quatro.

— Cuidado — ladrou um executivo de terno, roçando nela enquanto grunhia em um celular.

— Desculpe — murmurou Serena, sentindo-se aturdida. Ela voltou ao meio-fio, virou-se e refez os passos. Tentou manter as costas perfeitamente retas, como Ken lhe instruíra a fazer, mas precisava se concentrar também em seguir em linha reta até a loja, o que era quase impossível porque havia muita gente em volta. Ela finalmente conseguiu, mas as vitrines estavam completamente bloqueadas por turistas, tirando freneticamente fotos dos produtos exibidos. Isto sem dúvida nenhuma não estava no roteiro.

Uma velha gorducha de saia e tênis estendeu a câmera para Serena, gesticulando que queria que Serena tirasse uma foto dela. Serena deu de ombros, largou o saco de papel pardo na rua e pegou a câmera. Focalizou e tirou uma foto da mulher, que sorria e apontava para o logo da Tiffany.

— Obrigada! E agora posso tirar uma foto sua? Você trabalha na loja, não é? — Serena estava pasma. É claro que devia estar parecendo uma monga, andando pela vitrine, contratada pela Tiffany na esperança de que o vínculo com o filme antigo vendesse mais jóias. Ela manteve o sorriso colado na cara enquanto a mulher batia a foto, depois pegou seu saco de papel e voltou ao meio-fio. Um ônibus passou rugindo, mandando uma lufada de fumaça quente em seu vestido.

Aaaah, o verão na cidade.

Serena olhou a loja, todo o seu corpo tremia de frustração. Fazia quase uns 38 graus, ela suava e vestia roupa em excesso, as pessoas estavam olhando e ela só queria ir para casa—para a cobertura dos pais, não para a lixeira fedida a mijo de gato — e vestir um short de linho, uma camiseta sem mangas e chinelos confortáveis, e passar a tarde bebendo Coronas e vendo uma maratona de Laguna Beach. Ela sempre conseguia se destacar em tudo, da escola e do hipismo aos homens, tudo, sem sequer tentar. Tinha certeza de que atuar seria tão fácil quanto todo o resto que experimentara na vida, mas até agora Ken Mogul eslava claramente insatisfeito com seu desempenho.

Ela se perguntou se até Blair Waldorf, a maior tiete de Bonequinha de Luxo, teria sido capaz de agüentar os ataques maníacos de Ken Mogul.

Serena recomeçou sua aproximação da Tiffany's mais uma vez.

— Olha, querido — gritou uma sulista atarracada de voz estridente, apontando Serena para o marido careca e barrigudo, que exibia o indefectível modelito de short cáqui com pregas e uma cópia barata de camisa pólo Lacoste, encimando meias pretas sob os sapatos de couro barato.

— Bom, agora eu já vi tudo — exclamou o homem.

— É exatamente como em Bonequinha de luxo, não é? — continuou a mulher,

aproximando-se de Serena. — Oiê, meu bem, é algum golpe de publicidade?  
Serena fingiu não ouvir. Quem podia imaginar que as calçadas de Manhattan seriam tão traiçoeiras? Ela recuou para o meio-fio e tomou coragem, depois fez a caminhada novamente.

Mas isso é que é dedicação.

Ela podia parecer uma atração turística engraçada para as pessoas que passavam, mas, por dentro, era uma atriz frustrada e tempestuosa à beira de um ataque de nervos daqueles. A verdade era que Serena nem queria mais atuar; queria desistir, ir à Barneys e ver se tinha alguma coisa nova nas prateleiras. Mas é claro que não podia fazer isso: primeiro porque a loja estava fechada para as filmagens, então ela era parcialmente responsável pelo próprio pior pesadelo, segundo porque ela nunca fracassou em nada na vida e no fundo era tão competitiva quanto a ocasional melhor amiga, Blair.

— BUNDINHA LINDA, MINHA LOURA — disse uma voz grave de trás dela.

Serena se virou e viu um cara olhando de lado para ela do banco traseiro de um táxi. Que grosseria. Audrey Hepburn nunca teve que lidar com esse tipo de lixo.

Não, mas também a bunda de Audrey Hepburn era meio achatada. Mas pelo menos ela sabia atuar.

### *dinheiro não é capim, meu bem*

Blair não sabia se as marteladas eram em sua cabeça — tinha virado alguns uísques no avião — ou se eram reais. Ela levantou a cabeça: não, eram reais e vinham da porta do quarto onde tinha desabado na noite anterior, o quarto antes ocupado pelo meio-irmão hippie, Aaron Rose.

— Blair Cornelia Waldorfl

Mais marteladas. Era a mãe e a voz dela estava... diferente. Seria uma doença? Tinha algum problema na boca?

Eleanor Rose abriu a porta e irrompeu no quarto escuro, empoleirando-se na beira do colchão. Trazia uma caneca de café e estava com a roupa de dormir de verão, uma combinação Eberjey de babados meio-curta-demais e robe da mesma cor.

— Acorda! — guinchou ela com a voz rouca.

Blair puxou as cobertas por cima da cabeça e gemeu. Por que a mãe estava desse jeito de manhã tão cedo?

— Blair Waldorf — sibilou a mãe. — Estou falando sério, mocinha. Saia daí. Precisamos ter uma conversinha.

— Espero que saiba que eu mal dormi — rebateu Blair, sentando-se e pegando o café com a mãe. Ela tomou um longo gole e puxou a blusa branca e fina Hanro que escolhera para dormir.

— Primeiro — arengou Eleanor —, o que está fazendo em casa? Segurando o robe com uma das mãos, ela se inclinou e examinou a cara da filha. — Você devia estar em Londres!

Para uma mulher de 50 e poucos anos que acabara de ter um bebê, Eleanor tinha ótima aparência pela manhã. Blair se perguntou se a mãe fizera alguma coisa no rosto enquanto ela estava fora, ou talvez fosse algum novo creme para os olhos que Blair ia acabar roubando.

— Aconteceu uma coisa — Blair pegou as compressas ensopadas de chá verde que

mantinha em uma gaveta da mesa-de-cabeceira, colocando uma em cada olho.

— Bem, da próxima vez você pode pensar em me dar um telefonema e me informar que vai aparecer — Eleanor tirou as compressas. — Recebi uma ligação hoje de manhã da American Express. Não gosto quando minha empresa de cartão de crédito sabe do paradeiro de minha filha antes de mim.

— O quê? — perguntou Blair, sentando-se um pouco mais reta.

— A American Express ligou porque alguém colocou uma passagem de avião de 4 mil dólares em minha conta — ralhou Eleanor. — Eu estava a ponto de chamar a polícia. Depois vi a mala Hermès de couro azul nova no hall.

— Eu cheguei tarde — explicou Blair. — Não queria te acordar.

— Isto é apenas parte do problema — Eleanor se levantou e andou pelo quarto. — Blair, já está na hora de você ter alguma responsabilidade. Você não é mais criança. Vai ter que aprender a administrar seu dinheiro.

Isto partindo de uma mulher que comprou uma ilha no Pacífico Sul para cada um dos filhos!

— Mãe — gemeu Blair.

— Não me venha com "mãe" — ordenou Eleanor com aspereza. — Sabe que eu nunca digo não a meus filhos, você sabe disso, não é? Sempre lhe dei tudo o que você quis, não dei?

Bom, não era tarefa dela?

— Sim, eu dei — Eleanor nunca havia passado sermão de mãe antes e Blair podia ver no que ia se meter. — Mas desta vez foi demais. Conversei com Cyrus sobre isso e concordamos que alguma coisa precisa ser feita.

Peraí, por que a mãe dela discutia os problemas particulares da filha com Cyrus Rose, o padrasto idiota, de cara vermelha e bunda suja?

— Nem sei do que você está falando. — Blair bocejou, secando a caneca de café. Ela se perguntou quanto tempo esta conversa particular ia durar. Toda a coisa era tão... chata. Ela precisava dormir mais, e de um longo banho, e de uma máscara facial para se livrar de toda a porcaria de Londres, e talvez um corte de cabelo e algumas luzes emoldurando o rosto para combinar com a cara limpa e esfoliada.

— Estou falando, Blair, desta conta da American Express — Eleanor sacudiu um fax amassado. — Pedi que me mandassem assim que a mulher do telefone me falou de suas... explorações de compras.

Epa.

— Bom, mãe — admitiu Blair. — Posso ter passado dos limites um pouquinho no vestido de noiva, mas depois que você o vir, sei que vai concordar que...

— Vestido de noiva? — A mãe arfou. — Acho que isso explica a conta de 18 mil dólares. Que história é essa de vestido de noiva? — Ela se sentou na cama e se abanou com os dedos incrustados de diamantes. — Acho que vou desmaiar! Você se casou? Ah, Blair! Não sei o que dizer! — Ela atirou os braços em Blair e irrompeu num choro ruidoso. Depois se sentou abruptamente. — Não, espere, eu sei: só sobre meu maldito cadáver você se casaria! Você perdeu o juízo? Blair revirou os olhos.

— Não, mãe, não me casei. Pelo menos, não agora. De qualquer forma, esse vestido só custou 10 mil, e não 18.

Ah, sim, isso é muito melhor.

— Não, minha querida, minha criança inocente — Eleanor sacudiu a cabeça. — Não

percebe que a taxa de câmbio é de quase dois para um?

— Olha — declarou Blair apressadamente —, eu peço desculpas, tá? Eu só comprei umas coisinhas, e todas são para a faculdade.

Ah, tá. Todo mundo usa vestido de noiva no ano de caloura.

Parecia que ela não ia escapar tão cedo. Blair pegou a nova edição da W que tinha deixado na mesa-de-cabeceira. Comprara a revista enorme para se manter ocupada no longo vôo, mas o uísque de cortesia Maker's Mark acabou sendo uma distração muito mais interessante.

— Blair — Eleanor suspirou e apertou o joelho de Blair através da colcha de cânhamo marrom-arroxeadada. — Não me importo de você comprar umas coisinhas... Mas um vestido de noiva? — ela parou. — Ainda assim, aposto que é um vestido e tanto.

— E é mesmo! — exclamou Blair. Esta era a mãe que ela conhecia e meio que amava.

— Mesmo assim, conversei sobre isso com Cyrus e vou ligar para seu pai hoje à tarde, mas acho que ele vai concordar que, como agora você está em casa, presumivelmente para ficar...

— Eu definitivamente não vou voltar para Londres — interrompeu Blair, tentando não ficar emotiva com sua partida dramática da cidade natal de Marcus. Será que ele percebeu que ela foi embora?

— ... esta é a oportunidade perfeita para você encontrar um trabalho de verão. Um emprego.

Um o quê? No compreendo, senhora. O quarto girava.

— O que está dizendo, mãe? Um emprego?

— Sim, querida. Um emprego.

Blair caiu de costas nos travesseiros e atirou os braços nos olhos.

— Mas eu vou morrer se tiver que trabalhar.

— Não exagere — insistiu Eleanor. — Será uma experiência ótima antes de começar a faculdade.

— E por acaso você já trabalhou na vida?—perguntou Blair. Ela começou a folhear a revista furiosamente, quase rasgando as páginas. Tinha acabado de fugir de um país, depois de ter sido rejeitada pelo amor de sua vida. Um sermão da mãe que nunca-trabalhou-um-dia-na-vida sobre os méritos do emprego e de se virar sozinha era a última coisa de que precisava.

— Isso não vem ao caso — respondeu Eleanor monotonamente. — Não estamos falando de mim, estamos falando de você ajudar a pagar parte destas contas absurdas. Se vai gastar tanto, terá que ganhar alguma coisa.

Trabalhar no verão? Blair fechou os olhos — ninguém que ela conhecesse estava trabalhando neste que era seu último verão de férias. Ninguém! Bom, a não ser o Nate, mas era um castigo. Tinha Serena também, mas não era bem um emprego — era a realização de um sonho.

Os olhos de Blair de repente pararam na página diante dela. E por falar na porra do diabo. Ali, espremida no meio das últimas fofocas de Suzy sobre a sociedade, estava uma foto de Serena van der Woodsen de braços dados com o estilista Bailey Winter. Blair se lembrou de quando a foto foi tirada, no desfile de Winter da temporada anterior. Ela e

Serena se sentaram na primeira fila — naturalmente — e quando o estilista apareceu no final, percebeu Serena na platéia e a puxou para a passarela com ele.

Desligando-se do tagarelar incansável da mãe, Blair olhou a página para ver onde havia alguma notícia sobre Serena. E estava bem ali: a coluna de Suzy era toda sobre como Bailey Winter assinara com Ken Mogul para fornecer o figurino do novo projeto de cinema de Mogul, *Breakfast at Fred's*. Já não bastava que Serena fosse a estrela do filme com Thaddeus Smith; também tinha que usar o figurino desenhado por um dos melhores estilistas americanos vivos?

— Eu só acho que é uma questão de responsabilidade, Blair — declarou a mãe. — Quando você tiver 21 anos, vai ter acesso a seu fundo de reserva, e seu pai, Cyrus e eu precisamos saber que você vai lidar com o dinheiro de forma responsável. Nós acreditamos firmemente que um emprego é uma forma perfeita de você aprender a administrar o dinheiro e realizar os desejos de outras pessoas, não só os seus. Blair olhou a feia colcha cor de elefante. Tudo bem, ela vai conseguir um emprego de verão. Mas não vai admitir nada menos do que o emprego de verão mais glamouroso que se possa imaginar.

— Sabe de uma coisa — refletiu ela —, talvez você tenha razão. Talvez um emprego seja exatamente o que eu preciso para me manter ocupada neste verão.

— Sim! — gritou a mãe, toda feliz. — Eu sabia que você ia entender!

— E talvez você possa me ajudar a conseguir um, não é?

— perguntou Blair, com doçura.

— Claro que sim! — concordou Eleanor. — Tenho certeza de que podemos dar uns telefonemas e encontrar alguma coisa maravilhosa agora mesmo!

É claro que só havia um telefonema que ela precisava que a mãe desse. Ser filha de Eleanor Rose, a mais fiel cliente da Bailey Winter, certamente era uma mão na roda quando se tratava de conseguir uma vaga de assistente no set de *Breakfast at Fred's*.

Se não puder derrotá-los, junte-se a eles!

### *está ficando quente por aqui*

Fechando furtivamente a mão em concha, Dan deu um longo trago no cigarro e o atirou no chão, apagando-o rapidamente com o pé e exalando a fumaça na brisa. Estava plantado em um banco da esquina da Sexta Avenida com a Houston e podia ver Bree atravessando a rua. Não queria que ela o pegasse fumando — de novo.

— Dan! — chamou Bree, desviando-se do batalhão de táxis que se arrastavam pela Sexta Avenida, acenando toda animada. Ela vestia calças stretch pretas e curtas que se alargavam um pouco nas panturrilhas e um top esportivo turquesa, e portava uma garrafa de água Nalgene. Ela trotou pelo trânsito e sentou no banco.

— Oi! É tão bom ver você.

— Igualmente — respondeu Dan, fechando ah-tão-casualmente o livro e sorrindo para ela.

— Ah! Você está lendo *O caminho do artista*! — exclamou ela. — Eu amo este livro.

— É mesmo? — Dan teve a sensação de que ela amava mesmo. — Que coincidência



engraçada.

Mas é claro.

— Total — disse Bree, rindo. — Primeiro Sidarta, agora O caminho do artista? Você deve ser o especialista em espiritualidade da Strand.

— Ah, sem dúvida — mentiu Dan. — Todo funcionário que eles contratam precisa ter uma especialidade diferente.

— Que bom. — Bree pegou a mão dele e o puxou do banco. — Agora venha! Vamos chegar atrasados.

— Tá legal — concordou Dan animado. — Detesto perder os trailers.

— Trailers? — perguntou Bree. — Não vamos ao cinema. Lembra? Vamos ao Bikram.

— Ah, é — respondeu Dan, nervoso. — Bikram, Bikram, Bikram. Não é um cinema. Talvez um restaurante? — Tudo bem. Humm, bom, eu estou, er, faminto.

Bree riu.

— É, eu mesma estou com fome de algum exercício. Vamos correr, assim não vamos perder essa aula... As sessões da tarde são ainda mais intensas do que as que eu costumo fazer. E talvez depois eu te compre um Jamba Juice.

Aula? Jamba Juice? Ela pode muito bem estar falando em suaíli. Dan não fazia idéia de aonde estavam indo, mas seguiu Bree pela rua, batendo papo sobre livros que ele não leu e ficando cada vez mais preocupado. Não parecia provável que eles estivessem indo a um restaurante. Depois Dan olhou para cima e viu, assomando na distância: uma placa pintada à mão com uma fonte engraçada, de estilo indiano, que devia parecer sânscrito e proclamava orgulhosamente, BIKRAM. Não era um cinema. Não era um restaurante. O Bikram era uma espécie de ioga. Bree o estava levando a uma aula de ioga.

Namastê!

Bree trotou escada acima ansiosa, como uma criança na manhã de Natal. Virou-se e olhou por sobre o ombro para Dan, que estava ficando para trás, tentando pensar em uma desculpa para não participar. Ele decidiu fingir uma lesão e estava tentando escolher uma parte do corpo que podia alegar ter machucado. Tinha talvez uma costela quebrada, de levantar tantos dicionários. Ele foi atropelado por um carro a caminho do trabalho hoje de manhã e tinha certeza de que estava com uma concussão. Tinha um raro distúrbio neurológico que lhe dava apagões em salinhas lotadas, cheias de gente suarenta deitada em tapetes de borracha coloridos.

— Aliás, Dan — gritou Bree para ele —, que bom que não se deu ao trabalho de trocar de roupa. Para as sessões da tarde, o iogue mantém o sistema de aquecimento mais forte do que o de costume, então geralmente ficamos nus.

Agora as coisas estavam ficando complicadas. Primeiro, não havia como ele fazer ioga e, segundo, uma ova que ele ia fazer ioga nu. Por outro lado, Bree também estava ali; ele ia vê-la completamente pelada na primeira vez em que saíam juntos.

— Humm, ótimo! — disse ele com entusiasmo, já sem fôlego de subir a escada. Dan nunca fez exercícios na vida, mas a visão do traseiro redondo e firme de Bree a alguns passos acima dele era toda a motivação de que precisava. Pouco importava que ele nunca tivesse feito ioga, pouco importava que certamente fosse humilhado e que se fodesse a escada aparentemente interminável: ele ia ficar em todo tipo de posições retorcidas com Bree, nus. Não era algo para adorar?

Esse é o espírito da coisa!

— Venha! — insistiu Bree animada.

Dan chegou ao alto da escada e a seguiu, entrando no Estúdio de Ioga Tranqüilidade, um espaço aberto com um piso reluzente de tábuas de pinho. A sala era quase toda composta por janelas e era inundada pelo sol da tarde — e os raios só intensificavam o calor. A temperatura na sala devia estar perto de 40 graus e, com a luz do sol e os corpos nus, também estava úmida e muito... odorosa.

Em uma plataforma na frente do salão estava um indiano emaciado com a pele reluzente de óleo, vestido apenas com um roupão de algodão branco frouxo na cintura, sentado com as pernas delgadas cruzadas. Abaixo de suas sobrancelhas de-piladas com pinça, os olhos estavam fechados e ele sorria beatificamente. Na frente dele havia uma mulher de uns 40 anos que parecia a Kate Couric fazendo o alongamento de aquecimento, a pança pendendo frouxa nas coxas nuas e venosas.

Dois homens se aqueciam perto das janelas — um deles com músculos longos e rijos, arqueando as costas de uma forma que não parecia natural, e um vovô de cabelos brancos que tocava os dedos dos pés sem nenhum esforço. Ele realmente deixava Dan no chinelo... em todos os quesitos.

— É melhor tirar a roupa. — Bree piscou para Dan. — O mestre não gosta de começar a aula nem com um minuto de atraso. Qualquer um que não se despir e se preparar é solicitado a se retirar.

Dan estava prestes a explicar a Bree que era epilético e tinha se esquecido de tomar o remédio, mas ela começou a tirar o top turquesa pela cabeça. Caraca. O que ele podia fazer?

Tirar tudo!

Ele puxou a camiseta suja pela cabeça e deixou que caísse no chão. Depois abriu o cinto, tirou os sapatos e baixou os jeans. Era o único homem no salão de cuecas samba-canção, mas as manteve teimosamente.

Como se seu bronzado de vampiro e os braços esqueléticos já não fossem destaque suficiente.

Ele enrolou as meias em bolas e as enfiou nos sapatos, depois respirou fundo e seguiu Bree no chão, onde ela começava a se alongar. A pele perfeita de Bree era totalmente bronzada e disse ele podia ter certeza, já que estava vendo tudo. O cabelo louro e comprido caía em um dos seios que cabiam na mão e Dan precisou lembrar a si mesmo que não podia simplesmente pegá-los agora. Ela se curvou e tocou as palmas das mãos no chão. Ele tentou imitá-la, mas mal conseguia tocar os joelhos. Era uma agonia.

— Não se curve — sussurrou Bree. — Estique, estique.

Era impossível ver o corpo nu e perfeito de Bree esticando-se e se contorcendo sem o passarinho na cueca se expandindo a proporções constrangedoras. Dan encarou enquanto ela colocava o pé em uma das mãos e esticava a perna direto por cima da cabeça. Ele fechou os olhos e tentou pensar em coisas nada sensuais, como a comida que sempre ficava presa na dentadura da tia Sophia ou a calçada na frente de seu prédio sempre cheirando a xixi de cachorro. O suor já estava descendo por seu rosto e eles ainda nem tinham feito nada. Ele usou o antebraço para enxugar o suor da sobrancelha.

— Dan, não! — sussurrou Bree. — Não deixe que o mestre veja isso. Estamos fazendo tudo isso para suar. Não pode enxugar. Vai contra os ensinamentos dele.

Por que o Bikram não era um bom filme estrangeiro? Eles podiam estar comendo pipoca em uma sala escura com ar-condicionado e se agarrando em vez de suar nesta sala sufocante, seguindo as ordens de um sádico. De repente o professor se levantou na frente

do salão e deixou o roupão cair no chão.

— Namastê! — disse ele, numa voz alegre e grave, curvando-se um pouco.

— Namastê! — respondeu o resto da turma, curvando-se também.

Bom, a maioria da turma.

— Vamos começar pelas posições executadas em pares — ele gesticulou para que todos formassem um par. — Prestem atenção na postura dos ombros. Comecem com o cachorro olhando para baixo, se quiserem.

— Pronto? — sussurrou Bree. Ela tinha uma marca de nascença do tamanho de uma unha e no formato do Texas perto do umbigo.

Bree se curvou e colocou as palmas das mãos no chão e depois balançou o traseiro como se estivesse se preparando para a largada de uma corrida. Dan olhou em volta, alarmado, mas todos os outros faziam a mesma coisa. Seus parceiros estavam até segurando delicadamente os quadris. Dan tentou tocar Bree na cintura e ela trouxe o joelho direito ao cotovelo deste mesmo lado do corpo e depois fez o mesmo com o esquerdo.

— Me mantenha estável—disse-lhe ela. Dan se agachou ao lado de Bree, as mãos circundando a cintura tensa enquanto ela levava as pernas longas e tonificadas para cima e sorria para ele de cabeça para baixo. —Acho que agora consegui.

— Ah, tudo bem — disse Dan, recuando. Mas ao se levantar, ele percebeu que as cuecas estavam totalmente estufadas na frente e seu "amigo" estava totalmente exposto... e totalmente excitado. Ah, meu Deus. Ele ficou meio agachado, tentando desesperadamente imaginar os dentes toscos da tia Sophia de novo.

— Jovem — o apavorante mestre pelado de ioga apontou para Dan.

Eu? Dan apontou para si mesmo, ainda meio agachado. Todos na sala viraram-se para olhar para ele.

— Sim, você. Venha, meu filho — o professor acenou para Dan com os dedos longos e esqueléticos.

— Vá lá — sussurrou Bree de cabeça para baixo. — Isto é uma honra, eu nem acredito... E ainda por cima na sua primeira vez.

Dan andou pelo piso de madeira tentando parecer despreocupado, cobrindo a virilha desesperadamente com as mãos. Ele chegou ao pé da plataforma e o professor sorriu para ele placidamente.

— Venha, meu filho — disse o professor. —Vai trabalhar comigo hoje. É sua primeira vez, não é?

Dan assentiu, nervoso. Todo seu corpo tremia ao subir na plataforma. O iogue estendeu a mão e colocou as palmas quentes no chão, dando a Dan um close medonho de sua bunda de pele-enrugada-de-elefante. Todos no salão o acompanharam e, por um breve segundo, Dan teve um vislumbre surreal dos peitos nus de Bree de cabeça para baixo entre as pernas esticadas. Seu devaneio foi interrompido quando o professor o pegou pelas costas, apertando a barriga nua nas costas magricelas de Dan, e delicadamente o guiou para baixo, de modo que só o que Dan podia ver eram as próprias pernas e as pernas esqueléticas do cara pelado ao redor dele. Dan nunca teve intimidades com uma pessoa mais velha, que dirá um velhote de ioga indiano.

Mas quando um cara quer uma garota, ele perde a vergonha.

*n de nativo*

— Sei de um lugar ótimo onde a gente pode ir depois — anunciou Tawny. Ela lambeu o polegar e o enfiou em um cesto gorduroso de camarão empanado para pegar uns farelos fritos.

Nate tomou um último gole da cerveja inglesa Corona e assentiu.

— Por mim, tudo bem.

Espremidos a uma mesinha perto da janela sebenta do Oyster Shack, eles comeram com os dedos, tomaram cerveja e conversaram—bom, a maior parte da conversa foi de Tawny. Que ela estava aprendendo a surfar. Que o pai dela foi chefe dos bombeiros, mas se machucara numa queda de uma escada e se aposentou. Que ela foi à Disney quatro vezes. Que o cabelo dela era naturalmente cacheado, mas as pessoas sempre pensavam que era permanente. Que ela estava animada para finalmente se formar no ano que vem. Nate mal ouvia o que Tawny dizia: ela era tremendamente sexy e ele curti simplesmente olhar para ela. Não havia muitas meninas como Tawny no Upper East Side: cabelos cheios, loiros e ondulados derramando-se sobre os ombros sardentos e cor de caramelo; lábios rosados que tinham gosto de ChapStick de cereja, olhos azuis de cílios longos e dedos magros e bronzeados cobertos de anéis de prata.

Blair sempre ficava lhe perguntando sobre sua música preferida, a primeira lembrança, o que ele queria ser quando crescesse. Ela dizia que só queria conhecê-lo melhor, mas sempre parecia uma prova em que ele se dava mal. Tawny parecia feliz simplesmente deixando Nate ser quem ele era.

Um chapado arrogante e gato?

Quando o jantar acabou, Tawny se empoleirou no guidom da bicicleta de Nate e gritou aonde ir. Ela atirou a cabeça para trás e os cabelos compridos e crespos faziam cócegas no nariz dele.

— Devagar! Não, acelera! — gritava ela.

— Aonde está me levando? — gritou Nate enquanto eles passavam por raízes de árvores e pedras.

Tawny olhou por sobre o ombro.

— Você vai ver... Ei, pára! Me deixa descer.

Nate parou e Tawny saltou para o chão. A calcinha cor de lavanda tinha subido, dando a ele uma boa visão de suas nádegas bronzeadas e tonificadas pelo surfe. Que merda, ela era uma gata!

— Isso foi engraçado — ela riu, passando por uns arbustos baixos na direção da praia. — Largue a bicicleta. Vai ficar segura aqui.

Nate encostou a bicicleta numa árvore próxima. O sol de final de tarde se infiltrava pelos galhos mais altos, entretanto, fazia frio e muito silêncio sobre as árvores.

Seguindo Tawny, Nate pensou em como era estranho que ele só tivesse saído da escola há algumas semanas e no entanto toda sua vida tivesse mudado completamente. Estava trabalhando na construção civil e namorando uma garota gostosa dos Hamptons. Bom, e por que não? Se Blair podia mudar tudo — ela ia se casar, pelo amor de Deus — por que não ele? Era mais fácil ficar com Tawny do que com qualquer outra garota que ele conhecia; ela não era exigente e presunçosa como Blair, não era ingênua e carente como Jenny, não era imprevisível e desatenciosa como Serena. Ela só... era.

A lógica clássica dos doídes.

— Vamos — insistiu Tawny, voltando para pegar a mão dele e puxá-lo pelos arbustos.

Ela o levou a uma clareira banhada pelo sol, onde duas árvores enormes tinham caído uma por cima da outra, criando bancos naturais que evidentemente eram populares entre os moradores, uma vez que o chão da floresta estava cheio de garrafas velhas de cerveja e pontas de cigarro. Três caras estavam acocorados em um dos troncos caídos, passando um baseado entre eles. Além deles, pelas árvores, a água azul-escura do mar cintilava e se avolumava.

— Oi, pessoal! — gritou Tawny.

Três cabeças giraram na direção deles. Com os jeans baggy e sobranceiras esquisitas, cabelo com gel e camisas listradas de nerd, eram o tipo de gente que seria rejeitada por Nate e seus amigos se topassem com eles em Nova York. Eram o tipo de gente que entra em brigas com seguranças e usam galões de colônia brega de farmácia. E eles também eram, ao que parecia, amigos de Tawny.

— Nate, estes são Greg, Tony e Vince.

— E aí? — Nate os cumprimentou pouco à vontade com um movimento de cabeça.

Tawny passou por cima do tronco e tomou lugar ao lado de Greg, um cara muito bronzeado que abrigava um baseado na palma da mão e estufava o peito para fora de um jeito territorialista que lembrou a Nate um buldogue.

— Temos uma erva aqui, mano — anunciou Vince, que parecia ser gêmeo de Greg. — Senta aí.

Os ouvidos de Nate formigaram com a oferta. Ele odiava ser chamado de "mano" por gente que nem conhecia e odiava caras que fingiam ser descolados quando eram uns manés, mas tinha que admitir que um fumo — mesmo com esses idiotas — parecia ser a sua sobremesa preferida.

Tawny deu um tapa e passou o baseado levemente úmido. Nate tragou com ganância.

— É do bom, né? — perguntou num rosnado o cara chamado Greg. — Comprei do meu avião. O cara sempre fica mais ocupado no verão, sabe como é, mas guarda o melhor para clientes fiéis, que compram com ele o ano todo, como eu.

Não era grande coisa — a maconha havaiana que Nate tinha em estoque no quarto era muito melhor — mas ele não podia se queixar.

— A porra dessa galera da cidade — grunhiu Vince, tirando o baseado de Nate. — Eles sempre fodem com tudo no verão. A porra do trânsito. As porras dos clubes. Uma porra de pé no saco.

Muito eloqüente.

— O verão ferve, cara—murmurou Tony, que ainda não tinha falado. Estava encarando Nate, examinando-o com desconfiança do alto da aba perfeitamente dobrada de seu boné dos Coney Island Cyclones.

Nate estava voando, como sempre, como gostava quando fumava uma erva, mas ouviu o que os rapazes diziam. Em alto e bom som.

— Total — Tawny bocejou, pousando preguiçosamente a cabeça loura e cacheada no ombro de Nate.

Nate olhou sua roupa de trabalho surrada. Estava bem claro que Tawny não gostava do pessoal rico que invadia os Hamptons todo verão, e Nate definitivamente fazia parte desse pessoal. Com o bronzeado de trabalhador e as roupas puídas, ela provavelmente o tomava pelo tipo de cara que passava o verão ganhando seu dinheiro, presumivelmente para pagar por seus estudos em Yale no outono. Ele sentiu uma pontada de culpa. Não tinha sido exatamente honesto com ela.

Os velhos hábitos costumam a morrer.

— A mesma história de sempre, todo ano — continuou Tony. — Por que eles não acham outro lugar para ir, tipo a França ou essas merdas?

— Eles não são tão ruins — arriscou-se Nate. — Quer dizer, eu meio que sou da cidade...

— Você é? — perguntou Tawny, erguendo a cabeça. Ela estreitou os olhos azuis normalmente grandes. — Nunca me disse nada.

— Você nunca perguntou — assinalou Nate. Houve murmúrios dos outros rapazes. Vince cuspiu na areia. Na água, um barco de pesca piscava as luzes.

— Eu sabia — disse Tony, cuspidando no chão. — Senti seu cheiro de longe.

— Mas eu quero dizer que não é grande coisa. — Nate sacudiu a cabeça. — Quer dizer... Eu não sou como essa galera.

— Bom, eu acho que não...—Tawny afundou novamente nele, esfregando a lateral do rosto contra o peito forte de tanto trabalhar. — Quem sabe você não me leva à cidade um dia desses?

— Claro, claro. — Nate passou o braço bronzeado pela cintura dela. — Vai ser divertido. Desde que ele a mantenha longe de Blair que-não-sabe-lidar-bem-com-o-ciúme Waldorf.

### *apareça para me ver um dia desses*

Na noite depois da sessão de estudos e outro dia de ensaios desanimadores, Serena estava sentada no banco traseiro de um táxi a caminho do Chelsea Hotel. Mas, desta vez, tinha alguma coisa que ansiava. Ela olhou novamente as mensagens de texto no telefone, principalmente porque queria reler o recado de Thaddeus.

Venha me ver. Saudades. Bjs

Serena estava começando a duvidar de si mesma depois de todos os insultos de Ken Mogul, mas aqui estava: a prova inconteste e digital de que ela, Serena van der Woodsen, ainda arrasava.

O táxi fez uma curva aberta na rua 33 e Serena sentiu o coração começar a martelar um pouco mais rápido — em poucos minutos, estaria no hotel. Ela já esteve com homens lindos antes, mas nunca se apaixonou por nenhum deles como por Thaddeus. É claro que ele era lindo, mas havia mais alguma coisa nele. Serena sentia que eles eram mais do que colegas de filme, mais do que amantes — eles também podiam ser amigos.

Não que ela precisasse de um novo melhor amigo. Ou precisava? Ela não conseguia se lembrar.

Quando finalmente chegaram ao Chelsea, Serena enfiou uma nota de 20 dólares na mão do taxista, saiu correndo do táxi e disparou para o saguão do hotel. Embora as filmagens tivessem começado na Barneys, Ken tinha dito que ela precisava de toda prática extra que conseguisse ter. Os corredores familiares e escuros tomados de quadros famosos provocaram um vazão na boca do estômago de Serena, mas ela tentou se esquecer de todas as coisas negativas que Ken gritara para ela no prédio e se concentrar no que estava prestes a acontecer: ela ia ficar com Thaddeus Smith.

Ela bateu delicadamente na porta do quarto e ele a abriu quase de imediato, com um ar sobressaltado. O short cargo largo demais tinha descido, revelando a cueca samba-canção cinza.

— Serena! — exclamou ele. — O que é que tá rolando?

— Nada — disse ela sem fôlego, passando por Thaddeus e entrando no quarto. Serena atirou a bolsa cáqui Marc Jacobs no chão e se jogou no sofá.  
Thaddeus fechou a porta e puxou o short para cima, co-rando um pouco.  
— E aí — disse ele. — O que está acontecendo? Estava passando por aqui?  
— Alguma coisa assim — Serena riu. Era uma gracinha ver o ator mundialmente famoso se retorcendo. Meu Deus, ela adorava paquerar o cara.  
— Então—murmurou Thaddeus, pegando a camiseta descartada no chão e vestindo-a. Ele se sentou na poltrona e colocou os pés na mesa de centro. —Andou ensaiando sozinha?  
— Tá difícil — suspirou Serena. — Mas Ken age como se eu nunca fizesse nada direito.  
— Eu sempre digo que é um trabalho mais difícil do que as pessoas pensam — concordou Thaddeus. — As pessoas acham que é só glamour, festas e estréias, mas eu faço por merecer meu contracheque. Acho que não preciso te dizer isso. Ganhar três milhões por filme deve ser duro mesmo.  
— Eu queria que alguém tivesse me avisado — Serena pegou a bolsa do chão e colocou a mão lá dentro. Tenho trabalhado tanto, preciso relaxar. — Se importa se eu fumar?  
— Não, claro que não. —Thaddeus gesticulou de forma pouco convincente para a mesa de centro, que já possuía um cinzeiro e vários isqueiros. — Serena, o caso é que a hora não é muito boa. Meu amigo Serge vai dar uma passada aqui. Serena não se mexeu. Por que era tão difícil conseguir ficar um minuto a sós com ele?  
— Bom, sua mensagem de texto não deu a impressão de que você estava ocupado — ela sorriu, nervosa. A falsa timidez dele era mesmo meio perturbadora.  
Meio?  
— Merda! — exclamou Thaddeus. — Você recebeu minha mensagem?  
— Arrã — murmurou ela.  
— Bom, fico feliz por ter recebido — gaguejou ele. — Pensei que a gente podia, humm, bom, pensei que talvez a gente devesse trabalhar um pouco. Por que ele estava tão nervoso? Era difícil acreditar que uma pessoa tão linda e bem-sucedida como Thaddeus Smith pudesse ser tão tímido com as mulheres!  
— Trabalhar — ela fez biquinho. — Pensei que você quisesse, sei lá, se divertir um pouco.  
— Divertir — repetiu Thaddeus. — O trabalho pode ser... — o celular o interrompeu. Ele olhou a tela. — Serena, tenho que atender essa. Desculpe. Só vai levar um segundo. — Ele correu para o quarto, então só o que Serena pôde ouvir foi "Alô". Ela apagou o cigarro fumado pela metade. O comportamento estranho de Thaddeus estava começando a deixá-la nervosa. Será que ela parecia forte demais? Ou não era forte o bastante? Foi ele quem mandou a mensagem de texto. Por que ele convidou um amigo? Será que Thaddeus era um pervertido? Essa não era a praia dela.  
Ah, é mesmo?  
— Desculpe — disse Thaddeus, voltando à sala. Ele atirou o celular na mesa de centro, onde pousou com um baque. — Mas então, já que você está aqui, vamos repassar algumas falas.  
— Falas? — perguntou Serena.  
— Pode usar meu roteiro — Thaddeus afundou na poltrona com um suspiro. —Já decorei minha parte.  
— Vamos começar pela cena 17 — propôs Serena, cheia de esperança. — Sabe qual é, a

cena de amor?

O ensaio de uma cena de amor pode ser o máximo que ela vai chegar do que deseja.

### *chá para dois*

— Você está bem? — perguntou Vanessa a Dan. Ele estava estatelado na cama, gemendo de dor. Havia pontas de Camel por todo o carpete marrom puído, como se ele não tivesse se dado ao trabalho de pegar uma das canecas de café pela metade que costumava usar como cinzeiro.

— Pooooooooor-raaaaa! — murmurou ele. — Acho que estirei alguma coisa.

Vanessa pegou o exemplar bege surrado do Bhagavad Gita na cama desfeita. Ela sabia que era um texto indiano sagrado, mas nunca teve nenhum interesse em descobrir mais sobre ele. Depois percebeu que Dan estava escrevendo um poema em seu grande caderno preto. Ele rolou de costas.

— O que anda escrevendo? — perguntou ela, pegando o caderno. Ela leu os primeiros versos:

*Amor puro. Puro desejo. Creia na fé.*

*Buda não foi Jesus. Nem eu sou.*

*Eu sou só um cara aí.*

Notícias fresquinhas: a ioga Bikram mata as células cerebrais criativas, levando os poetas que já escrevem poesia ruim a escrever poesia ruim de verdade.

— Não pode ler isso! — Dan pegou o caderno das mãos dela. — É, humm, particular. — Quer um chá? — perguntou ele, sentando-se. — Comprei um pouco de Mint Meltdown. Deve limpar as toxinas do corpo e ajudar seu corpo a respirar de verdade.

Vanessa bufou.

— Tá brincando, né?

— O que é isso! — Dan bocejou. Ele se colocou de pé sem nenhum equilíbrio e Vanessa o seguiu do quarto pelo corredor escuro, andando com passos de vovô até a cozinha, que tinha pilhas de pratos sujos. Havia farelos de pão em toda a bancada e a torradeira estava deitada de lado. Rufus tinha deixado uma panela de fondue cheia de queijo no meio da ilha de corte de carne. Vanessa pegou um garfo e futucou a capa espessa do queijo enquanto Dan colocava duas canecas cheias de água no microondas.

Ele pôs dois saquinhos de Mint Meltdown nas canecas e passou uma a ela. Vanessa tentou olhar nos olhos de Dan, mas estranhamente ele não a olhava. Isto se devia em parte ao fato de que Vanessa estava linda com o novo vestido preto de manga curta e em parte porque ele estava tomado de culpa por ficar suando com Bree e não contar nada à suposta namorada.

— E aí — começou ela, insegura. — Parece que eu mal vejo você.

— Andei trabalhando muito — respondeu ele, enterrando o nariz na caneca. — Eles precisam muito de mim na Strand. E eu fiz novos amigos.

Vanessa riu.

— Acho que o mundo de alto risco dos sebos nunca desiste. — Por que ele estava tão estranho? Ela sabia que alguns dias atrás ele estava decepcionado com o fato de o trabalho dela consumir tanto tempo mas, desde que ela se mudou para lá, eles eram como



novos colegas de apartamento que nem se conheciam direito.

— Não precisa ser grosseira — contra-atacou Dan, batendo a colher na borda da caneca POETAS BEAT MANDAM VER NA ESTRADA. — As críticas só levam ao caminho da energia negativa.

— Como é? — sussurrou Vanessa num tom estridente. — Pode repetir isso pra mim?

— Eu não espero que você entenda — ele bebeu o chá, embora ainda estivesse escaldante. — É um dos fundamentos elementares da filosofia iogue.

— O único iogue que eu conheço é o Zé Colméia, o urso que rouba as cestas de piquenique. Não sei de onde tirou esse papo Nova Era, mas o Dan Humphrey que eu conheço, amo e por quem meio que tenho tesão acharia tudo isso uma besteirada.

— Bom, a Vanessa Abrams que eu conheço e amo não seria pega nem morta trabalhando como escrava para um vendido de Hollywood — retorquiu Dan com raiva. Ele deixou de fora a parte "por quem meio que tenho tesão" pois meio que tinha tesão por outra pessoa no momento.

— Como é que é? — Vanessa abaixou a caneca. Ora essa, isso era muito injusto. Ele sabia que Ruby a expulsara e ela precisava de dinheiro. E não era ele que se orgulhava de a namorada estar trabalhando em um filme grande com apenas 18 anos? — Pelo menos meu emprego requer mais habilidade do que arrumar por ordem de autor uns livros velhos e cheios de poeira.

Ele fechou os olhos e respirou ruidosamente pelas narinas infladas, uma coisa que tinha aprendido no dia anterior na ioga. Entra o bem, sai o mal.

— Achei que morar juntos seria ótimo, mas parece que você mudou.

Vanessa suspirou por cima da caneca de chá fumegante. Tinha gosto de creme dental Aquafresh e Pinho Sol.

— Foi você que mudou — rebateu ela. — Talvez eu deva simplesmente sair da sua cola — ela soprou na caneca.

— Francamente—disse Dan, irritado. —Você é que quis que eu saísse da sua cola, e não o contrário. Eu é que me importei em passarmos esse verão juntos. Você só quis trabalhar.

— Bom, acho que nós dois conseguimos o que queremos. — Vanessa tomou outro gole do chá Mint Meltdown antes de acomodar a caneca na bancada entre os jornais velhos e as panelas incrustadas de comida. Depois, irrompeu para fora da cozinha e saiu do apartamento para tomar um café decente na deli sebenta da Broadway.

Dan passou as mãos no cabelo castanho-claro desgrenhado. Estava tendo uma fusão neste exato momento, mas não a do tipo certo. Ele pegou um maço de Camels no bolso da calça preta desbotada e acendeu um cigarro no queimador da frente do fogão.

Certamente o iogue não aprovaria isso.

### *a imitação é a forma mais sincera de bajulação*

Blair colocou os pés nos saltos agulha de couro de bezerro Winter by Bailey Winter que tinha escolhido como toque final de sua roupa de entrevista de emprego. Talvez fosse meio exagerado, mas ela precisava vestir uma coisa feita pelo próprio homem. Teria sido tão brega aparecer com as roupas dele, mas os sapatos eram uma forma tímida e sutil de reconhecer sua grandeza sem parecer uma tiete de moda idiota e desesperada.

Blair estava no quarto da bebê Yale — aliás, seu antigo quarto — admirando-se nos

espelhos de corpo inteiro — a luz era muito melhor ali do que no quarto sujo de Aaron, onde a catinga de cigarro natural estava incrustada nas paredes. Ela assentiu para o próprio reflexo. Parecia confiante, mas estava nervosa. Blair tinha um histórico de falta de sorte nas entrevistas — na verdade, ela beijou o entrevistador quando se candidatou a Yale. Depois, quando pediu uma segunda entrevista com um ex-aluno da universidade, quase dormiu com ele. Era pouco provável que terminasse tomando liberdades com Bailey Winter — ele era bem lindo, daquele jeito superbronzado com dentes branquíssimos, mas Blair definitivamente não fazia o tipo dele.

Arrã. A não ser que ela mudasse de nome para Sir Blair.

Ela se virou e tentou ver seu reflexo de um ângulo diferente, por sobre o ombro.

Conseguir uma entrevista tinha sido ainda mais fácil do que ela esperava — só foi preciso um telefonema de Eleanor Rose — mas esta era sua grande chance e ela não ia estragar tudo.

Serena podia ter seu estrelato em Hollywood; Blair teria uma carreira na moda. Ela sabia tudo sobre os estilistas, as lojas e as revistas certas; realmente entendia de roupas e como usá-las. Um dia, muito em breve, seria uma famosa musa da moda. Ia se sentar na primeira fila de cada desfile de Bailey Winter, ter um perfume com o nome dela e aparecer nas campanhas publicitárias da grife. O relacionamento dos dois seria como o de Audrey Hepburn com a casa Givenchy — o supra-sumo da lenda. Serena pode bancar a Audrey Hepburn nas telas; Blair seria Audrey Hepburn na vida real.

Mas Serena não tinha um perfume com o nome dela? Epa.

O toque insistente de seu celular Verty ecoou do antigo quarto de Aaron, interrompendo seus devaneios. Ela estava de volta a Nova York há 48 horas, mas ninguém tinha ligado para ela, nem para seu telefone do Reino Unido, cujo número só lorde Marcus possuía, nem para seu telefone fixo, onde todos podiam falar com ela. Estava vivendo no exílio, disse ela a si mesma, e recusava-se a se reunir à sociedade antes de poder fazer alguma declaração teatral — por exemplo, que voltou do Reino Unido por solicitação especial de Bailey Winter. Ela não podia deixar escapar que voltara porque lorde Marcus estava mais interessado em revirar os olhos para a prima cara-de-cavalo do que em extasiar Blair em sua enorme cama de hotel.

Até parece que não temos meios de descobrir a verdade.

Ela disparou para o quarto de Aaron e pescou o telefone na escrivaninha. A tela exibia MARCUS. O lorde em pessoa.

Ela apertou o botão Answer.

— Que foi? — perguntou ela grosseiramente.

— Blair, querida, o que aconteceu? Andei tentando falar com você.

— Não vejo por que precisa falar comigo — respondeu Blair friamente. — Se queria conversar, teve muito tempo quando ainda estávamos no mesmo continente.

— Quer dizer que você foi embora? — assinalou lorde Marcus, claramente surpreso. — Pensei que talvez tivesse trocado de hotel ou ido a Paris para ver seu pai ou coisa assim. Fiquei tão preocupado.

— Mas é claro que ficou — rebateu Blair, voltando ao quarto de Yale.

— Não foi por causa de Camilla, foi, querida? Porque, entenda uma coisa, somos primos em segundo grau, então é claro que...

— É claro que o quê? — perguntou Blair, vendo o rosto corar no espelho de corpo inteiro. — Para ser sincera, eu não sei, francamente. Se quer brincar de O jardim dos

esquecidos, o problema é seu. E depois, eu não tenho tempo para isso... Sou uma mulher solicitada. Eu sou uma musa!

— É uma reclusa, meu amor? Então é tudo um mal-entendido? — respondeu lorde Marcus todo feliz. — Camilla também está perguntando por você. Ela vai ficar tão aliviada.

— Mande lembranças a ela — disse Blair com cinismo. Ela apertou End, tirou a bateria do telefone e ele morreu. Depois de inspecionar de perto para ter certeza de que não tinha peças pequenas que podiam ser engolidas, ela deixou o aparelho no berço de Yale. Porque nunca se é nova demais para ter seu primeiro celular.

Blair olhou o relógio Chanel. Devia se encontrar com Bailey Winter logo e não podia se atrasar. Andou pelo longo corredor até a cozinha, onde encontrou a mãe parada na ilha com tampo de mármore, mordiscando um sanduíche de frios apesar do fato de elas terem que sair a qualquer minuto. O irmão mais novo de Blair, Tyler, e a namorada dele, Jasmine, estavam em volta dela em banquetas de encosto baixo, tomando Coca-Cola.

— É bom te ver de novo, Blair — disse Jasmine radiante, com um sorriso de adoração, do outro lado da cozinha branca e elegante.

Jasmine tentava imitar Blair de todas as maneiras. Isto ficou definitivamente claro quando ela apareceu na festa de formatura de Blair usando exatamente o mesmo terninho Oscar de la Renta da cunhada. O cabelo quase preto de Jasmine era extraordinariamente brilhante e parecia saudável, mas ela devia ser a pessoa mais irritante do mundo.

— Mãe — ordenou Blair, ignorando Jasmine —, larga esse sanduíche. Precisamos sair.

— Shhhh — repreendeu a mãe, espanando farelos invisíveis da ilha de mármore. — Temos tempo. Além disso, freqüento a casa de Bailey Winter há anos. Este homem sempre se atrasa dez minutos. É um fato notório — ela deu outra mordida no sanduíche.

— Bailey Winter? — Jasmine ficou animada. Ela olhou os sapatos de Blair. — Estes são Bailey Winter! Tenho um igual, só que preto. Eu devia ter comprado o marfim.

Blair olhou para ela.

— E aí, Blair? — perguntou Tyler enquanto baixava músicas para seu iPod e mandava uma mensagem de texto. Os olhos ficavam disparando de uma tela para outra.

— Sim? — Ela bateu os saltos agulha com impaciência. Será que podiam, por favor, dar o fora daqui, merda?

— Você fez essa viagem toda a Londres e não trouxe para mim, tipo assim, nem um presentinho?

— Desculpe — suspirou ela.—Eu voltei meio com pressa.

— Mas sem dúvida achou tempo para comprar algumas coisas para você — observou Eleanor, colocando uma azeitona picholine entre os lábios.

— Eu sou a Jasmine — a namorada de Tyler se colocou de pé e estendeu a mão para Blair. — Você é a Blair, é claro. Na verdade a gente já se conhece, mas você estava dando sua festa de formatura e pode não se lembrar.

Até parece que Blair podia se esquecer da macaquinha de imitação dela.

Havia alguma coisa de suspeita em uma menina de 13 anos com boas maneiras. Na verdade, havia alguma coisa de suspeita em Tyler ter uma namorada — ele nunca parecia nem remotamente interessado em meninas, preferindo a companhia de seu computador, seu cachimbo de haxixe e a coleção de discos de vinil.

— Vamos, mãe — exigiu Blair. — Não quero me atrasar. Esta é a minha chance de

causar boa impressão.

— Ah, querida—Eleanor terminou o sanduíche e atirou os restos na bancada para que Myrtle limpasse. — Fico tão feliz de ver que está levando isso a sério.

— Peraí, vocês vão falar com Bailey Winter? — perguntou Jasmine.

Como se ela não soubesse.

— Ele está interessado em me contratar—informou Blair friamente.

— Eu simplesmente amo as roupas dele — disse Jasmine com entusiasmo. — É claro que eu não devia comprar nada que não seja B by Bailey Winter... Minha mãe diz que preciso esperar até o secundário para poder colocar minhas mãos no que é bom, mas por mim, tudo bem. Quer dizer, vou ter que usar uniforme mesmo, então...

— É, tá legal — Blair a interrompeu. Será que ela perguntou sobre a história de vida da garota?—Vou descer e pedir ao porteiro para parar um táxi. Mãe, é melhor estar pronta em cinco minutos ou eu vou sem você.

Blair foi para o saguão sozinha e ficou parada na frente do prédio, fumando e controlando a hora no relógio Chanel. Depois de precisamente cinco minutos, Eleanor saiu do prédio com um vestido Bailey Winter cor de grapefruit e sandálias bege Tod. Mas ela não estava sozinha: Jasmine corria toda animada ao lado dela como uma criança de três anos antes da primeira apresentação de O quebra-nozes. Blair não se deixou perturbar. Havia um filme passando em sua cabeça: a musa meio esmolambada ia visitar seu couturier genial Nem Jasmine podia foder com isso.

Quando chegaram à mansão Beaux Arts de Bailey Winter na Park Avenue, Blair foi a primeira a sair do carro. A mãe e Jasmine seguiram atrás dela como damas-de-honra.

Quando fosse hora de editar seu filminho, as figurantes podiam muito bem ser eliminadas.

Elas foram recebidas na porta por um autêntico mordomo inglês, num terno matinal e tudo, que as anunciou pelo nome depois de levá-las à sala de visitas do segundo andar:

— Sra. Eleanor Rose, Srta. Blair Waldorf e Srta. Jasmine James-Morgan — disse ele com sua voz de trovão. Lembrou a Blair de lorde Marcus, mas todos os pensamentos nele foram apagados no segundo em que ela entrou no maior salão que já vira. As paredes eram revestidas de mogno e tinham telas a óleo enormes retratando lindas aristocratas vestidas com incríveis trajes de renda e seda, sorrindo placidamente. Havia pedestais de mármore encimados por esculturas branquíssimas de cabeças e torsos masculinos, e, no alto, montado numa parede que dava para a Park Avenue, um vitral gigantesco.

— Ah, meu Deus! — gritou a voz conhecida e estridente de Bailey Winter. O excelso estilista de Park Avenue saltitou pela sala como uma estudante, o cabelo branco-amarelado espigado como se ele tivesse sido eletrocutado ao usar um secador de cabelo. Ele era surpreendentemente baixo, como uma miniatura de homem, e vestia um blazer azul com botões de bronze, uma camisa aberta, calças de linho brancas e os pés sem meia enfiados em macios mocassins de couro creme que guinchavam de forma engraçada no piso de tábua corrida. Em seu pescoço, vistosamente, havia uma gravata amarela com a mesma estampa de sua última coleção. — Eleanor Rose, sua cretina, você está tão magra! — Bailey! — disse Eleanor. Eles se abraçaram, dando-se beijos ruidosos e molhados no rosto.

Muá, muá, muá, muá!

— E quem são essas criaturinhas lindas? — perguntou Bailey, tirando teatralmente os óculos de aviador do rosto e colocando a mão em concha no queixo. Ele examinou Blair

e Jasmine intensamente. — Fabulosas. São simplesmente fabulosas, não são? — perguntou ele a ninguém em particular.

— Bailey—disse-lhe Eleanor, com orgulho —, essas são minha filha, Blair, e a namorada do meu filho Tyler, Jasmine.

— Uuuui! — guinchou Bailey Winter.

Blair nunca ouvira um adulto fazer um barulho desses em toda a vida.

— Elas são inacreditáveis — ele parecia entusiasmado. — Venham, sentem-se. Vamos tomar um chá e colocar a conversa em dia, pois não, senhoras? — O estilista gesticulou para o mordomo, acenando a palma no ar como se tivesse deslocado o pulso. Ele as levou para um enorme sofá em L e parou de repente. — Pssst—sibilou ele, virando-se e sorrindo como um maníaco para Blair. — Chá é só uma palavra-código para martínis. — Ele deu uma piscadela.

Blair piscou para ele com um sorriso lento se espalhando pelo rosto. Não era isso que ela esperava.

Mas era melhor, muito melhor.

### *será que v vai almoçar nesta cidade novamente?*

— Tudo bem, vamos fazer uma tomada — disse Ken Mogul a seu primeiro assistente de direção. O diretor se acocorou numa cadeira de lona alta com suas iniciais, trincando uma esferográfica mastigada nos dentes.

Vanessa focalizou a câmera na mesa onde estava filmando. O Fred's, o restaurante da Barneys que era o centro da ação do filme, estava a maior confusão. Em vez da multidão habitual do horário de almoço, o restaurante estava inundado de uma forte iluminação industrial e tomado pela equipe de mais de cem integrantes de Breakfast at Fred's. Eles retiraram a maior parte das cadeiras e mesas para que todos conseguissem se acomodar, mas entre o pessoal da maquiagem, de apoio, da iluminação, cabeleireiros, contra-regras, assistentes de direção, assistentes de assistentes de direção e estagiários, estava meio apertado ali.

Exatamente como o departamento de calçados durante a liquidação de fim de estação.

— Tudo bem, vamos rodar! — gritou o assistente. Todos correram dali e Ken Mogul acenou para Vanessa, que estava parada à direita dele, olhando pelo visor da câmera. — Vá em frente e rode, Vanessa.

— Rodando! — gritou Vanessa cheia de orgulho. Ela sempre sonhou em dizer isso, embora tenha imaginado que pronunciaria esta palavra dentro de um necrotério ou outro lugar sombrio onde seria ambientado seu primeiro filme independente. Certamente não na Barneys, com Thaddeus Smith fazendo o papel principal. Ainda assim, percorrera um longo caminho desde que dirigira uma adaptação de Guerra e paz na escola.

Hoje era o segundo dia de filmagem e eles deviam encerrar uma cena de jantar fundamental entre Thaddeus, no papel de Jeremy, e a starlet indie Miranda Grace, que fazia Helena, a vilã. Breakfast at Fred's era o primeiro filme que ela fazia sem a irmã gêmea, Coco. Oficialmente, Miranda começava uma carreira solo, mas a verdade é que Coco estava na reabilitação. Ela foi substituída por uma garota chamada Courtney Pinard que Ken descobrira andando de skate no Washington Square Park, que podia mesmo realizar as manobras que Coco achava uma perda de tempo ter que aprender.

No set, Miranda pegou o copo de coquetel cheio de gelo, sugando todo o conteúdo com

um único gole. Soltou um pigarro ruidoso e estendeu o braço por sobre a mesa para pegar a mão de Thaddeus.

— Querido, você acredita em destino? — perguntou ela.

As palavras dela ecoaram pelo set, que estava tão silencioso que Vanessa podia distinguir o tinido do gelo no copo de Miranda.

— Não tenho mais certeza se acredito em alguma coisa

— respondeu Thaddeus em voz baixa. — Mas de uma coisa eu sei — ele parou.

Este era o momento que Vanessa — que todos no set — morriam de medo de ver. Serena devia entrar no restaurante num rompante, arrastando uma estola de mink surrada, e se juntar ao casal na mesa.

Passou-se um segundo. Depois outro.

Nada de Serena. Nada de Holly. Nada de ninguém.

— Corta essa porra! — ladrou Ken Mogul.

— Corta! — ecoou calmamente o primeiro assistente de direção e, de repente, o set ganhou vida: um enxame formado pelo pessoal da maquiagem e os cabeleireiros surgiu das sombras, ajeitando o cabelo de Thaddeus, reaplicando o brilho nos lábios de Miranda. Um assistente de produção completou o copo que Miranda girava, limpando o batom da borda.

— Todo mundo — sussurrou Ken —, por favor, digam à Srta. Caralho van der Sei-lá-que-porra-de-nome para ir para a merda da posição dela e fazer essa merda de cena, sim?

— Desculpe, desculpe! — Serena cambaleou pelo set, brandindo uma ameaçadora sandália de salto agulha Bailey Winter. — Eu ainda estava no guarda-roupa. Desculpe, esses sapatos, eles simplesmente...

— Serena no set! — gritou o segundo assistente de direção. Obrigada por contar a novidade.

— Holly, Holly, Holly. — Ken Mogul sacudiu a cabeça.

— Em sua marca, está bem? Vamos repetir.

O exército de assistentes se retirou para as sombras e eles fizeram a cena mais uma vez. Desta vez, enquanto Thaddeus estava prestes a responder à pergunta de Miranda, Serena irrompeu no restaurante, bem na deixa, ajeitando a estola que tinha escorregado do ombro nu.

— Estou aqui, estou aqui — piou ela, passando pelas outras mesas, fazendo sibilar o vestido de chiffon Bailey Winter. Ela arrastou uma cadeira de uma mesa vaga e se sentou.

— Posso ajudá-la? — perguntou Miranda.

— Corta, por favor, corta—murmurou agora Ken Mogul.

— Corta! — gritou seu leal e estridente assistente.

— Miranda e Serena, por favor, vocês agora são Helena e Hoily. Façam com que a gente acredite nisso — disse o diretor. — Miranda, me faça acreditar que você é uma mulher que pode dominar o mundo.

Miranda assentiu sem expressão, batendo as pestanas falsas. Ela era do Lower East Side. Frequentou uma escola católica vagabunda. O prato preferido era macarrão semipronto. Ela claramente não fazia idéia do que Ken Mogul estava falando.

E alguém fazia?

Durante a terceira tomada, tudo pareceu se encaixar. Thaddeus e Miranda cintilavam, dizendo suas falas com perfeição, até se lançando em uma história improvisada sobre o

especial do dia. A iluminação estava bonita e natural, sem nenhum brilho nem bruxuleio acidentais, e a qualidade do som era perfeita. E Serena chegou na hora certa, não errou nem uma única fala nem teve bloqueio, e quando Ken gritou, "corta!", foi porque a cena estava encerrada.

— Talvez no final das contas não vá ser assim tão ruim — sussurrou o diretor a Vanessa nos bastidores. — Por enquanto, é só, pessoal — gritou ele.—Vamos fazer um intervalo de 15 minutos.

Ele se virou para Vanessa e disse, num tom de voz normal:

— É com você, garota. Vamos ver o que conseguiu.

Sem problema, pensou Vanessa. Todo o resto podia estar uma merda — como o que quer que tenha acontecido com Dan — mas ela sabia o que fazer com uma câmera.

Ken Mogul arrastou a cadeira de lona para mais perto do monitor de playback, onde podia ver o trecho que Vanessa acabara de filmar. O assistente de câmera de Vanessa rebobinou e ela se juntou ao diretor, olhando por sobre o ombro.

Na primeira vez em que rodaram a cena, Vanessa tinha usado um ângulo formal, aproximando a câmera e depois afastando para capturar as nuances das interpretações, mas mantendo a distância tradicional dos atores. Parecia inexpressivo e rígido para ela; era limpo e arrumadinho, mas sem imaginação. Na segunda vez em que rodaram, ela tentou uma coisa radicalmente diferente, dando um zoom e focalizando primeiro os lábios de Thaddeus e depois subindo para examinar os cílios dele. Ela usou esta estratégia também com a atriz, conseguindo um efeito acelerado de videoclipe que era realmente impressionista. Era mais desafiador do que se costumava ver em um filme, mas também era melhor. Na terceira tomada, ela foi além, deixando que o olhar da câmera pairasse no gelo que dançava no copo de água na mesa. Ela pensou que era uma forma adequada de simbolizar a relação complexa entre os personagens. Era um de seus melhores trabalhos.

— Que porra é essa? — perguntou Ken Mogul calmamente.

Vanessa olhou para ele. Não conseguia decifrar o tom da voz dele.

— Eu lhe fiz uma pergunta — repetiu Ken, girando para encará-la. — Que porra é essa, Vanessa? Que porra é essa?

— É meu trabalho de câmera — respondeu Vanessa, com orgulho, mas com a voz tremendo um pouco.

— Tá de sacanagem comigo? — gritou Ken Mogul. Perto dali, os integrantes da equipe voltaram para as sombras e Vanessa podia sentir os olhos nela.

— Vanessa, que porcaria experimental é essa? Não foi para isso que eu contratei você. Mas foi exatamente para isso que ele a contratou! Na realidade, aquelas foram as exatas palavras dele. Vanessa limitou-se a encará-lo, atordoada.

— Mas que coisa. Esta é a última coisa de que preciso. Peguei uma atriz que não sabe atuar, estou comendo a porra da tampa da caneta porque não posso fumar em meu próprio set e agora essa: a senhorita Cinema Indie está me dando a porcaria do trabalho de câmera dela. Não preciso disso. Está demitida! — Ken se afastou de Vanessa e se acomodou na cadeira. — E você — acrescentou ele, apontando para um contra-regra— diga a Thad, Serena e Miranda para se prepararem. Graças a essa droga, vamos ter que refazer tudo.

Vanessa abriu a boca para responder, mas não saiu nada. Estava furiosa, pirando de raiva mas, acima de tudo, estava magoada. As lágrimas encheram seus olhos e a garganta parecia se apertar como se estivesse sufocada. Não conseguia acreditar no que tinha

acontecido. Eles tinham acabado de começar as filmagens e ela já foi demitida? Primeiro Ruby a expulsou de casa, depois Dan começou a agir como uma espécie de babaca budista e agora essa?

— Vanessa, qual é o problema? — perguntou Ken rudemente. — Você é surda? Eu disse que está demitida. Saia da porcaria do meu set.

Vanessa enfiou seu equipamento na bolsa e marchou para o elevador. O primeiro filme que ia fazer na NYU seria sobre um diretor de cinema anormal que é mutilado por um bando de coiotes hidrófobos. E depois seria atropelado pelo metrô.

E ele vai a-do-rar esse trabalho de câmera.

### *unidas novamente... e parece tão bom*

Era sinistro sair do elevador da Barneys e entrar no silêncio e na escuridão do nono andar. Era como um daqueles momentos de um pesadelo vivido, quando você termina em um lugar que conhece, mas tudo está terrivelmente estranho. Mas isto não era um pesadelo: na verdade, era o contrário — um sonho que virava realidade.

Só vinte minutos antes, Blair estava tomando "chá" inocentemente com Bailey Winter e a mãe, mas foi despachada para a Barneys antes que pudesse terminar seu primeiro martíni.

— A moda não pode esperar! — gritou Bailey em sua voz de tenor feminino. — Vai.

Vai!

Ele queria que Blair corresse até a Barneys e procurasse o figurinista do set de Breakfast at Fred's para pegar as medidas do elenco principal. As costureiras do ateliê precisavam delas para preparar a tempo o figurino para a cena da festa, o clímax do filme. Até agora, este trabalho tinha todos os elementos de uma fantasia de Blair Waldorf: moda, glamour, um pouco de drama. O único porém era Jasmine.

Ah, sim. Ela.

Bailey Winter confundira a namorada de Tyler com uma amiga de Blair e insistiu em contratar as duas para que fossem os olhos e ouvidos dele no set. Mas Blair não ia deixar que a presença de sua jovem imitadora arruinasse sua vitória. Na verdade, ia usar isso em proveito próprio. Obviamente ela podia conseguir que Jasmine cumprisse suas ordens.

Ela começou no táxi, instruindo Jasmine sobre como se comportar quando chegassem ao set.

— Deixe que eu falo. Um talento não vai gostar se você se intrometer — orientou Blair como uma velha profissional. Ela trocou o sotaque inglês recém-adquirido pelo jargão de Hollywood sem perder o ritmo.

Jasmine seguiu Blair como um cachorrinho que a venerava, saindo do elevador e andando pelo corredor de mármore preto do nono andar em direção ao Fred's. Elas marchavam com tal propósito que não conseguiram deixar de esbarrar na figura careca, de preto e chorosa que apareceu ali do nada, correndo a toda. Vanessa bateu em Blair, que bateu em Jasmine, que estava tão perto dos calcanhares de Blair que caiu no chão com um gritinho, as sandálias BCBG se espalhando pelo piso de mármore para longe de sua dona.

— Mas que droga! — praguejou Blair antes de reconhecer a antiga colega de apartamento.

— Meu Deus. Porra. Desculpe — conseguiu dizer Vanessa. Seu rosto, até a careca, estava inchado e havia lágrimas escorrendo pelo queixo.

— Você está bem? Está toda... vermelha—observou Blair, pouco convincente. Vanessa



estava claramente triste, mas Blair devia estar lá dentro, medindo a cava de Thaddeus Smith!

E todos nós sabemos aonde leva a cava...

— Eu estou bem, estou bem — murmurou Jasmine enquanto se levantava, embora ninguém estivesse falando com ela.

— Jasmine, Vanessa — Blair fez as apresentações. Depois abraçou Vanessa e beijou o ar de cada lado do rosto da antiga colega. — Mas, sério, qual é o problema?

Vanessa apenas fungou em resposta. Estava tão aborrecida que não conseguia falar. O que devia fazer agora? Para onde devia ir?

— Muito bem, Jasmine — ladrou Blair, apreciando o papel de chefe. — Fique aqui e cuide de Vanessa. Tenho que me mexer. Ordens de Bailey! — Ela apertou o ombro de Vanessa numa demonstração de apoio e deu um sorriso amarelo. — Você sabe que eu te amo! — Gritou ela, depois disparou pelo corredor e passou pelas portas de vaivém do Fred's.

— Com licença — disse Blair em voz alta a ninguém em particular assim que entrou. — Meu nome é Blair Waldorf. Trabalho para Bailey Winter. Preciso falar com o encarregado daqui.

Ninguém se mexeu e ninguém respondeu. Depois Blair sentiu um tapinha no ombro e ouviu uma voz conhecida.

— Acho que eu posso te ajudar — ofereceu-se Serena. — Oi — Blair se virou e viu a face sorridente de sua

melhor amiga. Ou agora elas não eram amigas? Foram tantos altos e baixos que sinceramente às vezes Blair tinha dificuldade para se lembrar se gostava de Serena de novo ou se elas não estavam se falando.

— Você voltou! — guinchou Serena. Ela pegou Blair e a abraçou com força.

Parece que são amigas de novo.

— Voltei — concordou Blair, avaliando com inveja o vestido de chiffon marfim Bailey Winter.

— Me conta tudo — insistiu Serena, puxando Blair e examinando-a de perto. — Desde quando você está trabalhando para Bailey Winter? Pensei que estivesse em Londres!

— Consegui um emprego — explicou Blair simplesmente. — Só parecia a coisa certa a fazer, sabe como é. Pensei que seria bom ter alguma experiência profissional.

— Mas isso é ótimo! — Serena praticamente gritou.

— Andei pensando em fazer carreira na moda — acrescentou ela casualmente. A equipe de cem pessoas de Breakfast at Fred's abriu caminho para ela, antes que Ken Mogul decepasse verbalmente a cabeça de Blair, que continuou tagarelando num tom de voz alto e distraído, devorando toda a atenção. — Todo mundo tem uma vocação e acho que a moda é a minha.

— E Londres? E o lorde sei-lá-o-quê? — perguntou Serena. Será que os boatos sobre a noiva inglesa eram verdadeiros? Ela não costumava dar atenção a fofocas, mas tinha que haver um motivo para Blair desistir de um romance com a aristocracia londrina para voltar para casa e arranjar um emprego de verão.

— É uma longa história. — Blair suspirou dramaticamente. Era uma mulher trabalhadora com uma história para contar. Agora, se Serena só emprestasse esse vestido a ela...

— Me conta à noite — sussurrou Serena, animada. — Ken me colocou num apartamento só meu. Precisa ir lá. Ah, mas que se foda... Venha morar comigo!

— Bom... — Blair hesitou. Ela andou se mudando muito ultimamente: o Plaza Hotel, Williamsburg, o Yale Club, Londres. E não devia estar em casa, perto da irmãzinha neném?

— Eu falei que agora estou morando na 71 Leste? — Serena sabia muito bem que, de todas as pessoas, Blair Waldorf ia reconhecer este endereço.

Mudar-se para o apartamento de Bonequinha de luxo!

— Só preciso fazer minhas malas — respondeu Blair es-toicamente, como se pudesse esconder o fato de que estava praticamente fazendo xixi nas calças de empolgação. — Vou para lá à noite.

Ela atirou os braços em Serena num ataque de entusiasmo impetuoso. Tudo sempre tinha um jeito de ficar bem, em especial quando Serena estava envolvida. Desta vez, elas realmente seriam amigas para sempre.

Se você chamar os próximos dias de para sempre!

### *karma chameleon*

Dan Humphrey entrou de fininho na revoltante sala de descanso dos funcionários, em um canto escuro do porão da Strand, agarrado a uma bolsa preta com o logo da revista literária Red Herring. Depois de verificar que a porta estava bem trancada, ele tirou a camiseta do Bauhaus puída e desabotoou a calça desbotada Levi's, largando as roupas no chão. Não deu atenção à pichação literária que uma geração de funcionários descontentes da Strand rabiscou em todas as paredes — dizia a lenda que um ex-funcionário amargurado tinha anotado o verdadeiro número do telefone da casa de New Hampshire do notoriamente recluso J. D. Salinger. Ele só tinha dez minutos para encontrar Bree na Union Square e precisava tirar as roupas cotidianas — que fediam a fumaça de cigarro — e vestir alguma coisa limpa e mais favorável aos exercícios.

Tudo bem que ele não fosse o cara mais atlético do mundo. Sua relação ou ligação ou o que quer que fosse com Bree se baseava em mais do que roupas de lycra e sessões de ioga nus. Bree abria os olhos de Dan, ajudara-o a pensar no mundo de uma forma que ele nunca fizera na vida. Dobrar-se e assumir posturas de ioga em uma sala quente com um cara suarento e pelado recurvado sobre ele não era o que Dan considerava um final de tarde romântico, mas ler os livros preferidos de Bree era estimulante e incitava o raciocínio. Ele já conseguira tanto na vida — tinha um poema publicado na New Yorker, fez estágio na Red Herring, cantou seus poemas musicados com os Raves — mas era meio emocionante descobrir uma coisa mais profunda e mais significativa do que a fama passageira.

Encontrar a iluminação em menos de uma semana—deve ser uma espécie de recorde mundial.

Ele vestiu uma camiseta verde American Apparel, ajeitou o cabelo castanho-claro desgrenhado e amarrou os tênis azuis claros New Balances. Colocou um chiclete de menta na boca e exalou na palma da mão para sentir o hálito: nenhum vestígio de tabaco. Catou as roupas de trabalho e as enfiou no armário dos funcionários, depois subiu a escada e saiu da loja, em direção à Union Square, perto dali.

Bree esperava por ele ao lado de uma estátua de um Gandhi placidamente sorridente na esquina sul do parque movimentado, perto da suja-mas-ficando-melhor rua 14.

— Gosto de ir ali às vezes — disse-lhe ela por telefone. — Para ler e refletir sobre a

mensagem de paz de Gandhi.

E não gostamos todos?

Bree tinha trançado o cabelo louro platinado e o prendeu em um coque firme na base do pescoço. Vestia uma camiseta branca e limpa com o logo da Adidas, e short azul iridescente de corrida que eram bem curtos e revelavam suas pernas longas, bronzeadas e musculosas. Quando viu Dan, ela se levantou e acenou animada.

— Bem na hora! — Quando Dan se aproximou dela, Bree atirou os braços nele num abraço caloroso. — Namastê — sussurrou ela. — Que cheiro bom você tem.

— Obrigado — respondeu Dan com alívio enquanto inadvertidamente sentia o buquê do desodorante orgânico de sálvia de Bree e o óleo essencial de patchouli que ela passava atrás das orelhas.

— Vamos fazer um aquecimento — ordenou a garota. Ela libertou Dan do abraço, virou-se e colocou o pé direito no banco, onde estava sentada, depois se inclinou, passando todo o peso do corpo para uma das pernas.

Dan a imitou, estremeando de dor ao tentar despertar os músculos das pernas. Isso era muito mais exigente do que a malhação habitual dele: uma caminhada até a esquina para fumar.

— É ótimo, né? — Bree sorriu entusiasmada enquanto se esticava, como se um bom alongamento fosse melhor do que um banho quente.

— É — ofegou Dan. — Excelente.

— Pensei em começar aqui — explicou Bree, recolocando o pé no chão. Ela olhou os joelhos, depois se curvou para baixo, tocando o chão com as palmas das mãos. — Sabe como é, ir pela 14 para o Hudson e depois descer para o Battery Park.

Dan fez alguns cálculos de cabeça. Isso significava pelo menos 3 quilômetros, o que significava que esses 3 quilômetros eram mais do que já correria durante toda a sua vida.

No que ele estava se metendo?

No começo parecia que ele ia se sair bem: o primeiro quarteirão passou sem nenhum incidente. Dan seguiu a bunda rebolante e sexy de Bree enquanto ela corria pela calçada, passando por pedestres e carrinhos de bebê.

Que divertido!, disse ele a si mesmo. É ótimo.

Quando chegaram à esquina da Quinta Avenida, eles pararam no sinal e Bree se virou para Dan.

— Está tudo bem? — Ela franziu o cenho, preocupada.

A pele de Dan parecia formigar. O suor jorrava de sua testa e pingava do nariz, caindo na calçada. O sol de final de tarde batia nos dois. Ele tinha certeza absoluta de que ia morrer de insolação.

— Claro — respondeu ele, trêmulo. — Eu tô legal.

Quando voltaram a se mexer, o ardor nas pernas e o martelar no peito ficaram insuportáveis, mas assim que eles pararam, os joelhos dele cederam como se pudessem vergar embaixo dele.

O sinal abriu e Bree disparou pela rua.

— Vem! — gritou ela por sobre o ombro, satisfeita. Dan respirou fundo e cambaleou pela rua, errando por

pouco uma velha com um chapelão de palha que empurrava um carrinho de compras.

— Cuidado aí, idiota! — gritou ela.

Ignorando-a, Dan continuou correndo, seguindo Bree como um cachorro caçando aquele coelho mecânico do comercial. Seu coração martelava nos ouvidos enquanto eles corriam pela calçada, passando pela Sexta, depois a Sétima, a Oitava, e, finalmente, a Nona Avenida. Entre a Nona e a Greenwich, o trânsito melhorou, então Bree correu no meio da rua. Ignorando os jatos quentes de escapamento dos ônibus que passavam, Dan foi atrás dela, correndo em direção ao reluzente rio Hudson, só a duas quadras de distância. Agüente firme, disse ele a si mesmo. É só chegar ao rio. Continue. Ele não fazia idéia de que ia descer tudo até o Battery Park, na ponta de Manhattan, mas vamos começar pelo começo: tinha que chegar ao rio. Seus pés latejavam dentro dos tênis de corrida azuis New Balance não-muito-confortáveis e comprados-por-dez-pratas-na-Paragom-Sports. Ele enxugou tanto suor da testa que teve medo de ficar totalmente desidratado. Estava morrendo de vontade de beber água. Estava morrendo de vontade de se sentar. Ele não estaria simplesmente morrendo?

Eles dispararam pela West Side Highway e entraram no Hudson River Park, onde um caminho largo de corrida/patinação/bicicleta cortava o parque até Tribeca. Não eram os únicos a aproveitar o dia claro e ensolarado — centenas de pessoas corriam e patinavam, pedalavam e passeavam de mãos dadas. Bree o ultrapassou na rua e correu pela multidão até chegar à cerca de tela que devia evitar que as pessoas caíssem direto no rio. Ela chutava o nada, correndo sem sair do lugar enquanto esperava que Dan a alcançasse. Apesar do calor, Bree mal estava suando.

Dan se atirou na direção de Bree. Isso é ótimo, disse ele a si mesmo. Ele se sentia ótimo! O sol brilhava, o ar estava fresco e havia uma brisa soprando do rio. Ele sorria como um louco. Ele podia fazer isso!

Depois suas pernas cederam e ele desabou no piso duro com um baque enquanto se contorcia no chão.

— Dan! — gritou Bree, curvando-se sobre ele. — Você está bem?

Dan olhou para cima e viu a cara vermelha emoldurada por cachos pequenos de cabelo cor de linho. Sua visão começou a se tornar enevoada.

— Estou morrendo? — perguntou ele em voz alta. — Você é um anjo?

— É melhor administrar uma RCP—anunciou Bree com severidade, agachando-se e colocando a boca na dele.

Como se isso não fosse provocar em Dan um ataque cardíaco ainda maior.

### *da cruz para a caldeira*

Cambaleando inquieta, Vanessa Abrams se agarrou ao corrimão de ferro batido e se estabilizou nos degraus baixos de mármore que levavam à mansão coberta de hera da rua 87. Ela arrotou alto e estapeou a campainha iluminada quatro ou cinco vezes antes de finalmente conseguir fazer com que tocasse. Talvez consolar-se com uma garrafa de pinot grigio gelada não tivesse sido a decisão mais sensata que ela tomou, em especial porque estava a minutos de uma entrevista de emprego.

Depois de ser expulsa sem a menor cerimônia do set de Breakfast at Fred's, Vanessa pegou o elevador com Jasmine, a Blair-Waldorf-em-treinamento possivelmente humanóide, que disse a Vanessa que por acaso a mãe dela estava procurando por uma pessoa altamente qualificada, cheia de energia e entusiasmada para um emprego muito importante. Vanessa estava perturbada demais para pedir pelos detalhes, mas Jasmine

rasgou uma página de sua agenda Louis Vuitton e escreveu um endereço, insistindo com Vanessa para que fosse lá imediatamente.

Depois de algumas taças de vinho surrupiado do estoque pessoal de Rufus, Vanessa começou a ver as coisas com mais clareza.

Ken Mogul é um vendido desalmado. Estava fazendo um filminho adolescente ordinário enquanto ela era uma autora experimental! Ela não podia desperdiçar tempo e talento naquela porcária. Ia para a Universidade de Nova York, o melhor curso de cinema do país. Teria acesso aos melhores professores, a equipamento de primeira e a todo um programa de formação de atores cheio dos estudantes de interpretação mais talentosos que existiam. Por que deveria perder tempo como uma serva, trabalhando em um projeto em que não acreditava quando podia muito bem ralar e economizar uma boa grana para produzir o próprio filme no outono? Já possuía uma idéia do tema central: uma artista jovem e conflituada obrigada a escolher entre seguir sua inspiração ou permanecer em um relacionamento em franca decadência com o namorado escritor, maluco e viciado em incenso e chá de ervas.

Parece um exemplo da arte imitando a vida.

A pesada porta de vidro foi aberta por uma empregada de cara azeda com uma saia preta simples, avental branco e um lencinho de renda branco na cabeça.

— Posso ajudá-la? — perguntou ela desconfiada.

— Vim por causa do emprego — balbuciou Vanessa. — A filha da mãe — ela parou por um momento tentando se lembrar do nome da garota. — Jasmine! É isso. Ela me disse para vir aqui, falar com a mãe dela sobre um emprego. Então eu vim.

A empregada franziu o cenho.

— Sei. Então, entre. A dona da casa encontrará você no escritório.

Vanessa andou duro pelo saguão de mármore, passando por uma escada extensa iluminada por um enorme lustre de cristal e entrou em uma sala revestida de mogno e estantes, mobiliada com antigüidades de bom gosto. Não fazia idéia do que se tratava o emprego, mas claramente esta era uma mulher de negócios bem-sucedida. Ela devia ser uma executiva ocupada que precisava desesperadamente de uma secretária competente. Sem dúvida era um trabalho de merda, mas os artistas sempre precisam sofrer por sua arte, a não ser que queiram fazer porcarias comerciais como Ken Mogul.

— Espere aqui, por favor — instruiu a empregada. Vanessa se empoleirou na beira de uma cadeira de madeira

Art Déco ornamentada. A sala girava um pouco e ela se agarrou ao assento com força. Não vomite, disse ela a si mesma.

— Você é minha nova amiga? Vanessa olhou. Não havia ninguém ali. Que ótimo, estou tão arrasada que ouço vozes.

— Você é minha nova amiga? — perguntou a voz novamente antes de explodir em risos.

— Que-quem está aí? — disse Vanessa, nervosa. A última coisa que queria era ser pega falando sozinha na frente da nova chefe.

— Você é uma menina? — perguntou outra voz.

— Por que não tem cabelo nenhum? — perguntou a primeira voz.

Duas vozes? Quanto foi que ela bebeu?

Vanessa prendeu a respiração e escutou. Ela se levantou De onde vinham as vozes? Ela se ajoelhou e encostou a testa no piso de madeira perfeitamente encerado, varrendo a sala daquele ponto de observação. Deu certo: debaixo do sofá de madeira dourada, pôde

distinguir a figura de um garotinho magricela de cabelo crespo.

— Achou! — gritou ele, saindo de sob o sofá.

— É, oi — disse Vanessa. — Sua mãe está em casa?

— Você tem cheiro de vinho — anunciou o menino, franzindo a testa.—Eu tenho quatro anos. Quantos anos você tem?

— Me ache também! — gritou a outra voz. O que ela podia fazer?

— Onde você está? — gritou Vanessa, colocando-se de quatro. Ela olhou embaixo dos outros móveis.

— Me acha, me acha! — berrou a voz.

Ela seguiu o som até o canto da biblioteca, onde um globo grande estava em uma mesa redonda com tampo de vidro. Ela levantou a toalha e debaixo da mesa havia um garotinho de aparência e roupas exatamente iguais às do outro.

— Achou! — gritou o menino. Ele disparou de sob a mesa e correu para o sofá, onde o irmão ainda quicava. Ele pulou no sofá e bateu no irmão. Os dois meninos caíram no chão.

— Meninos! — gritou uma voz. Uma ruiva alta, com um terninho Chanel magenta, entrou na biblioteca, segurando um celular Treo e um exemplar enrolado da Vogue.

— Você deve ser a Vanessa — observou a mulher num tom seco. — Jasmine me falou que podia aparecer. Estou meio surpresa por ter decidido vir, mas acho que está tudo bem. Mostra iniciativa. Gosto disso.

Ops.

— Tudo bem — disse Vanessa, colocando-se de pé e tentando ao máximo parecer completamente sóbria. — Deve ser a Sra...? — Ela parou, percebendo que não fazia idéia do sobrenome de Jasmine.

— É Sra. Morgan — respondeu a mulher. — Não uso o nome do meu marido. Afinal, estamos no século XXI.

— Desculpe — murmurou Vanessa. Esta era a entrevista de emprego mais estranha que já vira.

— Não importa — continuou a mulher. — Obviamente você já conheceu os meninos.

— Os meninos? — perguntou Vanessa. Os gêmeos foram para trás dela, puxando as mãos de Vanessa com toda força.

— Brinca com a gente! — gritaram eles.

— Mas então, o emprego é padrão — a Sra. Morgan mexeu no Treo por um momento. — Alguns dias por semana, só à tarde. Você vai pegar os meninos no acampamento, levá-los ao terapeuta, acompanhá-los nos encontros para brincar, essas coisas comuns. Sem dúvida sabe o ofício. — Ela colocou o telefone na orelha.

Acampamento? Encontros para brincar? Como é que é?

— Acho que houve um mal-entendido — gaguejou Vanessa, lutando para ficar ereta com o vinho correndo em suas veias e o peso de dois meninos puxando-a para o chão. Estava tudo muito bem sofrer pela arte, mas ela não era a Babá Quase Perfeita.

— Éééé! — gritaram os gêmeos. — Mamãe, a Vanessa é nossa nova amiga?

— Sim — respondeu a mulher, a orelha ainda colada no telefone enorme. — Ela é a nova amiga de vocês.

É mesmo, é?

— São 18 dólares por hora — acrescentou a Sra. Morgan enquanto batia os saltos no

saguão e subia a escada grandiosa. — Pode começar agora.  
Ah, sim, ela definitivamente é a nova amiga.

*b e s decidem dividir tudo em partes iguais*

Blair fez três viagens, mas ainda não tinha conseguido levar todas as malas pelos cinco lances de escada. Não havia porteiro, não havia nem um único ar-condicionado, não havia elevador, mas ela não se importava porque toda a história era tão... cinematográfica.

Blair tinha um plano para a vida, um roteiro que queria seguir à risca. Mas grande parte do que aconteceu até agora — comprar um vestido de noiva, deixar lorde Marcus, ser contratada por Bailey Winter e agora se mudar para a casa de Serena — não fora planejado. Se alguém lhe dissesse só uma semana antes que ela teria um emprego de verão, Blair teria gritado e protestado. Afinal, trabalhar no verão definitivamente não fazia parte da história de sua vida, mas não estava com vontade de gritar. Ela se sentia... feliz. Talvez houvesse uma lição nisso; talvez, em vez de tentar sempre viver de acordo com um plano, ela devesse seguir a correnteza, quem sabe? Talvez as coisas realmente sempre dessem certo no final.

Assim como nos filmes.

Descendo o último lance de escada para pegar a última mala—uma bolsa de viagem de crocodilo Paul Smith que ela comprara em Londres apenas alguns dias antes — Blair foi surpreendida por um desengonçado de cabelo escuro que usava um terno Hugo Boss azul e saía do apartamento do térreo. Ela ficou paralisada.

Não havia um vizinho lindo no andar de baixo de Bonequinha de luxo?

— Oi. E aí — gritou Blair com seu melhor sotaque vagamente do leste europeu de Audrey-Hepburn-fazendo-Holly-Golightly.

— Oi — respondeu o homem timidamente. O cabelo castanho caía na frente dos olhos azuis. Ele meteu as mãos nos bolsos da calça e endireitou o corpo.

— Boa noite — respondeu Blair, descendo afetada a escada e entrando no espaço estreito e mal iluminado que fazia as vezes de saguão. Ela se espremeu ao passar pelo estranho sorridente e se curvou para pegar a bolsa. — Com licença — continuou ela, levando ao ombro a bolsa cheia de sapatos.

— Claro — disse ele, encostando-se na porta do seu apartamento. — Posso lhe ajudar com isso?

— Eu consigo — respondeu Blair estoicamente. Ela abriu o sorriso mais encantador que tinha. — Já nos conhecemos?

— Meu nome é Jason — ele estendeu a mão. — Vai passar o fim de semana?

— Ah — explicou ela —, estou me mudando para a casa de minha querida e velha amiga Serena. No quinto andar, sabe?

— Ah, eu conheço a Serena — Jason parou. — Conversamos outra noite, tomamos umas cervejas na escada. Mas ela não disse nada sobre ter uma linda colega de apartamento. E ela também não disse nada a respeito do lindo vizinho. Típico.

— Foi meio repentino — explicou Blair. — É uma longa história.

— Eu tenho tempo — os lábios dele se espalharam num lindo sorriso de azaração. Ele enfiou os dedos compridos nos bolsos de trás. — E sou um ótimo ouvinte.

— É mesmo? — Blair passou a bolsa para o outro ombro. Estava mesmo meio pesada.

— E não é só isso — continuou Jason —, eu estava mesmo indo pegar uma boa garrafa gelada de vinho rosé. Já foi até o terraço? Talvez queria se juntar a mim para um drinque de boas-vindas ao prédio?

— Nem sei como chegar lá! — Uma taça gelada de vinho rosé com um estranho de ombros largos e olhos azuis parecia a forma perfeita de comemorar o fim de um dia que seria um marco: emprego novo, casa nova...

Romance novo?

Serena estava ocupada decorando as falas para amanhã. Um drinque com Jason evitaria que Blair a atrapalhasse.

— Sei o caminho — disse lhe lançou uma piscadela. —A gente se vê em 15 minutos? Sob circunstâncias normais, dificilmente isto seria tempo suficiente para Blair Waldorf se preparar para um tête-à-tête noturno, mas esta era uma nova e aprimorada Blair Waldorf, com emprego, mais na moda que nunca, num verão despreocupado.

— Te dou dez minutos — ela subiu a escada devagar, virando-se para sorrir para ele. —A propósito, meu nome é Blair.

Depois de vestir um top casual Lilly Pulitzer floral e sandálias brancas decoradas com conchas, Blair subiu a escada. Jason já estava esperando por ela com uma manta nos ombros e uma garrafa na mão. Ele subiu a escada enferrujada e abriu o alçapão preto de aço. Depois estendeu a mão para ajudar Blair a subir, com uma elegância masculina maior do que a exibida por Marcus. Blair pegou a mão dele ansiosamente e deixou que ele a içasse para o terraço.

— Espero que não chova esta noite — assinalou ela enquanto girava o corpo, olhando a vista de 360 graus da silhueta de Manhattan. — Porque não vou descer essa escada — ela só estava meio brincando.

— Eu lhe disse que a vista era ótima — brincou Jason, pegando um saca-rolhas e tirando a rolha com um "plop" satisfatório.

Não era tão ampla quanto a vista para o Central Park do terraço da cobertura de Blair na Quinta Avenida, mas havia alguma coisa mágica na névoa quente de verão que pairava sobre os prédios do bairro. As árvores não eram tão perfeitamente podadas como os carvalhos e elmos que cercavam o parque, mas os galhos delgados que se projetavam acima do telhado eram luxuriantes e verdes. O Upper East Side, percebeu Blair, era exatamente como a linha de roupas de Bailey Winter: da Quinta Avenida a Park Avenue era Bailey Winter Couture, tudo da Park até a Lexington era como a Bailey Winter Collection, e tudo entre ali e o rio era Bailey by BaileyWinter.

É uma forma de pensar.

— É linda mesmo — concordou ela, pegando um copo de plástico com vinho gelado e acomodando-se na manta azul-marinho puída que Jason abrira no terraço de piche quente. Não era tão macia quanto sua manta de cashmere Asprey preferida, mas ela estava com a roupa de verão perfeita, um homem lindo estava sentado ao seu lado e sua carreira na moda estava prestes a estourar. Quem precisava da realeza britânica? Ela era uma nova-iorquina e este era o clássico momento Nova-York-no-verão. Londres era uma favela úmida e fedida comparada a isso.

— E aí, como é que Serena não falou em você antes? — perguntou Jason.

— Talvez ela quisesse você só para ela — respondeu Blair maliciosamente e talvez com precisão. —A um verão muito louco — Blair bateu o copo de plástico com vinho no de Jason. — Até agora — acrescentou ela sentindo um pouco de vertigem.



— A um verão muito louco — repetiu ele, tomando um gole. — Mas aí, não acho que Serena esteja interessada em mim. Nós saímos outra noite e ela parecia meio comprometida, se pode me entender.

— Quer dizer Thaddeus Smith? — Blair e Serena não tiveram muito tempo para colocar as novidades em dia, mas ela sabia, simplesmente sabia, que tinha de haver alguma coisa rolando entre Serena e Thaddeus.

Desde que ela e todo mundo acreditava em tudo o que lessem.

— O próprio — afirmou Jason. — Mas sabe de uma coisa, Blair — continuou Jason, fixando os olhos azuis nos dela. — Eu não sou de sair com estrelas de cinema. Prefiro mulheres normais.

Ele a estava chamando — Blair Waldorf— de normal? Mas que equívoco.

— Peraí, você não faz cinema, faz? — Ele a olhou, desconfiado. — Porque parece que pode fazer.

— Sou mais o tipo de mulher dos bastidores — murmurou ela, batendo, misteriosa, as pestanas com maquiagem Chanel.

— Não tenho nada contra isso — recuou Jason. — Não me leve a mal. É só que estou interessado em coisas diferentes. Como a lei. E meu principal foco, sabia?

— Eu estava pensando em estudar direito quando começar em Yale no outono—ela sempre podia ser advogada e musa da moda ao mesmo tempo. Podia usar alta costura por baixo da toga da Suprema Corte.

Blair tomou o vinho com ansiedade. Serena podia ser a estrela de cinema. Jason era exatamente o tipo de cara com quem uma mulher de Yale devia se envolver.

Pelo menos, o tipo com quem uma mulher de Yale devia se envolver esta semana.

## **Gossipgirl.net**

---

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

*Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

### **oi, gente!**

Não tenho vergonha de confessar que "Summer Lovin" (de nosso filme secreto preferido de vou-ficar-em-casa-na-sexta-à-noite, Grease, nos tempos da brilhantina) é uma das melhores músicas que já ouvi. Não só gruda na cabeça da gente, como é verdade: o verão é só amor e se apaixonar, não é? Mas parece haver uma crise de escassez neste verão.

Já se passaram quase três semanas e nossa amiga S ainda é uma intérprete solo! O que é que tá pegando? É claro que ela tem sido vista pela cidade com T, mas não há nenhuma lei dizendo que amigos não podem jantar juntos, ou há? Além disso, achamos que T pode estar de olho em outra pessoa. Você vai saber disso em primeira mão aqui.

Enquanto isso, B se atira no trabalho — dizem que já é a segunda pessoa mais temida no set de filmagem. Não conseguimos nos aproximar o suficiente para verificar os boatos de que ela está exibindo uma aliança na mão direita — para mostrar aos paparazzi, como as

estrelas. Dizem também que B está ficando meio corada nas bochechas: rubor-de-futura-mamãe, amor secreto ou um novo esteticista ótimo? Usem as câmeras de seus celulares, gente: precisamos de provas!

Mais novidades no verão do amor: parece que D e V definitivamente brigaram, e repito que você soube disso aqui primeiro. Ele está surpreendentemente brozeado e tonificado. Juro por Deus! E N e o amor de verão dele? Quanto tempo até ele mostrar suas verdadeiras cores de urbanóide? Ele pode até dizer que não é como o resto do pessoal da cidade, mas N não vai desistir por muito tempo de confortos como tratamento exclusivo em boates, festas beneficentes a rigor em Lilypond Lane e viagens privativas de helicóptero de volta a cidade...

### **problemas à vista**

Meus espões no Michael's me contaram sobre uma reunião muito tensa entre um certo fotógrafo que virou um cineasta muito respeitado e os pesos-pesados de Hollywood (literalmente dois irmãos rotundos) que estão bancando o mais recente empreendimento dele. Parece que os produtores de carteira recheada não estão nada emocionados com as notícias e querem repensar o elenco. Será que isso significa que V não será a única a ser demitida? Fiquem ligados.

### **flagras**

B, com um Frappuccino e uma prancheta nas mãos, tentando desesperadamente parar um táxi em Park Avenue. O que foi que aconteceu com o presente de formatura? Será verdade que ela não conseguiu a carteira? Ops! N no mer-cadinho rural da Amagansett, refletindo sobre flores silvestres. Nós sabíamos que ele era um romântico enrustido! T mostrando um convidado especial não identificado no set — ouvimos dizer que o tour particular incluiu uma longa visita ao trailer do astro. V na Forbidden Planet, comprando revistas em quadrinhos — mas definitivamente sem visitar D na Strand, que afinal fica apenas do outro lado da rua. Que interessante...

### **e chamam isso de amar pra cachorro...**

E por falar em amor, finalmente conheci alguém. Na verdade, dois alguém: os dois são irresistivelmente lindos e nenhum deles consegue parar de me encher de beijos. Sei que é errado se intrometer entre irmãos, mas não consigo escolher entre meus amores Duke e Owen.

É possível que você tenha visto uma grande matéria sobre eles no Sunday Styles da semana passada: eles são puggles, os únicos híbridos que servem para mim: meio beagles, meio pugs, mas 100% amor. E os meus por acaso vieram do abrigo de animais. Sou louca por bichinhos perdidos com cruzamentos impecáveis. É alta costura por uma causa nobre, então não perca seu tempo com um chihuahua arrogante ou um buldogue francês babão.

## Seu e-mail

**P:** Cara GG,

Sou assistente paralegal em uma firma de advocacia em Midtown e dei em cima de um de meus colegas durante semanas. Ele costumava sair conosco na happy hour, mas de repente ficou totalmente caseiro – praticamente volta correndo para casa depois do trabalho. Acha que pode ser alguma coisa constrangedora, como um vício em pornografia?

– Apaixonada

**R:** Cara Apaixonada,

Parece que ele definitivamente está viciado em alguma coisa – ou em alguém – na casa dele. Mas só existe um bom motivo para que um gostosão da happy hour vire um sujeito caseiro: mulher. Meu conselho é o seguinte: ofereça-se para ajeitar a nova gravata com estampa de patinhos dele e veja o que ele diz. Sim = vício em pornografia. Não, obrigado = namorada. Boa sorte!

– GG

O que mais está acontecendo por aí, gente? Mandem-me os furos: fofocas quentes, as últimas liquidações, o local daquela nova loja secreta da As Four, a sujeira do set. E será que alguém pode me dizer a data e o local da festa de encerramento totalmente confidencial de Breakfast aí Fred's? Vou precisar reservar para fazer o cabelo pré-festa com o Sr. Fekkai em pessoa, é claro. Então conta aí!

Pra você que me ama,  
gossip girl

## *n vai à cidade*

– Vão se foder, todos vocês! – O vocalista britânico da banda jocosamente chamada Sunshine Experience passou a mão na testa e atirou o suor na multidão. De peito nu e vestido somente com calças de couro pretas, o vocalista esquelético, mais conhecido por acompanhar modelos e atrizes do que por cantar, cuspiu com raiva no palco e disparou para fora, desaparecendo na multidão apertada composta por um pessoal que só queria saber de farra.

– Meu Deus, eu adoro esse cara! – gritou Tawny, apertando o braço de Nate com força e derramando sem querer metade do drinque de Smirnoff na banquetta Ultrasuede e nas calças capri rosa imitando Pucci.

Que peninha.

Nate assentiu e tomou um gole da terceira garrafa de cerveja Newcastle da noite. Deu uma olhada pelo salão principal abarrotado do Resort, o clube de East Hampton: a pista estava fervendo de louras vestidas de Diane von Furstenberg e uns sujeitos perfeitamente produzidos de calça caqui e camisas Thomas Ponk – não era exatamente o tipo de grupo que se vê normalmente em um show do Sunshine Experience.

Os Hamptons ficaram em polvorosa com a notícia deste show "surpresa" da banda de rock inglesa há uma semana e, quando Tawny sugeriu que eles fossem, o entusiasmo de

Nate surpreendeu até a ele mesmo. Ele ainda não aparecera no Resort neste verão – na verdade, não fez muita coisa além de limpar calhas, cortar grama, consertar telhas e fumar maconha com Tawny. Parecia bom poder sair, ir onde estava a ação, com uma cerveja gelada, uma loura gostosa e nada com que se preocupar.

– Archibald!

Tawny deu uma cotovelada delicada em Nate.

– É amigo seu?

Anthony Avuldsen acenou na multidão, levantando o uísque com soda no alto para evitar que derramasse. Cortara o cabelo louro rente à cabeça e tinha um bronzeado de verão que fazia seu sorriso parecer ainda mais reluzente do que o normal. O segurança – um fortão que parecia não ter pescoço – lhe deu um aceno rápido, permitindo que ele subisse na plataforma que fazia as vezes de sala VIP do clube.

– Archibald, seu filho da puta – disse Anthony, batendo o copo na garrafa de Nate como um cumprimento. – Onde é que você se meteu ultimamente?

– E aí? – Nate o cumprimentou.

– O treinador tá tirando o seu couro? – Anthony sentou-se ao lado de Nate na banquetta, acompanhando com a cabeça a estridente linha de baixo do Sunshine Experience.

– Mais ou menos isso – admitiu Nate.

– Cara – continuou Anthony, gritando para ser ouvido por cima do estrondo ensurdecedor da música. – Soube que

a Blair voltou. O que é que tá rolando?

Nate franziu o cenho, depois passou o braço em Tawny, puxando-a para mais perto.

– Não sei – ele deu de ombros.

– Eu sou a Tawny – disse a garota, inclinando-se pelo colo de Nate e sorrindo na direção de Anthony.

– E aí? – Anthony assentiu, cumprimentando-a. –

Anthony.

– Vocês se conhecem da escola? – ela queria saber.

– É – respondeu Anthony. – Como vocês dois se conheceram?

Nate gesticulou para a garçonete. Precisava de outra bebida, imediatamente.

– O Nate simplesmente caiu aos meus pés um dia desses – respondeu Tawny, terminando o que restava do drinque. – Acho que tive sorte.

Anthony a examinou, depois gritou para Nate.

– Você é que tem sorte, seu cretino.

A garçonete se aproximou, parecendo exatamente Jessica Simpson no papel de Daisy em Os gatos.

– Outra rodada? – perguntou ela.

– Por favor – disse-lhe Nate. Se Anthony ia lhe fazer mais alguma pergunta, ele precisava ficar mais tonto.

– Acho que não te vi na cidade – continuou Anthony.

– Onde você estuda?

– Ah, eu não sou da cidade – explicou Tawny. – Moro em Hampton Bays.

– Legal – exclamou Anthony. – Acho que nunca conheci uma caipira antes.

Nate deu uma cotovelada forte em Anthony.

– Que foi? – perguntou Anthony. – É legal, sem ofensas, cara.

– O quê? – Tawny colocou a palma em concha na orelha tentando entender o que os

meninos falavam.–Está alto demais!

– Cara – continuou Anthony, distraído –, a Isabel vai dar uma festa amanhã. Eu soube que a Serena vai aparecer. Tem visto a Serena ultimamente?

Da última vez em que Nate viu Serena, ele estava beijando Jenny na festa de formatura de Blair. Foi só um beijo "pelos velhos tempos", mas ele tinha certeza absoluta de que ela e Blair se uniram para ficar putas com ele juntas.

E qual é a novidade disso?

Nate sacudiu a cabeça. Sentia-se completamente distante de todo o pessoal com quem fora criado.

– Peraí, Serena? – perguntou Tawny toda animada, inclinando-se no colo de Nate. Do ponto em que estava, Nate tinha uma vista desimpedida do decote da blusa de Tawny até o umbigo com um piercing, e podia ver tudo entre um e outro.

–Tipo assim, Serena com aquele sobrenome que parece estrangeiro?

Ela se inclinou mais para a frente, dando a Nate outro vislumbre da Terra Prometida. Será que ela está fazendo de propósito?, perguntou-se Nate.

Nate olhou para Anthony para se certificar de que ele não estava dando uma espiada também, mas ele se virara para falar com uma gata de cabelo escuro que Nate se lembrava vagamente de ser aluna da Grafton e um ano mais nova do que eles.

– Acho que sim – cedeu Nate, desfrutando da expressão de surpresa de Tawny. O sobrenome de Serena parecia estrangeiro? Ele nunca percebeu isso. Mas vamos esquecer Serena. Tawny estava claramente impressionada. Ele não sentia isso com frequência: as meninas o achavam bonito, descolado, popular ou qualquer coisa, mas ela olhava para ele com algo que ele nunca vira nos olhos de Blair ou de Serena. Ela parecia... pasma.

– A gente meio que costumava se ver –jactou-se Nate.

Era a verdade, mas não toda ela.

– Nate Archibald! – gritou Tawny, inclinando-se por cima da mesa mais uma vez, juntando os peitos de um jeito convidativo. –Você é um homem cheio de mistérios.

– Também conhece a Serena?–Anthony voltou à conversa, claramente tentando dar uma espiada por dentro da blusa de Tawny. –Vai ter uma espécie de festa quando acabarem as filmagens daquele filme daqui a alguns dias. Você precisa ir! – Gritou ele por sobre o estrondo da música.

– Quer dizer Breakfast aí Fred's? – Parecia que os olhos de Tawny iam saltar da cabeça. – Eu sou, tipo assim, fã número um de Thaddeus Smith. Eternamente!

A garçonete voltou com os drinques e Nate pegou a cerveja dele com ganância.

– Não sei não – ele sacudiu a cabeça. De repente sentia que estava andando num poço escuro e fundo. Seu pensamento estava meio nebuloso graças a um baseado pré-saída e as três cervejas, mas, mesmo neste estado, ele sabia que não era uma boa idéia aparecer de braços dados com Tawny na festa de encerramento de gravações de Serena.

Blair definitivamente estaria lá, e Nate não queria que ela pensasse que ele já havia partido pra outra.

Mas não é isso mesmo? E ela também não partiu?

Por favor – pediu Tawny. – Eu morro de vontade de conhecer Thaddeus Smith. Morro!

Cara – disse Anthony num tom de sacanagem –, não se pode dizer não a uma garota bonita.

Nate Archibald nunca conseguia dizer não. E ponto final.

### *b assume o controle*

O barulho da porta batida ecoou pelas paredes do apartamento de pouca mobília. Era difícil bater os pés de raiva depois de subir toda aquela escada – e de chinelos de borracha, ainda por cima –, mas Serena deu o máximo de si, pisando duro no chão de madeira, largando a bolsa enorme de couro branco Jil Sander sem pensar no iPod Nano e nos óculos Dolce & Gabbana de vidro dentro dela.

– Está em casa, coleguinha? – disse Blair de dentro de um dos quartos do apartamento que elas decidiram dividir.

Elas eram basicamente irmãs, de qualquer modo.

Elas certamente brigavam como se fossem.

– É – respondeu Serena. Ela pegou uma Corona na geladeira e se empoleirou no peitoril que dava para os fundos

da casa, os pés pendurados da janela acima da saída de incêndio.

– Como foi no trabalho? – Blair entrou na cozinha enrolada em uma enorme toalha Frette branca que pegou do closet bem abastecido da mãe. Ela pegou um maço de Merits na bolsa abandonada de Serena e usou o fogão a gás para acender um cigarro.

– O trabalho foi um trabalho—Serena encarava melancólica as grades da saída de incêndio no quintal abaixo. Ela suspirou. – Sinceramente, Blair, está meio que um porre.

– Como assim? – O dia de trabalho de Blair consistiu em levar amostras de tecido do alfaiate na rua 39 até a casa de Bailey Winter, onde ele desfrutava de um "chá" festivo e particular com uma princesa saudita.

Blair empurrou a janela ao lado da de Serena e se inclinou para fora. Exalou uma nuvem de fumaça no vento e olhou para Serena. A brisa soprava delicadamente em seu cabelo louro enquanto ela balançava os pés descalços e franzia a testa.

– Sei lá—Serena suspirou, bebendo a cerveja. Tinha sido um dos piores ensaios dela até hoje. Ela ouviu um dos integrantes da equipe chamá-la de Holly Lerdinha, e depois Ken gritou, "porra, porra, porra!" bem no meio da cena que ela fazia. – Foi um longo dia.

– Me conta tudo – insistiu Blair.

Serena hesitou. Elas nunca discutiram esse assunto, mas ela conhecia Blair o bastante para saber que ela não estava exatamente emocionada por Serena estrelar Breakfast at Fred's. Afinal, era o sonho da vida de Blair, e não de Serena; como Blair reagiria ao ouvir Serena se queixando disso?

– Estou com alguns problemas para resolver essa história de atuar – admitiu Serena timidamente.

Isso é atenuar os fatos.

– Pensei que podia fazer isso. Quer dizer, eu fiz antes, mas foi diferente, sem um monte de especialistas e gente andando pelo set, vendo você, e sem aquela câmera grande, imensa, te encarando como, como... como Darth Vader ou coisa assim.

– Me conta mais. – Blair se inclinou para fora da janela, exalando a fumaça na noite quente de verão. Ela adorava ajudar os outros com seus problemas.

Me parece mais que ela só queria saber que os outros tinham problemas.

– Não posso fazer isso – reclamou Serena. Ela olhou carrancuda para os chinelos Marc Jacobs. – Simplesmente não está batendo.

– Serena – murmurou Blair sonhadoramente –, sabe como você parece?

– Hein? – Serena olhou para ela. Blair estava curvada para fora da janela, ainda enrolada na toalha, segurando um cigarro, mas sem fumar, então a cinza tinha quase três centímetros. Ela parecia uma erudita maluca da Madison Avenue em um transe alcoólico.

– Você parece exatamente – disse Blair –, e quero dizer exatamente Holly Golightly. A saída de incêndio, os fios de cabelo, a luz... tudo perfeito. É quase de arrepiar.

– Obrigada – disse Serena. Foi uma das coisas mais legais que Blair disse a ela em muitos anos de amizade.

– Estou falando sério – proclamou Blair. – Sou especialista nisso. Eu sou do meio, tá legal? Entendo de moda. Entendo de aparência, entendo de glamour, e você tem tudo isso. Não me importa o que Ken Mogul possa dizer: você é Holly Golightly – continuou ela, decidida –, se é que posso meter meu bedelho nisso.

– Como assim? – perguntou Serena.

– Quem é a maior especialista em Holly Golightly no mundo? – perguntou Blair. Serena riu.

– Você, sem dúvida nenhuma.

– Bom, então você tem uma sorte do caramba por me conhecer, né? – assinalou Blair. Se ela não podia ser Holly Golightly, bom, então podia fazer Serena entrar no personagem. Isso seria satisfação suficiente. – Venha–ela apagou o cigarro e pegou a mão da amiga. – Temos um trabalho a fazer.

A primeira parada das duas era óbvia: a calçada da Tiffany.

Blair tinha vestido uma camisa bordada vagamente mexicana que comprara no verão anterior na Scoop e uma calça jeans e insistira que Serena também se vestisse. Quando o táxi encostou na frente da loja, Blair praticamente atirou Serena na rua.

– Agora–ladrou Blair. – Quero ver você andar–Blair ficou parada na frente das vitrines da loja e encarou a amiga. Com o trânsito zumbindo atrás dela e os prédios altos assomando no céu, Serena parecia muito pequena, muito vulnerável. Muito anti-Serena. Muito, muito anti-Holly.

Serena andou desajeitada para a loja, dando passinhos pequenos e engraçados como uma dama de honra em um casamento.

– Pára! – berrou Blair. Ela foi até o meio da calçada. –

O que foi isso?

– Como assim? – Serena mal podia ser ouvida com o rugido do trânsito e o tagarelar de todos os compradores e turistas que andavam por ali.

– Você não está se esforçando – entou Blair, incorporando uma treinadora durona mas amável de um filme de esporte inspirador que ela vira na HBO. – Mostre para mim, mostre! Eu sei que você pode andar de um jeito mais convincente.

– Eu me sinto tão idiota–admitiu Serena.–Todo mundo está olhando para mim e me sinto estranha e sem graça.

A Srta. Dançando-na-mesa-do-Bangalow-8, sem graça?

– Não pode fazer desse jeito – rebateu Blair. – Tem que se sentir confiante. Precisa se sentir descolada. Precisa se sentir como se o mundo todo estivesse à sua disposição, como se você fosse a manda-chuva, como se estivesse no comando de tudo.

E isso se chamava atuar?

– Mas eu não devia só andar? – perguntou Serena. Isso não era andar em uma passarela da moda, o que ela fez, é claro. – Estou me sentindo uma bobalhona.

– Finja que é a formatura de novo – sugeriu Blair, lembrando-se da disparada cansativa de último minuto que Serena deu pela nave central da igreja Brick, com exatamente o mesmo terninho Oscar de la Renta que Blair vestia.

– Vou tentar – Serena suspirou.

Blair voltou à sua posição na frente da Tiffany. Tinha muito trabalho a fazer, mas precisava admitir que era meio divertido bancar a chefe de Serena, para variar. Tudo em nome da amizade.

### *só outro domingo maluco no parque com v... e d*

Com Nils pegando-a pela mão esquerda e Edgar puxando-a pela direita – ou era Nils à direita e Edgar à esquerda? – Vanessa Abrams se lembrou de por que nunca foi uma boa idéia ter dois meninos disputando a atenção de uma garota. Como se ela já não tivesse aprendido essa lição.

– Vem, vem–reclamou um dos meninos. Quem ligava para quem era quem? As mãozinhas estavam pegajosas, as vozes de menininho eram uma lamúria e além disso eles também eram fortes. Tinham garras de aço e, uma vez que se recusavam a reduzir o passo, Vanessa estava meio andando e meio sendo arrastada pelos caminhos de asfalto sombreados do Central Park.

Lembrava-lhe das vezes em que ela e Aaron levavam para passear o boxer castanho e branco dele, Mookie, só que os gêmeos eram ainda mais ansiosos para sair do que o cachorro. Se tivessem rabo, estariam abanando como uns loucos.

– Meu Deus – murmurou Vanessa. – Devagar, por favor!

Dezoito dólares por hora, dezoito dólares por hora. Ela já ganhara 36 dólares no dia; não era uma fortuna, mas iria direto para os cofres do próximo projeto.

Que tal o próximo apartamento!

Vanessa cambaleou um pouco quando os meninos pararam diante de um carrinho encimado por um guarda-sol.

– Compra sanduíche de sorvete pra gente?

Ela duvidava muito de que a mãe deles, nem por um dia na vida, tivesse levado os meninos ao parque, que dirá comprar sorvete para eles. Vanessa não colocara os olhos nela desde a bizarra entrevista de emprego e a Sra. Morgan não parecia o tipo de mulher que tolerasse sorvete pingando nos terninhos Chanel boudé. Os Abrams sempre impuseram a ela e a Ruby uma rigorosa dieta sem açúcar quando elas eram crianças, preferindo Toffuti e frutas a sorvetes e doces, mas ela não ligava para o que aqueles dois comiam.

– Claro, sanduíche de sorvete, que seja, vocês escolhem – concordou ela, libertando-se das garras letais dos meninos e pegando uma nota de vinte amarrotada do bolso da calça.

– Três sanduíches de sorvete, por favor – disse ela ao vendedor, que tinha um bigode de guidom e usava uma camiseta de batik que devia ser de 1972.

Os meninos pulavam, pegando o sorvete. Abriram a embalagem famintos, depois correram para os confins do parquinho, gritando e rindo com a boca gosmenta e cheia de sorvete.

– Espera! – Gritou Vanessa atrás deles, sem muita vontade. Não tinha certeza se ligava se eles desaparecessem, se perdesse o emprego e fosse para a prisão. Será que só se passaram realmente três dias desde que começara a trabalhar como diretora de fotografia



em uma grande produção de Hollywood? Ou essa história toda era uma espécie de pesadelo horrendo?

Ela desabou em um banco debaixo de um carvalho alto e gracioso e olhou os gêmeos descascarem os presentes e atirarem o papel no chão. Epa. Depois eles começaram um pega-pega vertiginoso, correndo debaixo do escorrega, entre os balanços, evitando por pouco as colisões com bebês que cambaleavam e suas babás ameaçadoras.

– Fiquem aqui perto! – gritou Vanessa com a voz fraca.

Ela terminou o sorvete e se recostou no banco de madeira e concreto surpreendentemente confortável. Os carros zumbiam pela 97 através do parque, um som agradável e soporífero.

O sol estava forte, mas havia muita sombra, e por um breve segundo ela quase não se importou de estar ali para bancar a babá, e não como os outros adultos que curtiam o parque numa tarde agradável de domingo. Seus olhos se fecharam e por um momento ela se desligou.

Então ela ouviu um grito agudo familiar e seus olhos se arregalaram.

Quem poderia dizer que Vanessa tinha instinto maternal?

Havia uma comoção não muito longe dali e Vanessa reconheceu duas cabeças louras.

Ela se levantou e correu até onde um dos gêmeos estava esparramado na calçada, agarrando o joelho magricela e chorando. O irmão estava de pé ao lado dele, apontando um dedo furioso para um patinador prostrado na calçada.

– O que aconteceu? – perguntou Vanessa, tentando ter autoridade.

– Aquele grandalhão ali bateu no Edgar! – gritou Nils.

Uma ninfeta loura e sardenta do tipo líder de torcida, com um short rosa-choque e um top esportivo azul elétrico complicado, patinou atleticamente para a cena.

– O que aconteceu – rebateu ela – é que você não está tomando conta de seus filhos e estamos tentando fazer exercícios aqui!

– Eles não são os meus filhos – retorquiu Vanessa, ajoelhando-se para afagar a cabeça chorosa de Edgar. – E você não precisa ser grosseira.

– Vanessa, Vanessa, vamos pra casa – gemeu Nils, puxando o braço dela.

– Talvez não seja má idéia – comentou a Garota de lycra, ajoelhando-se para cuidar do companheiro caído. Ela parecia ter vindo de patins direto de um comercial da Coors Light.

– Ei – Vanessa não estava com humor para aturar palhaçada de uma perua desconhecida.

– Da próxima vez, olhe por onde anda.

– Vanessa? – Perguntou o Sr. Patinador-que-caiu-de-bunda, lutando para se sentar.

As pálpebras de Vanessa bateram em descrença. Ela estava vendo coisas?

Ali, esparramado no asfalto sob os carvalhos, no meio do Central Park, usando patins, um short esportivo idiota e uma camiseta de spandex branca justa, munhequeiras, joelheiras e cotoveleiras, com uma cara vermelha e o cabelo suado e desgrenhado, estava Dan. O Dan dela.

– Dan? – Ela arfou com tanto pavor e confusão na voz que Edgar parou de balbuciar e se levantou.

– Oi. – Dan deu um sorriso amarelo e tímido. A perua loura do top mínimo estendeu a mão e o ajudou a se levantar. Ele cambaleou desequilibrado nos patins. – E aí, Vanessa...

O que é que tá pegando?

– O que tá pegando é que ela não está prestando atenção nessas ferinhas correndo por

aqui – começou a louira, puxando o short tão para cima que corria um grave risco de aparecer tudo. – E eu estou tentando ficar muito zen com isso, mas...

– Quem é você? – perguntou Vanessa.

– Quem é você? – retorquiu a piranhuda.

– Eu sou a namorada dele – respondeu Vanessa.

A Bunda de lycra se retraiu um pouco.

– Peraí – insistiu Vanessa. – O que você está fazendo?

– ela examinou Dan criticamente. A roupa era tão completamente ridícula que ela mal conseguia olhar para ele. Ela se virou para a garota de novo. – Você deve ser o motivo para eu nunca mais ver o Dan em casa.

– Vocês moram juntos?

As palavras do poema de Dan inundaram a cabeça de Vanessa.

Amor puro. Puro desejo. Creia na fé. Buda não foi Jesus. Nem eu. Eu sou só um cara aí.

– E quem são essas crianças? – perguntou Dan em voz alta.

– Somos amigos dela – rebateu um dos gêmeos, embora Vanessa ainda não tivesse conseguido distinguir qual, mostrando a língua para Dan.

– Seus amigos? – Repetiu Dan.

– Tá legal – disse Vanessa. – Meio como essa aí é sua amiga, né, Dan?

Um sino de igreja tocou na Quinta Avenida. O som era tão puro e tão totalmente inadequado para aquele momento, que Vanessa teve vontade de gritar.

– Vanessa? – O outro gêmeo puxava a mão dela.–Não estou passando bem.

– Agora não – respondeu Vanessa asperamente.

– Estou confuso – gaguejou Dan. – Por que não está no set agora?

– Fui demitida. Como se você ligasse.

– Vamos parar por aqui antes de dizer alguma coisa de que vamos nos arrepender – interrompeu a Shortinhos. Pombos bicavam os restos grudentos dos sorvetes dos gêmeos. Se ao menos um deles bicasse a piranha louira na bunda.

– Vanessa? – gemeu o mesmo gêmeo. – Eu realmente não to... – Mas antes que conseguisse terminar a frase, ele vomitou o sorvete meio comido nos patins Nike verde ácido de Dan.

Isto sim é uma definição de carma ruim.

### *ele perdeu aquela dedicação amorosa*

As pernas de Nate estavam meio trêmulas, como ficavam quando o treinador o pegava vadiando no treino e o sentenciava a correr várias voltas no campo como castigo. Foi um longo dia carregando novas estacas da cerca da entrada de carros, onde formaram pilhas mais altas do que o próprio Nate em vários pontos em volta do jardim. Ele cambaleou para dentro de casa, os braços doendo e com um tremor nos joelhos.

Fraqueza nos joelhos – e nem era por causa de uma garota.

A caminho do quarto, Nate parou na cozinha reluzente em branco e aço e vasculhou a geladeira. Regina, a empregada/babá/chef dos pais dele, mantinha o lugar bem abastecido, mas Nate empurrou para o lado a terrina de patê caseiro e a salada de tomate-e-orzo para pegar uma garrafa de suco de laranja Lorina. Sempre foi o preferido dele quando era criança, mas por algum motivo eles só compravam aquele suco quando estavam em East Hampton, então Nate associava o sabor gelado e leve com os verões

despreocupados de sua infância, quando dava festas ultrajantes na piscina com todo mundo nu e acabava com a adega de vinho dos pais.

Bons tempos, aqueles, pensou ele consigo mesmo enquanto ia para o quarto. Não havia nada com que se preocupar a não ser se faria sol suficiente para passar a tarde na praia, ou se ele estava alto o bastante, ou se um dia ia conseguir transar com Blair.

Agora a vida era muito mais complicada. Apesar de estar no meio das férias de verão, Nate estava estressado com um monte de coisas: o que os amigos caipiras de Tawnie iam fazer com ele se esbarrasse neles sem Tawny, o que ele diria a Blair quando a visse em Yale, se o que Chuck Bass lhe dissera era verdade.

Segurando a garrafa aberta, Nate desabou gemendo na cama macia e desfeita. Fechou os olhos e tentou clarear a mente, mas havia uma pessoa em quem não conseguia parar de pensar.

Adivinha quem?

De repente ele queria não ter devolvido o suéter de cashmere verde-musgo que Blair lhe dera na primavera anterior, quando o pai dela os levou para esquiar em Sun Valley. Ia vesti-lo, fechar os olhos e se lembrar de épocas mais simples, quando ele e Blair estavam juntos e tudo parecia bem no mundo. Porque, a não ser por aquelas vezes em que ele a irritou falando besteira ou ficando chapado e estragando os planos dela, ficar com Blair – embora ela fosse difícil – fazia com que Nate se sentisse completo, como se tudo fosse exatamente do jeito que devia ser. Agora Blair ia se casar com aquele inglês. Será que era verdade? De repente, Nate precisava saber.

Ele se sentou, tomou um gole da garrafa gelada e pegou o telefone Bang & Olufsen na mesa-de-cabeceira. Hesitou por um segundo antes de discar aquele número tão familiar.

– É a Blair – ela atendeu depois de alguns toques. Ela parecia seca, profissional, como se não tivesse reconhecido o número.

– E aí – Nate se virou de bruços e mexeu nervoso no lençol.

– Nate? – Ela bocejou, já parecendo entediada. – Meu Deus, desculpe. Estou tão cansada.

– É, sou eu – respondeu ele timidamente. De repente não conseguia se lembrar de por que pensara ser uma boa idéia ligar para Blair.

– Estou trabalhando – explicou Blair. – A semana foi uma loucura.

– Que legal. – Blair tinha um emprego? Caraca, as coisas mudaram mesmo.

– É – concordou ela. – Bailey Winter tem mesmo arrancado meu couro.

Nate não fazia idéia do que ela estava falando, mas decidiu que devia tentar ser solidário.

– Isso é péssimo.

– É só a vida no mundo da moda. Onde você está, aliás?

– Em East Hampton. Na casa dos meus pais. Estou trabalhando para meu treinador aqui, ajudando com a casa dele.

– Eu queria poder dar o fora – respondeu Blair sonhadoramente. – Só por um minuto.

Mas você sabe como é...

– Sei – concordou Nate. – Se está trabalhando, é assim que tem que ser.

– Já falei que estou fazendo o figurino daquele filmenovo... Breakfast at Fred's?

– Legal – entendeu Nate. Por que ela não falava nada do noivado? – E aí, então você voltou de Londres.

– Ah, sim. – Blair deu um suspiro fundo. – Tive que voltar a Nova York. Decidi que esta é a melhor maneira de aprimorar meu currículo antes de começar em Yale, sabe como é, ter uma experiência profissional de verdade na manga.

– Parece um bom plano – concordou Nate, de repente querendo ter apertado um baseado antes de fazer a ligação. – Especialmente agora que você, tipo assim, está fazendo planos para o futuro.

– E você não está? – perguntou Blair. – Precisa pensar no que vem por aí, você sabe disso, né, Nate?

– É – concordou Nate, embora raras vezes pensasse num futuro que fosse além da hora de comprar um burrito ou uma pizza para o jantar. – Mas aí, acho que só liguei pra te dar os parabéns, essas coisas.

– Ah, não é nada. Só um empreguinho de verão com um dos melhores estilistas da América.

– Eu estava falando do noivado. Eu soube de tudo.

– Noivado? – ecoou Blair. – Quem te falou nisso?

– O Chuck me contou – admitiu Nate, puxando um travesseiro por cima da cabeça.

– O Chuck te disse que eu fiquei noiva? – ladrou Blair. – Pra variar, ele entendeu tudo errado.

– Como assim? – Nate puxou o travesseiro e se sentou.

– Bom, eu voltei – assinalou Blair. – Simplesmente não estava dando certo em Londres. Eu não podia me casar com ele. Preciso pensar no meu futuro.

Como se alguém realmente tivesse feito o pedido. Até parece.

– Então você não vai se casar? Eu devia dar uns socos no Chuck para ver se ele começa a agir como homem.

Boa sorte nessa.

– Ele é um idiota – declarou Blair. – Quem liga para o que ele pensa? Por que dá ouvidos a ele?

Nate deu de ombros, embora Blair não pudesse vê-lo pelo telefone.

– Sei lá, eu não estava sabendo nada de você. Mas fico feliz que tenha voltado. Sei que sempre foi seu sonho ser a Katherine Hepburn, mas é legal que pelo menos você esteja perto da ação.

– É Audrey Hepburn – Blair o corrigiu. – E eu não estou perto da ação. Faço parte da ação. Em um grande filme como esse, o figurino é fundamental.

– Lembra daquela vez em que vimos o filme e você ficou parando a toda hora e me fazendo ensaiar as falas com você? – Relembrou Nate tristonho. Foi um dia de nevasca e as aulas tinham sido suspensas, então eles passaram a tarde aninhados na cama de Blair, vendo Bonequinha de luxo, só que Blair ficava parando para recitar as falas e tentando convencer Nate a acompanhá-la. Ele tentou, porque era mais fácil mantê-la feliz. Agora ele estava nos Hamptons, Blair em Nova York e o relacionamento acabara... até o quarto se fora, transformado no luxuoso quarto em tom pastel da irmãzinha de Blair.

– Decidi que, como meta de carreira de longo prazo, trabalhar na moda, nos bastidores, faz muito mais sentido – explicou Blair.

– É – concordou Nate. – De qualquer forma, é a Serena que realmente tem jeito de estrela de cinema.

Ai.

Blair parou por um momento.

– Eu preciso mesmo ir, Nate. Tenho que levar umas amostras até o set.

– Tá legal – Nate ficou decepcionado. – Parece importante.

– É importante. Divirta-se na praia. – Blair desligou.

Nate apertou End e largou o fone no chão, depois se virou e encarou o teto. Divirta-se? De repente, os Hamptons não pareciam nada divertidos. Todo o verão diante dele e Nate se sentia solitário e isolado. Estava com saudade da cidade, dos amigos, estava com saudade de Blair.

E nenhuma gatinha da ilha podia fazer com que ele esquecesse isso.

### *v encontra uma figura paterna*

Batendo a pesada porta depois de entrar, Vanessa irrompeu hall adentro do lar dos Humphrey, largando a mochila militar surrada no chão de taco rachado e desarrumando uma pilha de jornais velhos ao fazer isso.

– Droga! – Ela se ajoelhou e reempilhou os jornais da forma mais organizada que pôde, mas o apartamento estava sempre em tal desordem que dificilmente isso faria diferença.

– Que foi isso? – gritou uma voz de trovão. – Quem está aí?

Vanessa se levantou e olhou em volta, sentindo-se culpada. Estava tão exausta da tarde com os gêmeos incansáveis, tão humilhada e irritada do encontro com Dan e a putinha patinadora de bunda dura dele, tão furiosa por ter sido demitida pelo psicótico do Ken Mogul, que tinha se esquecido de que não estava na própria casa: ela não podia pisar duro, nem bater portas. Tecnicamente, era uma hóspede.

– Que confusão é essa? – Rufus Humphrey se arrastou pelo hall mal iluminado, segurando um maço de papéis soltos no peito de barril. O grosso emaranhado de cabelos grisalhos e crespos na altura do ombro estava preso por um elástico verde, havia cascas de amendoim na barba grisalha e os óculos tinham escorregado pelo nariz vermelho e largo. Ele vestia short cargo bege surrado com várias canetas e marcadores luminosos enfiados num dos bolsos, uma camisa pólo azul meio apertada demais que Vanessa reconheceu como uma das camisas descartadas da escola de Dan e um avental de plástico rosa decorado com margaridas.

– Desculpe – disse Vanessa. – Não quis incomodá-lo.

– Que dia é hoje? – perguntou Rufus, fitando-a intensamente sem nenhum sinal de reconhecê-la.

Ela se perguntou se devia lembrar a ele quem ela era.

– Domingo.

– Domingo, sim, domingo – assentiu Rufus, tirando os óculos de leitura e colocando-os em um dos muitos bolsos. – Então, chegou em casa tarde ou cedo? Preciso dar uma bronca em você ou coisa assim?

Vanessa riu, aliviada por Rufus saber exatamente quem ela era.

– Não se preocupe. Posso lhe garantir que estou me comportando.

– Então, venha – instou ele, virando-se e retirando-se para a cozinha vaporosa e desordenada. – Andei trabalhando no jantar e preciso de um paladar fresco para provar o que preparei.

Como se ela já não tivesse passado por um dia bem difícil.

Vanessa se sentou em uma das cadeiras capengas e instáveis à mesa da cozinha, bebendo um copo de água da torneira e vendo Rufus Humphrey se ocupar do fogão. O que quer que estivesse cozinhando cheirava muito bem e fez com que seu estômago roncasse alto. A única coisa que comera o dia todo foi o sanduíche de sorvete que devorou às pressas; depois de toda a cena no parque, ela simplesmente não teve apetite para almoçar.

– Prove isso – ordenou Rufus, passando uma colher de pau a Vanessa. Ela soprou no montinho fumegante de cuscuz e provou.

– Está muito bom.

– E um tagine – informou Rufus. – A receita de Paul Bowles. Eu me esqueci totalmente que tinha. Onde está o Dan? Ele adora Paul Bowles. Ele não vai sacar essa, tenho certeza. Substituí o açafraão por vermute!

– Dan? Não sei bem – admitiu Vanessa. Ela mexeu pouco à vontade no jogo americano de linho branco, bordado com pequenas flores lavanda. Parecia tão deslocado naquela cozinha mofada e bagunçada.

– Problemas no paraíso? – perguntou Rufus, mexendo vigorosamente a panela que borbulhava.

Vanessa hesitou. Estava realmente com humor para desabafar. Ela não falava com Rufus desde que saíra apressada do apartamento, não falava com os pais há séculos. Nem se importava que Rufus fosse o pai de Dan, só precisava falar com alguém.

– Paraíso–ela bufou. –Acho que não estamos mais nele.

– O que quer dizer? – Rufus folheou o livro de receitas, assentindo judiciosamente. – Merda! Duas colheres de chá. Bom... Seis colheres de chá não vão matar ninguém.

– Quero dizer–explicou Vanessa, um bolo se formando na garganta. – Acho que terminamos.

– O que aconteceu? – perguntou Rufus enquanto vasculhava por uma gaveta, batendo os utensílios.

– Não sei – mentiu Vanessa, de repente constrangida.

Será que ele realmente precisava saber dos detalhes sórdidos?

– Ah, vocês, crianças – ele sacudiu a cabeça. – O amor juvenil. Ou afalta de amor juvenil.

Tentando não perder o controle, Vanessa continuou.

– O caso é que ele nem sabe o que está acontecendo na minha vida. Quer dizer, eu perdi meu emprego hoje. Fui demitida por Ken Mogul –Vanessa suspirou, todo o corpo tremendo. Ouvir as palavras em voz alta, mesmo saindo de sua própria boca, tornava a realidade ainda mais difícil.

– Demitida? – Repetiu Rufus, acrescentando o que parecia mel em excesso à panela de cuscuz. – Não se preocupe com isso. Acredite, uma vez fui demitido de um emprego. Eu era porteiro do Brattle Theater, quando era estudante–ele riu. – Fui demitido por ter gritado obscenidades durante uma peça sobre a Rússia comunista, mas esta é uma longa história.

– Bom, eu agradeço de verdade que tenha me deixado ficar aqui. Tenho certeza de que vou encontrar outro lugar logo – murmurou Vanessa, infeliz. – Posso ligar para a Ruby e talvez ela me deixe ficar no sofá. Ou talvez eu possa pedir ajuda a Blair Waldorf. Quer dizer, eu a ajudei quando ela não tinha para onde ir.

A Srta. Dorme-em-uma-cama-nova-a-cada-semana? Não conte com isso, maninha.

– Segura a linha aí, cara! – exclamou Rufus com uma de suas clássicas explosões absurdas. –Até onde eu sei, este é meu apartamento, e não de Dan. Jenny está na Europa e depois vai para aquele internato horrível. Dan vai para Ever-green, infelizmente, e eu vou ficar aqui falando comigo mesmo e cozinhando para um. Acho que não, camarada. Vanessa nunca fora chamada de "camarada" antes, pelo menos não pelo pai de ninguém. Ela meio que gostou.

– Não sei não – protestou ela. Enfim alguém estava sendo legal com ela, e ela não fazia idéia de como lidar com isso. – Não tenho certeza se tenho o direito de tirar proveito de sua hospitalidade desse jeito.

– Se é assim mesmo que você se sente – Rufus recolocou a tampa na panela de ferro com um baque. – Podemos pensar em alguma coisa. Você vai para a NYU no outono, não é? Não temos muita renda aqui e você estará estudando de mais para trabalhar. Talvez possa alugar o quarto de Jenny por uma pequena taxa. Desde que prometa me deixar cozinhar para você.

Vanessa esfregou a cabeça com uma leve camada de cabelos e pestanejou para um Rufus de cabelo desgrenhado.

– Ah! Pimenta em pó! – gritou ele, antes de colocar várias colheres.

É claro que ele era meio esquisito, mas foi realmente gentil e ela tinha certeza de que o aluguel seria mais do que razoável. Ela podia ficar o tempo todo na rua até que Dan fosse para Evergreen. E talvez fosse mesmo divertido dividir uma casa com Rufus. Ele ia ser o pai amalucado que ela nunca teve. Na verdade, ela tinha um, mas não ia doer ter dois.

– Obrigada, Sr. Humphrey. – Vanessa enxugou os olhos com as costas das mãos. – Vou adorar.

– Ótimo. Agora pegue umas tigelas e algumas taças de vinho. O jantar está pronto.

É melhor aproveitar a viagem e pegar o antiácido.

### *nasce uma estrela – tomada dois*

Serena se demorou no trailer o maior tempo possível, estudando o roteiro pela milionésima vez, tentando atenuar a horrível tremedeira da manhã de segunda. Ela bebia o segundo latte da manhã e pensava nos ensaios de fim de semana com Blair.

– Feche os olhos – ordenou Kristina, sua maquiadora alemã magérrima. Kristina usava um delineador insanamente preto e Serena tinha um pouco de medo dela. Ela sentiu a carícia suave de um pincel nos olhos fechados.

– Tudo bem, abra – disse Kristina. – Está pronto.

Serena abriu os olhos e suspirou. Pelo menos não tinha nenhuma fala nesta grande cena, só letra de música: esta manhã eles iam rodar uma referência direta à cena do filme original em que Audrey Hepburn canta "Moon River" na saída de incêndio. Ken Mogul decidira recriar inteiramente a cena, então o trailer de Serena estava estacionado na frente do prédio dilapidado do East Village, lar de seu personagem no filme. Serena tomou a última gota do latte da Starbucks e pensou no que Blair lhe dissera na véspera. Ela quase podia ouvir a voz da amiga em sua cabeça.

Mas esse é um pensamento apavorante. "Não tem que atuar. Você já é ela. Esse vestido é seu vestido. Essa voz é a sua voz. Tome posse dela."

– Acho que estão esperando por você – lembrou-lhe Kristina.

Olhando-se pela última vez na penteadeira cheia de lâmpadas, Serena engoliu em seco. Estava pronta como sempre, mas ia precisar de um milagre para conseguir fazer a cena. Um milagre chamado Blair Waldorf.

Ela saiu do trailer cromado e reluzente Airstream e pisou na calçada. St. Marks Place parecia ainda mais claustrofóbico do que de costume: estava tomado pelo exército da equipe de filmagem e uma floresta de luzes incrivelmente quentes. Ken Mogul estava afundado em sua habitual cadeira de diretor, fumando um cigarro, uma vez que iam rodar

ao ar livre e não nos ambientes imaculados da Barneys, e mexia no celular BlackBerry novo.

Blair esperava entre os dois trailers com sua fiel sombra-assistente Jasmine. A menina mais nova tinha uma bolsa verde estampada com o logo ornamentado do estilista Bailey Winter atirada sobre o ombro, pronta para proteger o vestido de Serena dos elementos da natureza quando a cena acabasse.

Deve ser legal ter uma xerpa.

– Serena no set! – gritou o segundo assistente de direção e o exército de Ken começou a disparar como formigas.

Assim que percebeu a protagonista, Ken Mogul saltou da cadeira, quase se chocando com um estagiário de óculos. Atrás do diretor, Serena podia ver o perfil cinzelado de Thaddeus Smith, encostado em seu próprio trailer—um Airstream igual ao dela, só que pintado de azul-bebê – batendo papo no celular pequeno e preto.

– Holly, meu amor – piou Ken, enfiando o BlackBerry no bolso de trás da calça de smoking estranhamente inadequada. – Você está deslumbrante. O figurino é absolutamente impecável.

Serena usava o vestido de veludo azul-escuro Bailey Winter e as mais lindas sandálias prateadas de tiras. É claro que as pernas eram longas e perfeitas, embora ela sequer fizesse exercícios.

Exercícios? Que coisa mais gaúche.

– Obrigada—respondeu Serena, tremendo. Estava louca para acabar com tudo aquilo.

– Muito bem – ladrou Ken. – Coloquem alguma luz aqui! Isso é pra valer, gente!

Serena andou até sua marca no set, como praticara no dia anterior.

– Coloquem luz aqui! – gritou o assistente de direção.

A luz mudou: o resto do ambiente ficou mais escuro, mas o spot em Serena era intensamente brilhante. Ela nem piscava. Olhou para a luz e não conseguia ver nada a não ser a luz, e não conseguia pensar em nada a não ser ficar parada ali na luz. Ela era Serena. Ela era Holly. Ela não sabia mais quem era. Ela só era.

Tome posse dela, lembrou-se Serena.

– Quando estiver pronta, Holly – gritou Ken de algum lugar nas trevas.

Ela estava pronta.

Respirando fundo, ela andou até o primeiro degrau da escada do prédio. Não hesitou, não contou os passos, não tropeçou nem correu. Subindo na escada, ela se virou para olhar as câmeras, inalando profundamente.

– Que linda noite – suspirou ela. – Sempre está uma linda noite.

Ela subiu no último degrau e se sentou. Podia ver Ken Mogul observando-a atentamente em meio a baforadas no cigarro. Podia ver Blair, completamente imóvel e semicerrando os olhos criticamente. Ela parou e depois, com um pequeno tremor na voz, começou a cantar.

Moon River, wider than a mile...

PU be crosslng you in styk, someday.

Dream maker, you heartbreaker...

Ela cantou todos os versos da música, sem acompanhamento. O set estava num silêncio completo e a luz era tão forte que ela se esqueceu por um momento de quem realmente era, de onde realmente estava: naquele momento, ela era Holly e estava cantando com emoção.



Serena terminou a música e uma lágrima pequenininha rolou por seu rosto. Ela encarou a luz, piscando e meio sorrindo. Sempre foi o centro das atenções; na verdade, estava tão acostumada com isso que nem percebia mais. Mas esta era a primeira vez que se sentia uma estrela.

Houve um longo e completo momento de silêncio. Ninguém se mexia. Ninguém falava. – Holly – sussurrou Ken, mas todos podiam ouvi-lo, pois o silêncio era sepulcral. – Isso foi incrível. Onde é que você guardou essa porra, meu bem? – Ele saltou da cadeira e disparou pelo set para pegá-la nos braços. Parte da equipe na verdade começou a aplaudir. Até Blair.

– Senhoras e senhores! – Gritou Ken Mogul, segurando Serena contra o peito e girando-a em círculo. – Nasce uma estrela!

Ken tinha cheiro de chucrute e café expresso. Provocou lágrimas nos olhos dela. Mas estava tudo bem – ela já estava chorando.

## **Gossipgirl.net**

---

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

*Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

### **oi, gente!**

Mas por acaso eu estava passando pela Barneys outro dia (tá legal, admito: eu estava de tocaia) e adivinha só? Estava aberta. É verdade: funcionando, devolta à normalidade, sem nem um segundo de atraso. Vi uma linda calça Margiela com cordão na cintura que vai ficar ótima à beira da piscina e subi até o Fred's, que foi restaurado a sua glória de sempre. Acho que é verdade o que ouvi dizer: aquela filmagem acabou. Adivinha como nossa protagonista preferida se saiu? Os relatos do set dizem que (surpresa, surpresa) ela passou por tudo muito bem (essa é a nossa garota), fez cada tomada com tal precisão que nem o diretor notoriamente amargo conseguiu deixar de sorrir e declarar seu amor por ela. Pegue uma senha, colega. A novidade ainda melhor é que, como qualquer ator de Hollywood lhe dirá, o final da filmagem significa uma coisa: uma festa de encerramento. Soube que esta será um completo acontecimento à moda antiga, então cruze os dedos e pergunte toda hora a seu porteiro se o convite chegou. O meu, é claro, chegou dias atrás.

### **comunicado de utilidade pública**

Interrompemos nossa programação para dar uma informação muito importante: a ABC Carpet & Home, o único lugar em Manhattan onde você vai encontrar tapetes artesanais do Irã e aquelas velas Diptyque de-cheiro-tão-delicioso-que-dá-vontade-de-comer, agora está oferecendo um serviço especial a seus dedicados clientes. Pare e pergunte por Sisi: ela vai ajudar você a escolher um glorioso colchão de penas (porque aqueles colchões de universidade são finos como papel), um kilim turco encantador (é melhor cobrir as medonhas paredes de tijolinhos cinza), um abajur lindo (escolha um dos exclusivos para contra-atacar as — tremei — lâmpadas fluorescentes do alojamento) e todas as miudezas

que fazem uma casa (até um quarto de alojamento de adolescente) se transformar num lar. Sabe como é, nunca é cedo demais para começar a se preparar para o outono!

### **Seu e-mail**

**P:** Cara GG,

Eu estava fazendo um piquenique perto do Hudson no último fim de semana e juro que vi um certo gato de Hollywood patinando sem camisa ao longo do rio. Eu reconheceria aquele queixo cinzelado e aquela barriga ainda mais cinzelada em qualquer lugar. Seria mesmo ele? Porque olha só: ele estava usando um daqueles shorts de spandex pequeninhos que mostravam a bundinha dura dele e por baixo dos patins eu tive certeza de ver visto parte de umas meias de arco-íris. O que é que tá pegando? Por favor, não diga o que estou pensando que vai dizer.

— ThadRulz

**R:** Cara ThadRulz,

Desde quando a patinação ficou tão popular de novo? Essa realmente me pegou. Mas aí, só o que posso dizer é isso: os hetero também podem patinar. Na verdade, posso pensar em um (definitivamente hetero) que recentemente descobriu seu amor pelo esporte. Se estiver procurando por provas de que T prefere a companhia de cavalheiros, dizem que ele tem um caso com todo mundo, da esposa consideravelmente mais nova de um certo diretor ao próprio diretor. Não acredite em tudo o que lê... A não ser que tenha lido aqui!

— GG

**P:** Prezada GG,

Estou numa barra pesada. Tenho uma vizinha totalmente linda e fiquei realmente a fim de chegar junto dela. Tudo bem, né? Bom, depois a colega de apartamento igualmente linda dela se mudou para cá, e eu acho que também fiquei a fim de chegar nessa amiga dela. O que você acha? Devo tentar trocar pela colega, ou é melhor namorar alguém de fora de meu código postal?

— Indecisão

**R:** Caro Indecisão,

Você é um sujeito corajoso. Mas cuide para que o caso de amor dure tanto quanto o aluguel — caso contrário, você vai passar por momentos desagradáveis na escada! E olha aqui, não há nada mais divertido do que um trio!

— GG

### **Flagras**

N parecendo avoado numa praia na Main Street em East Hampton. Adivinha o que o deixou deprê? D e uma garota indefinida no Jamba Juice em Columbus Circle, "reabastecendo os fluidos" depois de malhar pesado. Ei, crianças, vocês sabem que existem, tipo assim, quatro hotéis aí perto, não sabem? B arrastando umas bolsas abarrotadas de roupas para a casa da mãe na Quinta Avenida. Será que ela comprou o bastante para este verão? T comprando flores no Chelsea Market — só uma lembrancinha

para a protagonista preferida? V carregando suas obras reunidas para a mansão da Quinta Avenida onde trabalha agora. Parece que a nova chefe dela é fã de cinema, ou talvez ela só esteja tentando ser demitida de novo, mostrando a seus pupilos algumas coisas bem desvirtuadas.

Tá legal, chega de flagras. Não tenho tempo para isso: estou indo para aquela boutique vintage maravilhosa na Elizabeth Street. Em geral não gosto de roupas velhas —elas cheiram a gente morta — mas pensei que seria divertido usar uma roupa da velha Hollywood para a festa da velha Hollywood. Epa, eu já falei demais!

Pra você que me ama,  
gossip girl

### *um verdadeiro final hollywoodiano*

O bar do terraço do Oceana Hotel parecia um hospício. Ficava apinhado a cada noite de verão, mas basta colocar algumas estrelas de cinema na mistura (tá legal, um astro de cinema e uma futura estrela de cinema) e vira um caos. O bar e a piscina do terraço a céu aberto eram mais um lugar para ver e ser visto do que um lugar para falar e ser ouvido, então Serena ficou meio decepcionada quando Thaddeus sugeriu ir lá. Agora que a pressão das filmagens saíra de seus ombros, Serena queria realmente conversar com ele, conhecê-lo como pessoa, e não como colega de filme. Ela ouvira um boato de que ele ia sair da cidade depois da festa de encerramento, que aconteceria no dia seguinte, então isso não deixava muito tempo para os dois juntos — e ela esperava que alguma coisa finalmente pudesse acontecer entre os dois, longe das câmeras.

Ao que parece, esse foi o único boato que ela ouviu dele.

— O que vai beber? — gritou Thaddeus quando a garçonete se aproximou para pegar os pedidos. Eles estavam sentados no que devia ser a área VIP, mas não havia nada que a distinguisse do resto do terraço estreito, a não ser pelo fato de que eles tinham a melhor e mais desimpedida vista do Hudson. Pelo menos eles escolheram a noite certa para beber junto ao rio. Havia fogos de artifício em toda parte, em comemoração de alguma coisa. Orgulho Gay, quem sabe? Ou talvez houvesse uma maratona hoje. Serena nunca conseguia se lembrar direito dessas coisas.

— Caipirinha — ela praticamente gritou na orelha dele.

Thaddeus repetiu isso à garçonete atônita, que correu para pegar os drinques que provavelmente sairiam por conta da casa. Thaddeus nunca precisou pagar por nada, mas Serena nunca teve que pagar realmente por coisa nenhuma também: o famoso estilista Les Best lhe dera uma tonelada de roupas quando ela fez o anúncio de seu perfume e os homens sempre lhe pagavam drinques ou o jantar, aonde quer que ela fosse.

Imagino que o estrelato estava escrito nas estrelas da moça.

Thaddeus tamborilava preguiçosamente na superfície da mesa no ritmo da música das Scissor Sisters que berrava dos alto-falantes bem escondidos. Ele olhou o Hudson e sorriu.

— A noite está ótima — observou ele.

— Está mesmo — concordou Serena. Ela estava espremida entre Thaddeus e o parapeito

de proteção que serpenteava em volta do terraço. —Estou tão feliz por termos saído e não precisar me preocupar em decorar nossas falas ou com o que Ken vai gritar com a gente amanhã.

— Nem me fale, porra — Thaddeus acendeu um cigarro, deu uma tragada rápida e passou-o para Serena.

Serena inalou a ponta levemente molhada — ela já beijara Thaddeus de frente para a câmera, então um pouco da saliva dele não a incomodava — enquanto a garçonete baixava os drinques. Thaddeus deslizou o coquetel dela pela mesa.

— Um brinde—sugeri eu, erguendo o cosmo rosa no ar.

Cosmo rosa?

— Sem dúvida — Serena bateu o copo no dele. —A um filme incrível.

— A uma colega de trabalho incrível—corrigiu Thaddeus, erguendo a sobrancelha. — E a uma estréia incrível.

Ele passou o braço pelas costas do banco e puxou Serena para mais perto, pousando a mão no ombro esquerdo dela.

— Os fogos de artifício vão rolar logo, não é? — Ele indicou o rio, com um movimento de cabeça. Um dos fogos menores já explodira.

O DJ começou a tocar uma música melosa, alguma coisa dos Raves.

— Eu conheço essa música! — gritou Serena. Parecia familiar, mas ela não conseguia situar de onde.

— É dos Raves — explicou Thaddeus. — Sou amigo do baterista deles — ele estendeu a mão e pegou o cigarro aceso de Serena, inalando furtivamente.

— É mesmo? Conheço a menina que está cantando. O nome dela é Jenny. Fomos colegas de escola. Peraí, acho que ela pode ter namorado seu amigo, o baterista, qual é o nome dele mesmo?

— Não — Thaddeus riu. — Não acho que ela faça o tipo dele.

Hein? E que tipo é esse?

Serena não tinha certeza do que isso devia significar, mas não estava aqui para discutir a vida amorosa de Jenny Humphrey. Ela bebeu o drink açucarado e bateu as pestanas para a multidão de garotas reunidas atrás da corda de veludo que limitava a área VIP. As meninas, todas dando berros escandalosos e usando delineador demais, riam e tiravam fotos dela e de Thaddeus com os celulares.

Provavelmente elas vão mandar por e-mail para algum site de fofoca, pensou Serena com irritação.

Ah, não seja assim tão bobinha.

Uma rodada maciça de fogos de artifício irrompeu com uma explosão violenta e Serena deu um gritinho assustado, enterrando-se no abraço quente e musculoso de Thaddeus Smith.

— Não se preocupe — ele riu. — É só barulho.

— Acho que nossa capa está pronta — disse Serena a ele, gesticulando com os olhos para o grupo de meninas.

— Nunca vou me acostumar com isso.—Thaddeus franziu o cenho. — Quer dizer, sem dúvida uma foto de celular borrada da gente vai terminar nos jornais.

— É, é esquisito — sussurrou Serena, roçando por acidente a orelha de Thaddeus com a ponta do nariz.

— Me faz um favor? — perguntou Thaddeus.

Antes que Serena pudesse abrir a boca para responder, ele se inclinou e a beijou delicadamente na boca. O timing foi perfeito: acima do Hudson, uma explosão enorme de fogos começou com um estouro, suas luzes cintilando e depois desaparecendo em um instante. Foi totalmente brega, mas totalmente romântico: um momento cem por cento hollywoodiano.

Tipo assim, caracaaaaa.

### *os problemas de n com mulher*

— Cara! Nate! — Anthony Avuldsen inclinou-se para fora da janela de sua BMW M3 preto, tocando a buzina.

Nate estava trancando a bicicleta em uma placa de PROPRIEDADE PARTICULAR, NÃO ULTRAPASSE na beira do estacionamento de terra da Main Beach. Ele devia se encontrar com Tawny, mas o aparecimento de Anthony foi uma surpresa bem-vinda. Depois de conversar com Blair ao telefone... Ele simplesmente não conseguia deixar de sentir que estava com a garota errada. Além disso, estava uns vinte minutos adiantado. Havia uma primeira vez para tudo.

— E aí — gritou Nate, andando até o lado do motorista.

— O que é que tá rolando?

— Pouca coisa — Anthony riu. — Eu só estava voltando da praia, mas por que não entra e vamos dar um giro? — Ele abriu o cinzeiro do carro e pegou um baseado recém-enrolado, acenando-o no ar. — Só uma voltinha, entendeu?

Era exatamente o convite de que Nate precisava. Ele contornou o carro e pulou no banco do carona, acomodando-se no assento de couro creme macio.

Anthony abaixou o som e apertou um botão para que a janela de Nate se abrisse rapidamente. Ele deu a volta no estacionamento e entrou na rua.

— Pode começar aí — instou ele,

Nate pegou o baseado, tirou o Bic enferrujado da meia e acendeu.

— Foi legal a outra noite na casa da Isabel. — Anthony estendeu a mão para pegar o baseado de Nate. — Que pena que não pôde ir.

Nate exalou uma longa nuvem de fumaça pela janela. Ele analisou seu reflexo no pára-brisa: não teve tempo de se barbear pela manhã e parecia meio espigado. A camiseta estava suja e o desodorante tinha vencido há horas. Os jeans estavam manchados de grama e de terra. Ele exibia um bronzeado incrível, mas ainda parecia meio doente, provavelmente porque não tinha dormido muito, e seus olhos estavam meio injetados. Será que a falta de sono é mesmo a culpada por aqui?

Ele se virou para pegar o baseado com Anthony e examinou o amigo mais de perto:

Anthony vestia short Vilebrequin com uma estampa maluca, um chinelo velho e surrado e óculos de sol. Tinha um bronzeado que rivalizava com o de Nate, mas nenhuma bolsa debaixo dos olhos claros como cristal e parecia com um milhão de outros caras dos Hamptons: um sujeito de férias, indo de carro para casa depois da praia, fumando unzinho. Nate exalou, infeliz. A maconha era ótima, mas não mudava o fato de que ele estava cansado, parecia um mendigo, estava... com inveja. Por que Anthony podia se refrescar na praia o dia todo enquanto ele tinha que trabalhar feito um cão?

Talvez porque Anthony não tenha roubado drogas que melhoram o desempenho sexual do treinador de lacrosse?

Nate tamborilou no pára-brisa no ritmo do disco antigo de Dylan no som do carro e devaneou por um momento, imaginando o verão ideal: ele estaria na praia, é claro, surfando em Moutauk ou só deitado na areia, zanzando com o conversível Aston Martin do pai, fumando com Anthony e os outros amigos do time de lacrosse, ficando na cama com Blair até o início da tarde. Ou talvez ele levasse Blair para velejar por algumas semanas pela costa do Maine. Ensiná-la a pescar. Comer lagosta. Transar muito. Dormir. Transar mais. Ir à piscina. Transar de novo.

— Cara, você está aí? — perguntou Anthony.

— Desculpe — murmurou Nate, voltando à realidade.

— Legal — Anthony parou em um sinal vermelho. Três meninas passaram de biquíni e shorts de surfe. Só deviam ter uns 13 anos, mas ainda assim eram bonitas. — E aí, qual é o papo com aquela garota, a Tawny, cara? Ela é gostosa.

— É — respondeu Nate, devolvendo o baseado. — Ela é legal. Mas sei lá. Talvez eu esteja sem saco pras garotas agora ou coisa assim.

Anthony deu uma gargalhada, sufocando um pouco com o baseado.

— Tá legal, sei. Já ouvi isso antes.

— Que merda, cara — esclareceu Nate. — Ela não é a Blair, sabe o que quero dizer?

— Bom, só existe uma Blair — respondeu Anthony com o jeito arrastado de chapado, apagando o baseado no cinzeiro embutido do carro. Ele passou a mão no cabelo alourado de praia. — E aí, vocês dois vão voltar?

Nate sacudiu a cabeça miseravelmente. Estava preso a uma vida de servo contratado. Blair estava ocupada sendo uma perita em moda. Ele foi tão idiota, sempre estragando tudo com ela, sempre levando-a tão pouco a sério ou se agarrando erroneamente com a melhor amiga dela ou o que fosse, que ele ficou meio cego para a realidade de que, sem Blair, sua vida não era nada.

Parece que Blair não é a única drama queen.

### *de volta a cena do crime*

Serena subiu em silêncio os degraus de metal rangente de seu trailer—ou com o maior silêncio possível com os saltos Michael Kors cor de prata metalizados. Ela não devia estar ali; todos os atores foram liberados de seus deveres e as únicas pessoas no local eram os responsáveis pela desmontagem do set. Mas Serena decidira seguir a idéia de Blair naquela quarta-feira — ela queria pegar o vestidinho preto que Bailey Winter desenhara para ela usar, como Holly, na cena da festa no clímax do filme. Era a coisa perfeita para vestir em sua festa real na noite seguinte.

Entrando no trailer, Serena acendeu a luz e fechou a porta frágil. A penteadeira ainda estava tomada de maquiagem e produtos para o cabelo, e todas as roupas, rotuladas cuidadosamente e passadas a ferro com perfeição pela imitadora-estagiária de Blair, estavam penduradas, a três centímetros de distância uma da outra em um suporte rolante. Achei. Serena pegou o vestidinho preto perfeito. Fora cortado exatamente para as proporções dela e, embora as alças finas fossem cobertas de sutis contas pretas, era macio e simples. Isso era muito mais fácil do que comprar.

Fazer compras é um saco total. Até parece.

Abrindo a capa de plástico que o protegia da poeira, Serena tirou o vestido do cabide e o enfiou na bolsa. Tecnicamente, ela não devia se servir do figurino. Roubar do trailer lhe

dava uma adrenalina que só experimentou uma vez, quando tinha 10 anos e roubou um gloss Bonne Belle sabor chiclete da Boyd's. Uma batida na porta do trailer a fez paralisar, petrificada.

— Quem está aí? — perguntou ela com a voz trêmula, fechando rapidamente a bolsa de lona Hermès laranja.

— Thad? — Um cara magro e lindamente bronzeado colocou a cabeça pela porta do trailer. O cabelo castanho espetado estava desarrumado de forma habilidosa e abaixo das sobrancelhas perfeitamente arqueadas os olhos eram enormes e verdes, com cílios longos e lindos. Vestia uma camiseta preta sem mangas e exibia intrincadas tatuagens de peixe pelos braços magros e compridos.

— Não, sou eu — desculpou-se Serena. — O trailer de Thad é o do lado.

— Ah, meu Deus! — O rapaz corou profundamente. — Eu lamento tanto. Devia saber que não posso invadir o trailer dos outros.

— Não, não, está tudo bem — Serena relaxou quando percebeu que ele não estava ali para dar um flagra no roubo. — Eu sou a Serena.

— Ah, meu Deus, oi! — gritou o estranho, entrando no trailer, a corrente que prendia a carteira tinha, as mãos estendidas, deixando a porta bater às costas.

— Hmm, oi pra você também — gaguejou ela. Ele tinha um leve sotaque que Serena não conseguia situar e ela teve um branco total. Será que devia conhecer o cara?

— Droga, olha só pra mim! Invadindo o trailer! Você está ocupada com alguma coisa e eu simplesmente entro como qualquer tiete mala da rua. Me desculpe. Deve achar que eu sou maluco — o rapaz soltou a mão dela e sacudiu a cabeça, rindo.

— Não, não, não estou ocupada nem nada — mentiu ela, agarrando a bolsa no peito. — Só estava pegando uma coisa que deixei aqui.

— Mas aí, o Thad disse que vocês já filmaram tudo, né? — perguntou o rapaz. — Se importa se eu me sentar? Vou me sentar — ele se acomodou na cadeira diante da penteadeira e cruzou as pernas.

Sente-se, por favor.

— É, terminamos. Graças a Deus! — Serena tentou não demonstrar a perplexidade que sentia. Quem era esse cara?

— É um trabalho doido, mas alguém precisa fazer — ele cruzou as pernas de novo e se recostou, examinando-a de cima a baixo.—Mas você é fabulosa. Linda. Exatamente como Thad disse.

— Tá. O Thad — repetiu ela, a suspeita aumentando.

— Ah, meu Deus, eu não me apresentei. Tenho uma tendência a fazer isso. Só fico falando sem parar, porque costumo ficar nervoso, embora você seja um doce e linda, eu não sabia como pode deixar alguém nervoso, a não ser que fosse um cara que quisesse convidar você para sair...

Serena corou. Quem era essa pessoa?

— E ainda estou tagarelando — continuou ele. — Ah, meu Deus, às vezes sou tão idiota. Meu nome é Serge. E ótimo finalmente conhecer você.

— Serge — repetiu ela. Serge? Serge? Quem diabos era Serge?

— Serge. O namorado de Thad, sabe? — esclareceu ele. — Nem acredito que se passou tanto tempo e só nos conhecemos agora. Vou ter que dar um murro no Thad quando o encontrar. Mantendo-nos separados desse jeito. Ridículo.

O o quê do Thad?

— Ah, o Thad fala muito de você — mentiu ela. — Nem acredito que nunca nos encontramos.

— Acho que meio que faz sentido — admitiu Serge, pegando um tubo de corretivo na penteadeira e mexendo nele. — Temos que ser discretos, então na maior parte do tempo só fico sentado no meu quarto. Quer dizer, nem estamos no mesmo hotel. Estou hospedado no Mercer. Mas você sabe como é... Andou posando para aquelas fotos com ele pela cidade. Você é um doce mesmo. Nós dois agradecemos por isso.

Aquelas fotos do beijo tinham sido só para os fotógrafos? Thad a estava usando? Serena desabou na parede. Nem acreditava que tinha se enganado tanto. Pensava que havia uma ligação real, mas ele só era um gay lindo com um namorado adorável que tinha que manter em segredo. Ela precisava se sentar.

— É — Serena largou a bolsa no chão e se acomodou no sofá embutido, tirando os sapatos e enroscando as pernas por baixo do corpo. — Bom, sabe como é, o Thad é maravilhoso. Fico feliz em poder ajudar — ela suspirou. Era quase verdade. Ela devia ter ficado irritada, puta, magoada ou qualquer coisa, mas, na verdade, não conseguia acreditar que não tinha percebido isso antes.

Até parece que não teve dicas demais.

— Eu disse que ele tinha muita sorte por trabalhar com uma atriz tão incrível. Quer dizer, às vezes as protagonistas ficam tão loucas e possessivas que pensam que estão namorando. É como se não soubessem a diferença entre fantasia e realidade. Quer dizer, qual é? É só fingimento.

— Humm — Serena assentiu.

— Mas não você — disse Serge, radiante. — Você é como uma profissional experiente, embora este seja seu primeiro filme! Quero que você esteja em todos os filmes do Thad de agora em diante. Prometa que estará!

— Ah, pára com isso. — Serena riu. Era difícil ficar irritada ou magoada quando Thaddeus e o namorado dele eram tão legais.

— Não, é sério — disse Serge, pulando da cadeira e atirando-se no sofá ao lado dela. — Você tem que passar o fim de semana na nossa casa em Palm Springs. Vamos aprontar todas! E se estiver interessada... Acho que posso descolar um cara maravilhoso para você.

— Ah, é mesmo? — Isso parecia divertido.

Ela sem dúvida podia confiar no gosto dele para os homens!

## **Gossipgirl.net**

---

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

*Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

### **oi, gente!**

Tenho literalmente cinco minutos para escrever isso — não sei quando as férias de verão ficaram tão frenéticas, mas entre as aulas de tênis na Ocean Colony e coquetéis no terraço do Met, eu simplesmente não sei aonde vou acabar meu dia. Vamos começar por **seu e-mail**, porque só existe um assunto na cabeça de todos ultimamente...



**P:** Cara GG,

Sabe como conseguir um convite para a festa que vai rolar na quinta que vem? Meu namorado diz que vai me levar, mas desconfio de que ele está blefando e no último minuto o jipe dele vai quebrar ou coisa assim. Mas eu quero ir muito, muito mesmo, então preciso de um plano B. Socorro!

— \*Struck

**R:** Cara \*Struck,

Dizem que eles controlam a lista de convidados muito de perto. Então, com sorte, seu namorado não está blefando — ou você vai ficar vendo limusines chegando como qualquer outra mortal comum. Desculpe!

— GG

**P:** Prezada GG,

Eu estava em Amsterdã com minha família e consegui dar uma escapulida para ver uns verdadeiros flagras. Depois de fumar um haxixe num bar, eu juro que vi aquela garota, a J, dançando numa vitrine na zona de prostituição. Agora eu queria ter convidado a gata para um strip particular. Me diga que era ela!

— DZsperado

**R:** Caro DZsperado,

Desculpe. Os pais dela podem ser alternativos, mas acho que nossa J não é. Ela está no exterior estudando artes plásticas e talvez a arte plástica de rapazes de boa plástica, mas strips particulares na zona de prostituição e turistas vulgares não fazem parte do currículo.

— GG

### **como aperfeiçoar seu papinho de festa**

Um cursinho para refrescar a memória de todos os meus amados seguidores. Aproveitem!

*1) Você é encurralada por um pervertido aspirante a diretor e malvestido que quer que você vá à casa dele para uma audição particular. Sua resposta:*

- a) Vai sonhando, tarado.
- b) Por que na sua casa? Pegue seu celular com câmera e me encontre no banheiro!
- c) Ficaria muito feliz, Sr. Mogul.

*2) Enquanto está na fila do banheiro, um sujeito que parece produtor de cinema pergunta o que você pensou do filme dele. Sua resposta:*

- a) Achei que havia problemas de elenco — por exemplo, a jovem ingênua não podia ter mais ingenuidade — mas não foi ruim...
- b) O figurino era lindo, embora eu acredite que, no que se refere a figurinos, menos é

sempre mais.

c) Já começou a montar o elenco da seqüência?

*3) Um astro de cinema incrivelmente bonito e internacionalmente famoso a convida para dançar um tango. Sua resposta:*

a) Tango? Prefiro ir a um lugar mais tranqüilo, longe de todos esses paparazzi.

b) Me abrace. Por favor, só me abrace.

c) Sempre achei que os gays eram os melhores dançarinos!

*4) Uma starlet de lindas pernas tropeça e derrama o coquetel em suas novas sapatilhas de camurça Sigerson Morrison. Sua resposta:*

a) Nada—você só atira seu drinque na cara dela.

b) Meu sapatos! Meu orgulho e alegria! Minha raison d'être!

c) Que se foda. Vou dançar descalça!

Já fez? Nada de trapaças.

Tá legal, a resposta certa para cada uma das perguntas é C Como se você não soubesse disso. A gente se vê hoje à noite!

Pra você que me ama,  
gossip girl

#### ***d tem uma oportunidade de ouro***

Dan tinha visto Bree em diversas variações de roupa de ginástica e é claro que completamente nua, mas nunca a vira toda produzida para sair à noite. Assim, quando saiu da estação de trem 6 na rua 77, ele ficou confuso ao vê-la esperando, uma visão de blusa de seda branca e simples, com o cabelo louro — que ele nunca vira solto — caindo em cascata pelos ombros banhados de sol. A saia turquesa bordada e abaixo dos joelhos parecia ter sido desenterrada de um brechó da Turquia.

Dan vestia a coisa mais próxima que tinha de uma roupa de festa: uma camisa Agnès B. cinza-carvão, um presente da ex-agente, de quando bancara a próxima sensação do mundo literário.

E não um sujeito inconstante que quase desistiu da universidade e trai a namorada que mora com ele.

— Ei, coisa linda — gritou ele ousadamente, subindo o último degrau da escada e pisando na calçada. Subir a escada era mesmo mais fácil depois que ele começara o regime de exercícios.

— Obrigada — Bree lhe deu um beijo no rosto. — Sentindo-se centrado? Você parece bem. Espero que eu não esteja malvestida.

— Não, você está ótima. Vamos?

Eles andaram pela Lexington entre nuvens de escapamento de ônibus. A luz do início da noite reluzia nas vitrines da Starbucks.

— E aí. — Bree se abraçou enquanto caminhava. — Ainda não tenho certeza se entendi

por que você foi convidado para essa festa.

— Não sei bem — admitiu Dan. — Conheço Serena há um tempão... Ou talvez Vanessa tenha me colocado na lista. Quem liga? Uma festa é uma festa, né? — Eles entraram na rua 71.

— É verdade — Bree assentiu toda rígida. Ela parecia meio nervosa e inquieta para alguém que estava sempre tão zen. — E por falar na Vanessa...

— Tá legal — Dan enfiou a mão nos bolsos por instinto, procurando pelos Camels. Que péssimo ter se esquecido dos cigarros de gramíneas.

Bree suspirou.

— Acho que talvez você precise pensar melhor nisso. Meditar. Respirar fundo. Centrar-se. Um dia vai encontrar a clareza. Não posso lhe dizer o que fazer, sabe disso. É a sua vida. Mas gostaria de ver você encontrar algumas respostas. Afinal, é tudo o que queremos na vida, não é?

— Claro, é sim — murmurou Dan, olhando para os dois lados antes de eles atravessarem a Terceira Avenida. Talvez um táxi simplesmente o atropelasse e ele não precisaria ter essa conversa.

— Não sei não — Bree suspirou, passando distraidamente os dedos pelo cabelo sobre o ombro. — Vou para Santa Cruz no final do verão mesmo. Não tenho direitos sobre você. Mas a gente tem se divertido muito, não é?

— Claro. Tem sido incrível — ele parou. — Ouviu isso? Um rugido surdo rompeu o silêncio da noite: o som de

buzinas e carros lentos misturado com o grito ocasional e os cliques incansáveis de mil câmeras.

— É a festa? — assinalou Bree. — É tão... barulhenta.

Será que ela esperava que a festa do mês fosse um evento calminho?

— Vem — instou Dan, pegando a mão dela, emocionado por ter uma desculpa para interromper a conversa. Não estava com vontade de discutir o estado de sua relação com Vanessa. E a verdade era que ele não tinha respostas. — Não quero chegar atrasado. A rua tranqüila de Holly Golightly não estava mais tranqüila. Havia barricadas e seguranças estacionados dos dois lados da quadra, e um tapete vermelho de verdade corria pelo meio da rua e subia pela casa. Na Segunda Avenida, a fila de limusines ocupava dois quarteirões, e na esquina havia uma área isolada repleta de repórteres e fotógrafos.

A porta da casa, Dan entregou o convite ao segurança de cavanhaque enorme, que assentiu num rosnado e carimbou a mão deles com uma força muito maior do que a necessária.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou Dan a Bree enquanto eles passavam por uma mesa comprida, tomada por flütes elegantes de champanhe.

— Não sei se posso beber hoje à noite—respondeu Bree num tom áspero que obrigou Dan a pensar que isso implicava que ele também não devia beber.

E então, ela não é a alma da festa?

Dan pegou duas taças — se ela não ia beber, ele podia beber pelos dois — e as secou de imediato. Arrotando baixo, ele largou a taça vazia na mesa e foi para a multidão, a mão agarrada na de Bree, a outra com o champanhe gelado. Eles se espremeram pela multidão e pararam no saguão. Bree saltitou e subiu a escada diante dele. Será que estava entrando no espírito da festa?

— É um ótimo exercício — observou ela.

— É, é ótimo — concordou Dan, ofegando atrás dela. Enquanto eles subiam, o fragor das garotas que gritavam

sem parar e o martelar do baixo ficavam mais altos. As paredes esfarelentas da casa eram surpreendentemente sólidas, mas nem elas conseguiam conter a zoeira. Quando chegaram ao patamar da escada no quarto andar, eles puderam ver um mundo de gente vazando do apartamento acima: pairando acima deles no andar seguinte, o último andar, estava o perturbadoramente arrumadinho Chuck Bass, a macaca de estimação empoleirada no ombro vestida com um tutu rosa e brandindo uma varinha mágica prateada.

— Romeu! — gritou Chuck para Dan num falsete de mulherzinha.

Dan assentiu educadamente para Chuck. Odiava aquele babaca e seu esquisito terno Prada verde-menta anos 1980. Dan pegou a mão de Bree e a puxou pela escada: precisaria de uma manobra para passar com segurança por Chuck.

— Quem é esse? — Bree queria saber.

— Ninguém — disse Dan a ela com firmeza. Eles correram para o último patamar, desviando-se de corpos e passando disparados por Chuck Bass, até que quase se chocaram com Vanessa. De novo.

Eles precisavam parar de se encontrar desse jeito.

Vanessa estava acompanhada dos mesmos garotinhos que tinha a reboque no Central Park uns dias antes, só que em vez de sujas de sorvete, as crianças estavam limpas, exibindo blazers azuis com botões de bronze, shorts listrados e camisas de algodão branco perfeitamente bem passadas. O cabelo louro estava repartido em um penteado liso e perfeito. Pareciam infelizes.

— Dan — gaguejou Vanessa, claramente surpresa. — O que está fazendo aqui?

— Eu... Eu pensei que talvez você tivesse me colocado na lista... antes... — gaguejou ele.

— Não pensei que você estivesse aqui, depois, sabe do que...

— A irmã deles trabalhou no filme—Vanessa pôs as mãos na cabeça dos meninos. — Então eu tive que vir.

— Oi — disse Bree, pouco à vontade. — Meu nome é Bree. A gente meio que se conheceu outro dia.

— Vanessa — ela deu um sorriso malicioso. Bree? Que porcaria de nome era aquele?

— Meu nome é Edgar — intrometeu-se um dos gêmeos, estufando o peito com orgulho. Ele largou a mão de Vanessa e a estendeu para Bree. Será que se esqueceu do pequeno episódio do vômito?

— Eu sou o Nils — disse o outro menino, empurrando delicadamente o irmão para que saísse do caminho e curvando-se para Bree. Dan não conseguiu deixar de perceber que eles pareciam meio como mini-Chucks.

Eles começam cedo, esses meninos do Upper East Side. Bree se ajoelhou e olhou os dois meninos intensamente.

— Vocês têm uma aura muito clara.

Vanessa deu uma risadinha. Dan tombou a cabeça de lado e a examinou. Ela estava basicamente a mesma: cabeça raspada, muita atitude, mas em vez dos jeans pretos de sempre, vestia calças pretas e elegantes que pareciam brilhar e, em vez do top preto de algodão, estava com um top preto semibrilhante que era macio e delicado — podia até ser de seda. Ela parecia quase feminina e, embora isso fosse estranho, às vezes Dan se esquecia de que ela era só isso: uma garota.

— Quer ir a algum lugar para conversar? — perguntou Dan, inseguro.

Vanessa deu de ombros.

— Se você puder dar o fora.

Bree estava com os meninos no colo e lia a mão deles.

— A gente meio que tem muito o que conversar, não é? — cedeu Dan. Bree começou a cantar em sânscrito.

Prêmio anual de atenuação da verdade.

### *o mundo é um palco*

Como o apartamento praticamente não tinha mobília nenhuma, a multidão bebem transformou a sala principal numa pista de dança improvisada. Blair tinha tomado três Bellinis, então estava pronta para atender ao chamado do dever e rebolar a linda bundinha. Além disso, decorara a cena da festa de Bonequinha de luxo e sabia o que se esperava dela. É claro que Serena era Holly — a essa altura, não havia como negar —, mas isso não queria dizer que ela não pudesse se divertir também, caramba. Blair tinha muita birita e a festa de seus sonhos à sua disposição.

Para não falar de um cara muito gato.

— E aí — murmurou Jason na orelha dela. — É bom te ver de novo.

Blair dançava numa imitação perfeita de uma das convidadas da grande festa do filme original — mas só uma especialista de verdade como ela própria reconheceria essa coreografia. Seu vestido Blumarine de inspiração melindrosa se mexia de um jeito sensual ao ritmo dos giros do corpo e ela segurava uma piteira de madrepérola. O único toque que decidira deixar de lado foi a tiara de diamantes.

Ela não precisava do enfeite de cabeça para fazer o papel de uma princesa.

— Vem dançar! — Ordenou ela, pegando os dedos longos e macios de Jason e puxando-o para mais perto dela. Ele tinha o sorriso mais lindo e mais aberto que ela já vira, era tão alto e parecia tão limpo.

— Sim, senhora! — Ele abriu o primeiro botão da camisa azul-clara Steven Alan. Sua quase-nerdice deixava qualquer uma ligada!

Blair chegou mais perto dele, desfrutando do modo como a imensa altura de Jason a fazia se sentir pequena, delicada e sexy.

Como uma certa esmolambada avoadada de Hollywood?

Ela podia sentir o cheiro de sabonete na pele dele e cerveja em seu hálito, e o resto do grupo sumiu ao fundo enquanto ela olhava sonhadora para o sorriso reluzente de Jason. Naquele momento, era difícil se lembrar de que gostava de outro, inclusive do lorde sei-lá-o-quê ou sir Chapadão.

— E aí... — Blair bateu as pestanas sugestivamente. — Serena vai voltar para a casa dos pais para passar o resto do verão, mas acho que posso ficar aqui...

— Vamos ser vizinhos — ele sorriu. — Isso pode nos meter numa enrascada.

— Eu meio que gosto de enrascadas.

Opa, atenuando a verdade também.

— Bom, então... — Jason sorriu. Ele se inclinou e a beijou lentamente. Os lábios dele tinham o sabor da cerveja doce que ele bebeu a noite toda e alguma coisa de hortelã. Ele era delicioso. Foi um primeiro beijo perfeito, perfeito.

Depois ela sorriu para Jason antes de dar uma olhada na sala. Estava dançando

lentamente com ele, embora todos os outros pulassem e rodassem na batida de Madonna que o DJ colocara. Blair puxou o corpo quente de Jason para ainda mais perto, apesar do fato de estar basicamente uns 40 graus dentro do apartamento abarrotado. E depois, pelo canto do olho, viu sir Chapadão em pessoa. Mas que porra. Mesmo agora, ela ainda podia contar que Nate estragaria um momento perfeito.

Nate Archibald estava de mãos dadas com alguém que Blair definitivamente não reconheceu, e também não era nenhuma daquelas vagabundas da L'Ecole vestidas de Marni. Essa menina sem dúvida não estava usando Marni, mas... Target.

Tudo na menina era exagerado — o bronzeado, os peitos, a boca, a maquiagem. Parecia falsa. Pior do que o cabelo superpenteadado e a pele num bronze alaranjado ridículo, era a roupa: ela vestia calças capri cor de pêssego e um top cheio de lantejoulas, e tinha como acessórios da roupa de festa alpercatas sujas e uma mochila de seda pêssego comprada ali-na-esquina. Não se parecia com nada que Blair vira na vida. Era um desastre. Blair olhou para Bailey Winter parado do outro lado da sala. Ela pagaria o que fosse para ouvir o que ele cochichava com Graham Oliver naquela hora.

— Alguma coisa errada? — perguntou Jason, esfregando o nariz no pescoço de Blair.

— Desculpe — murmurou ela, afastando-se do abraço dele. — Só preciso de um minutinho.

Mas precisaria de mais de um minutinho para superar o fato de que via seu primeiro amor com outra.

### *e aí, coleguinha?*

— Você está bem? — perguntou Vanessa, porque Dan tinha ficado quieto por tanto tempo que ela estava começando a ficar com medo. — Vamos sentar — ela gesticulou para o peitoril atrás dos dois. A janela dava para o quintal e estava meio aberta, recebendo uma brisa noturna suave. Lá embaixo, no quintal, um grupo se amontoava em volta de um arbusto de lilases abandonado, fumando.

— As coisas mudaram mesmo desde a formatura, né? — Dan estendeu a mão, mas a baixou antes que tocasse Vanessa.

— Não sei o que aconteceu nas últimas semanas.

*Decepe meus dedos. Não posso mais sentir.*

*Não posso sentir você. Não você. Você.*

— Acho que o que aconteceu — começou Vanessa, severa mas sem ser desagradável — é que você conheceu outra. Está tudo bem. Quer dizer, eu estou magoada, eu acho. Mas queria mesmo que você não tentasse esconder isso de mim, em especial depois que fez aquela cena na festa de formatura de Blair sobre ficar comigo no outono...

— Cena? — Repetiu Dan. — Eu fiz uma cena? — Ele tinha falado com ela em particular, em um canto. Não foi uma cena. Tá legal, o discurso de formatura dele foi uma cena, mas, felizmente, nessa ocasião ela não estava lá.

— De qualquer forma, não é disso que estou falando. A questão é que — continuou Vanessa —, eu também não fui totalmente sincera.

Uma bêbada de cara nada atraente que Vanessa se lembrava que era extra no filme cambaleou escada acima. Vestia uma camiseta vermelha TEAM JOLIE e mil pulseiras de prata. Ela olhou para Vanessa, mas fingiu não reconhecê-la. Essa festa definitivamente não era o que Vanessa pensava de diversão.

Estraga-prazeres.

— Está saindo com alguém? — Dan parecia que ia chorar.

— Não, claro que não — ela abanou o ar. — Mas tenho uma notícia estranha: seu pai disse que posso alugar um quarto no apartamento dele... Embora estejamos falidos... Dan pestanejou e esfregou a sola do sapato no tornozelo. Ele não achava que tinham terminado oficialmente, mas agora pensava que sim.

— E? — perguntou ele.

— E eu aceitei. — Vanessa olhou para Dan, para ver se podia ler os pensamentos dele, mas ele ainda esfregava o sapato na perna como um cachorro com sarna. — Quer dizer, não posso pagar muito e ele disse que vai me fazer um preço legal, então...

— Bom — disse Dan depois de um momento —, não acho que vá ser estranho.

Não vai ser?

— Acho que vai ser divertido — continuou ele.

Vai, é?

— Então, amigos? — perguntou ele.

— Amigos — confirmou Vanessa.

Amigos...?

### ***olha só o que o gato trouxe para dentro — e quem trouxe com ele***

Thaddeus Smith bebeu a caipirinha gelada e se inclinou para Serena, sussurrando de um jeito sexy, o hálito com cheiro de rum.

— Quem é aquele? — perguntou ele.

Ele não apontou, mas não havia necessidade: qualquer um saberia exatamente de quem Thaddeus Smith estava falando. Nate Archibald tinha chegado.

Eles estavam amontoados na cozinha minúscula, o melhor lugar para ver a sala toda, e de sua posição Serena tinha uma visão clara de Nate pela primeira vez desde a noite da festa de formatura louca de Blair. Enquanto Serena dançava, Nate se sentara no chão, parecendo mais chapado do que o de costume, até que finalmente se levantou e beijou Jenny Humphrey de qualquer jeito. O capitão Archibald ficou tão irritado por Nate não ter conseguido levar o diploma para casa no dia seguinte à formatura que mandou Nate para East Hampton, para começar o verão de trabalho. Serena não teve a oportunidade de se despedir dele, mas sabia que veria Nate de novo em breve. E aqui estava ele, exibindo um bronzeado vigoroso de quem fica ao ar livre, o que deixava seus dentes já perfeitos mais brancos e os olhos já reluzentes ainda mais verdes. O peito parecia mais largo, os braços mais fortes. É claro que Thaddeus Smith percebeu a presença dele.

— Esse é o Nate — anunciou Serena casualmente.

— Nate hetero? — Thaddeus queria saber. Serena deu de ombros.

— Ele topa qualquer coisa — ela riu. — Mas parece que não está sozinho.

Uma garota muito loura e muito bronzeada estava agarrada no braço de Nate como se ele fosse um salva-vidas, cravando as compridas unhas vermelhas-bombeiro no bíceps dele. Os olhos estavam arregalados e disparavam excitados, como se ela estivesse drogada.

Uma boa possibilidade.

— Por favor, me diga que é irmã dele — sussurrou Thaddeus. — Ela está de sombra azul nos olhos? Espere só até eu contar a Serge quando voltar ao hotel.

Serena examinou a nova garota. Ela na verdade estava com sombra azul nos olhos. Também estava de pêssogo da cabeça aos pés, o que era tão... pêssogo. O cabelo era louro e parecia meio branco — ela parecia a Barbie Stripper na Praia.

Barbie Stripper na Praia? Mas isso pode pegar.

— E onde foi que ela arranjou essa roupa? — arfou Thaddeus de um jeito cretino.

Serena não tinha tempo para ceder a mais uma fofoquinha: Blair estava correndo para ela, com uma cara de pânico que Serena conhecia muito bem.

— Merda — disse Serena numa voz baixa.

— Quem. É. Aquela. Porra? — sibilou Blair furiosa, empurrando os caçadores de celebridades e entrando na cozinha estreita.

Não havia necessidade de Serena perguntar de quem ela estava falando.

— Ah, meu bem — declarou Thaddeus delicadamente.

— Não precisa se preocupar com ela.

— Não acredito — rebateu Blair — que Nate teve a petulância de aparecer aqui com esse lixo. Onde ele a pegou... no shopping?

Bom, tem muitos deles em Long Island.

— Senta aí — ordenou Thaddeus, batendo na bancada.

— Relaxa.

— Merda! — Blair aceitou o conselho dele e se içou para a bancada da cozinha. — Eu preciso de um drinque.

— Fica com a gente — sugeriu Thaddeus, pulando na bancada e colocando um braço protetor nos ombros nus de Blair.

— Eu não achava que era verdade. — Chuck Bass se espremeu por Serena para se juntar ao trio na cozinha. — Mas acho que é ver pra crer, hein, senhoras?

— Oi, Chuck—Serena suspirou, encostando-se na bancada entre as pernas abertas de Thaddeus. A última coisa que ela queria era que Chuck Bass colocasse as garras em seu lindo colega de filme.

— Blair, você voltou! — gritou Chuck. — É bom te ver — ele se inclinou e largou dois beijos rápidos no rosto de Blair.

— Oi, Chuck—respondeu Blair, recebendo devidamente os beijos. — Quem é a piranha misteriosa? — Ela podia muito bem tirar proveito de uma qualidade de Chuck Bass: ele sempre sabia dos furos, embora sem muita precisão.

— Eu soube dela, mas não a conheci — explicou Chuck com orgulho. Ele tomou um gole da garrafa recém-aberta de Dom Perignon. — Ah! Não olhem agora — sussurrou ele meio alto, claramente curtindo o momento —, mas acho que estamos prestes a conhecer. Nate levou Tawny pelo mundo de gente reunida na pista de dança em direção ao grupo de rostos conhecidos na cozinha.

— E aí — gritou Nate por sobre o barulho. — Serena, Blair — elas estavam ainda mais lindas do que ele se lembrava. Como se tivessem sido borrifadas com pó das fadas.

— Nate! — Serena se inclinou para a frente para dar um caloroso abraço no velho amigo, tentando evitar que o momento fosse insuportavelmente esquisito.

Tarde demais.

— Oi — disse Blair, ferverilhando, cruzando as pernas e brandindo a cigarreira comicamente comprida como uma arma. — Alguém pode acender, por favor?

Thaddeus Smith pegou seu Zippo de prata monogramado e acendeu o cigarro de Blair. O volume da música diminuiu e começou a tocar "Papa Don't Preach", e alguns extras



animadinhos pularam no meio da pista, fingindo cantar com microfones imaginários.

— Enfim um verdadeiro cavalheiro — suspirou Blair teatralmente. — Alguém viu meu namorado? — Espere só até Nate vir Blair em seu beijo de língua com Jason. Rá!

— Blair — gaguejou Nate. — Você está ótima. Que bom que voltou — ele não sabia o que mais ia dizer. Sentia-se um imbecil.

Blair pulou do poleiro na bancada, cambaleando bebado nos Jimmy Choos pontudos enquanto pousava nos ladrilhos rachados da cozinha com um baque.

— Tá, obrigada — ela assentiu. — Não ter que me dar licença. Estou mesmo com vontade de dançar. Só preciso achar meu parceiro — ela voltou para a sala apinhada. Serena sorriu para Nate como quem se desculpa.

— Meu nome é Serena, a propósito.—Ela ofereceu a mão à nova garota e percebeu que a menina tinha lindos olhos azuis amendoados e sardas adoráveis em cada centímetro da pele.

Mas Serena não está sempre pensando em alguma coisa gentil para dizer?

— Tawny — disse a garota com um forte sotaque que fez com que parecesse Tauh-awenie.

— Bom, desculpe — murmurou Nate. — Serena, esta é a Tawny.

— E Thaddeus — Serena se espremeu no braço do astro de cinema. — Estes são Nate e Tawny.

Thaddeus pulou da bancada e trocou um caloroso aperto de mão, primeiro com Nate, depois com Tawny. Uma bêbada com um minivestido roxo American Apparel que deixava os ombros à mostra esbarrou nele por acidente. Ele empurrou a dançarina delicadamente para fora da cozinha.

— É ótimo conhecer vocês dois — respondeu ele de um jeito charmoso. Ele é mesmo um bom ator.

— Arrã! — Chuck Bass deu um pigarro teatral. — E eu sou o Chuck.

— Tawny — a menina ajeitou as alças da mochila pêssego minúscula e lhe ofereceu a mão antes de dar as costas e se voltar para Thaddeus, os olhos arregalados e praticamente babando.

— Encantado — piou Chuck, beijando a mão dela e curvando-se muito. — Vamos nos conhecer, querida. Não se importa, não é, Natie?

Nate teria dito a ele que não, vá em frente, mas estava distraído com a visão de Blair, de mãos dadas com um sujeito alto com cara de banqueiro, rindo, a cabeça atirada para trás. Ela o estava apresentando a um homem mais velho, baixo e impecavelmente vestido, e havia alguma coisa familiar no modo excitado com que ela paquerava os dois que encheu Nate de desejo.

— Com licença — gaguejou Nate. — Preciso ir.

Ao seguir para a porta, Nate ouviu Chuck dizer, "A propósito, você tem um bronzado e tanto".

Sim, Tawny, que quer dizer castanho.

### ***b é uma inspiração***

— Querida! Que-ri-daaaa! — guinchou Bailey Winter para Blair. — Você precisa... eu repito, precisa... ficar comigo na ilha neste verão. Você é uma perfeição. Eles estavam na soleira da porta do quarto, que ficava à maior distância possível que

Blair conseguiu da cozinha sem perdê-la de vista. Ela meteu atrás das orelhas o cabelo escuro quase na altura dos ombros, constrangida. Sempre gostou de receber um elogio, mas o que você diria a alguém que a chamava de perfeita?

Que tal "obrigada"?

— Estou começando uma nova coleção. Chama-se Verão/ Inverno — Bailey fez um movimento com as mãos que Blair suspeitou que devia transmitir as temporadas, mas em vez disso parecia um ataque epilético. — E você, meu amor, é Inverno.

Jason colocou a mão grande e macia na nuca de Blair.

— Isso é incrível, Blair — disse Jason com doçura.

Era mesmo incrível, mas pelo canto do olho ela não conseguia deixar de ver Nate, com os olhos verdes cintilantes e uma camisa Polo azul-bebê perfeita, afastando-se de Serena, Chuck e daquela piranha caipira e saindo da festa. Aonde ele estava indo, merda?

— E Serena é o Verão! — gritou Bailey, recuperando a atenção de Blair. Ele tirou os óculos de sol de aviador e olhou animado a luz no teto.

Blair fez contato visual com Serena pela pista de dança. É claro que ser uma das duas musas não tinha exatamente sido parte da fantasia, mas se tinha que dividir os refletores com alguém, então que fosse a melhor amiga.

Mas que generosidade.

— É claro que vou precisar que as duas morem comigo. Para ter inspiração, querido! Não se preocupe... Há muito espaço para os hóspedes na casa de praia! — Cantarolou ele, piscando para Jason.

Blair viu Nate cumprimentar Jeremy Scott Tompkinson, que jogava lacrosse com ele, no corredor. Ela às vezes se perguntava o que os meninos realmente conversavam no vestiário. Será que Nate contou a todo mundo sobre a primeira vez que eles transaram? E como ele fez com Serena? Blair olhou para baixo e viu que suas mãos de repente estavam contraídas em punhos vermelhos.

— Bom, eu adoraria fazer uma visita — Jason puxou Blair para mais perto. — Se ela me quiser.

Bailey colocou os óculos de aviador e os empurrou pela ponte do nariz.

— Vou ficar com você se ela não quiser! — Ele riu e depois bateu palmas. — Ah, deve estar apavorado! Não se preocupe, eu não mordo. A não ser que você me peça! — Bailey guinchou de prazer.

Blair tinha um sorriso afetado nos lábios. Estava com dificuldade de se concentrar na voz de staccato de Bailey. Ele a chamou de perfeita — ela ouviu isso.

É claro que ouviu.

Mas que história era aquela de morar com ele? Bom, isso podia dar certo. Embora ela tivesse acabado de dizer a Jason que ia ficar ali, a casa palaciana de Bailey na rua 62 com a Park seria bem adequada para ela antes de partir para Yale dali a alguns meses. Será que Audrey Hepburn teve um começo parecido como musa?

— Tenho a sensação de que minha mãe vai aparecer para o "chá" toda tarde — disse ela.

— Ela também vai para Georgica? — perguntou Bailey, arqueando ainda mais as sobrancelhas artificialmente altas. — Que maravilha!

— Georgica? — Blair franziu a testa. Será que Bailey sempre tem que ser esquisito?

— Não, meu bem, Georgica. Na casa de praia, sabe? Em East Hampton? Onde todos nós vamos? — explicou ele. — Está se sentindo bem, querida?

Peraí, os Hamptons? Como assim? Os Hamptons, onde Nate e aquela putinha caipira vão

passar o verão todo? Por que ele não falou nisso antes?

Bom, mas ele falou.

— Sim — confirmou Blair, embora estivesse sacudindo a cabeça em um não. — Eu estou bem.

— Acho que a casa de hóspedes fica meio para trás na propriedade e meio perto dos vizinhos, mas eles quase nunca estão lá. Talvez você os conheça, querida? Os Archibald? O filho deles parece estar passando o verão lá. É da sua idade. Diabolicamente lindo, sabe quem é?

Ah, ela sabia, claro que sabia.

Você sabe o que dizem por aí: amai o próximo!

### *três no terraço*

Dan subiu a escada e abriu o alçapão para o terraço, saindo para o ar da noite. O prédio não era alto o bastante para ver o East River, mas ele podia sentir o cheiro do rio, úmido e fedendo a peixe. Ainda assim, havia alguma coisa mágica no crepúsculo de Nova York no verão.

Ele acendeu um Camel e deu baforadas ávidas. Pelo terraço de asfalto irregular, podia sentir a batida do baixo e ouvir o rugido entorpecido da multidão. Precisava se sentar e pensar nas coisas sozinho. Andando até a beira do terraço, ele espiou o quintal e na escuridão de breu quase tropeçou em Bree, sentada perto da beirada numa postura de lótus, os olhos fechados, a saia turquesa de cigana abanando em volta dela.

— Bree, você está bem?

— Dan — respondeu ela calmamente. A garota abriu os olhos e sorriu para ele. — Você está fumando.

Merda.

Ele atirou o cigarro aceso na noite.

— Desculpe — disse ele timidamente.

— Não precisa se desculpar — o tom de voz dela era tão neutro que chegava a ser condescendente.

Dan se sentou ao lado de Bree no terraço enquanto a escuridão caía. O quintal estava tão escuro que ele mal podia divisar o alto dos esparsos arbustos e a brasa dos cigarros das pessoas. Ele fechou os olhos e tentou fingir que estavam no alto de uma montanha no Pacífico Noroeste, mas nem sua imaginação de poeta era tão forte.

Não há oxigênio aqui em cima. Não para dois...

— Eu não me importaria, se quisesse fumar — continuou Bree. — Queria que não fumasse, porque é ruim para o seu corpo e para a terra, mas você é outra pessoa. Pode fazer o que preferir.

Dan não estava com vontade de discutir. Pegou outro cigarro e acendeu. Pronto. Já se sentia melhor.

— Desculpe por ter feito você subir atrás de mim — disse Bree.

Dan preferiu esconder o fato de que não estava procurando por ela, mas só por um minuto de paz e nicotina.

— Então, pensei que você estava lá embaixo conversando com Vanessa. Certamente parece que os dois têm muito o que dizer um ao outro.

Dan não sabia como responder. A verdade era que ele não acreditava realmente que ele e Vanessa fossem morar juntos pelo resto do verão como... amigos.

Amigos com alguns benefícios, quem sabe?

— Não estou irritada nem nada — garantiu-lhe Bree, e ela parecia dizer a verdade. —

Nós nos divertimos juntos nas últimas semanas, não foi?

— Totalmente — concordou Dan, assentindo. Ele sabia o que viria pela frente.

— Eu gostei da experiência de passar a conhecer você, de passar a te entender um pouco, como pessoa. Sempre é uma jornada mágica, não acha?

Ah, cara.

— É, é isso mesmo — respondeu Dan. A besteirada de filosofia-de-vida de Bree já estava ficando velha. Ele ficaria feliz quando não tivesse mais que ouvir isso.

— E não há problema em ficar triste quando a jornada termina — continuou ela. — Mas nossos caminhos estão divergindo. Seu caminho de vida levou você a uma grande festa de Hollywood. Não é uma coisa que eu entenda. Meu caminho está me levando a outro lugar.

Ele apostara sua educação formal e todo o futuro em um romance com Vanessa e ficou à vontade com isso. Mas ele apostou seu futuro todo com Vanessa em Bree? O que ele estava pensando?

Bree se levantou e se espreguiçou, erguendo as mãos no alto e exalando profundamente. Só a blusa branca e o cabelo louríssimo eram visíveis no escuro, então ela parecia estar flutuando, sem pernas.

— Ah, Dan — ela fungou um pouco. — E tão difícil dizer adeus, não é? Eu tento me lembrar do que meu iogue ensina sobre deixar as coisas fluírem, mas é difícil. Quer dizer, ainda sou uma discípula.

De repente não parecia nada difícil dizer adeus.

Dan abraçou-a fraquinho porque parecia a coisa certa a fazer, depois a viu desaparecer pela porta do alçapão. Estava meio feliz por terem terminado e ele definitivamente estava exultante porque Bree é que foi embora. Ele aprendeu muito com ela, sobre a natureza, exercícios, espiritualidade, mas tinha chegado a seu limite: simplesmente queria um cigarro, um minuto de paz e depois ia descer e ir para casa com Vanessa — de um jeito só de amigos.

— Que droga — declarou uma voz de homem no escuro.

Por que era tão difícil conseguir um minutinho de paz?

— Quem está aí? — Só o que Dan conseguia ver era uma ponta acesa e o cheiro de um baseado.

— Desculpe, cara. — Nate Archibald se aproximou de Dan. — Eu não queria que você ouvisse. Acho que não te vi aqui.

— Ah, oi — Dan reconheceu o mauricinho chapado que magoou Jenny no outono passado. Jenny parecia ter superado aquilo bem rápido, então não havia ressentimentos.

— Você está levando isso muito bem — comentou Nate.

— Sinceramente, cara — respondeu Dan filosoficamente —, só não era para ser. Pensei que ela fosse alguém por quem eu me interessava. Quer dizer, pensei que eu estava pronto para mudar. Mas sabe de uma coisa? Eu estava errado. Acho que caí na armadilha de ficar excitado com a idéia de alguém novo, embora sejamos totalmente errados um para o outro.

— É mesmo? — Nate tossiu. O que Dan acabara de descrever parecia meio familiar.

— O caso é que — continuou Dan, todo filosófico — tem uma garota lá embaixo, e ela é única, cara. Ela é única.

Qual delas?

— Acho que sei exatamente o que quer dizer — acrescentou Nate, a voz uma oitava mais alta do que o normal. — E que garota era certa também... existem, tipo assim, caminhos, né, e às vezes eles... divergem. Né?

Caraca.

— Não sei nada de caminhos — respondeu Dan, embora toda a história de caminhos divergentes na verdade fosse tirada de um poema de Robert Frost, "A estrada menos percorrida", que ele citou no discurso de formatura. — Estou meio de saco cheio de toda essa besteirada Nova Era, para falar a verdade.

— É? — Perguntou Nate. Isso parecia meio legal para ele.

É claro que parecia.

### *n sai de fininho*

Nate passou esbarrando em algumas meninas ligadas no modo máximo de dança e deu uma olhada na sala. Estava tão cheia que ele mal conseguia ver um rosto conhecido. Ou talvez ele estivesse doidão demais.

Nate não esperava ter nenhum tipo de epifania nesta festa boba de Hollywood. Este devia ser o verão em que ele ficaria sério, daria as costas a festas, a maconha e a caçar garotas que eram problemáticas demais para valer a pena. Este devia ser o verão em que ele trabalharia muito, usaria as mãos e faria um trabalho honesto e desafiador, conheceria a si mesmo e se prepararia para sua carreira em Yale. O capitão Archibald e até o treinador Michaels estavam decididos que Nate fosse para Yale como um homem diferente, um novo homem, capaz de lidar com as responsabilidades. E agora, de repente, Nate sentia que já era esse cara novo.

Mas que rapidez.

Alguma coisa que Dan disse realmente bateu nele: sua vida estava bem ali, esperando por ele, dentro desse apartamento superlotado de merda. A garota com quem ele queria ficar estava bem aqui e a única coisa honrável a fazer era contar a novidade à menina com quem ele não queria ficar.

Mas ele não conseguia encontrar a cabeleira loira de Tawny em lugar nenhum: o lugar estava abarrotado. Nate abriu caminho pela pista, ignorando os acenos de um baixinho esquisito, excessivamente bronzeado que usava óculos de sol, embora estivessem dentro de um apartamento. Não havia tempo para bater papo: ele era um homem com uma missão.

Nate entrou na minúscula lasca de cozinha e subiu na bancada. Daquele ponto de observação, ele olhou o apartamento, procurando por Tawny. O apartamento estava completamente lotado. Havia rostos que ele reconhecia — Isabel e Kati enfiadas num canto, cochichando, como sempre; aquela garota careca e pálida que parecia sinistra estava falando com outra galera — mas, em sua maioria, a sala estava cheia de estranhos. Então lá estava ela: o cabelo louro distinto era inconfundível. Era cheio e ondulado e caía nos ombros bronzeados, um dos quais estava nu, onde o top cor de pêssego tinha escorregado. Nate tinha que admitir que Tawny era muito sexy. Ele viu que ela estava se agarrando com Chuck Bass, que tinha aberto a camisa verde-menta e rodava de peito nu

com um remix dance daquela música da Ciara. Eca.

Nate sentiu um puxão na perna de suas calças cáqui Trovata e olhou para baixo, vendo Serena sorrindo para ele.

— Ei — disse Nate, ajudando-a a subir. Ele ficou grato pela companhia de uma velha amiga.

Serena passou os olhos pela sala e olhou para onde Nate olhava com atenção, observando a exibição quase obscena de Chuck e Tawny dançando.

— Sabe de uma coisa— sussurrou Serena no ouvido de Nate. Seu hálito era doce e fez cócegas agradáveis nele. Era uma sensação familiar e boa. — Não precisa se preocupar com isso. Chuck Bass é só um babaca meio tarado e inofensivo, e nós o adoramos por isso

— Não estou preocupado — disse Nate a ela. — Não é nada disso.

— Não é? — perguntou Serena. Ela conhecia Nate e definitivamente sabia que não devia acreditar nele quando se tratava de garotas. Ele basicamente sempre entendia tudo errado. Ela é uma atriz, lembra? Ela só banca a idiota.

— Pensei que fosse, mas eu estava errado — admitiu Nate. — Ei, aonde eles vão? — Tawny tinha pegado a mão de Chuck e os dois entraram de fininho por uma porta próxima.

— Aquele é o banheiro — observou Serena.

Eca e mais eca.

— Tanto faz — Nate deu de ombros. Ele passou do ponto na vida em que estava interessado em meninas que entravam de fininho em banheiros de festas com caras que mal conheciam. Não ligava para o que ia acontecer atrás daquela porta agora. E então, na pista, descalça e luminosa, ele viu Blair, no abraço firme de um cara muito mais alto com um terno conservador cinza. Os lábios dos dois se encontraram e Nate teve que fechar os olhos.

— Vou cair fora — murmurou ele. Teve o bastante dessa festa. Nate abriu o familiar sorriso torto e cândido para Serena. Depois pulou da bancada e desapareceu na multidão.

### *toca a música, rolam os créditos*

Serena continuou na bancada e pegou o cigarro que sensatamente enfiara atrás da orelha. Alisou as rugas de seu vestido Bailey Winter "emprestado", abriu um dos queimadores do fogão e se curvou para acender o cigarro na chama. Deu uma longa tragada, apagou o fogo e voltou sua atenção para a pista que ainda pulsava.

— Aonde o Nate foi? — Blair irrompia na cozinha.

— Quem sabe? — Serena riu, ajudando Blair a subir na bancada ao lado dela. Ela passou a Blair o Merit Ultra Light e olhou a cena com um sorriso satisfeito nos lábios perfeitos.

— Cadê o Jason?

— Foi até o apartamento dele — explicou Blair. — Tem um pouco de frango frito na geladeira dele e eu estou faminta.

— Você tem sorte — piou Serena, pegando o cigarro de volta de Blair.

É, Blair era aquela que tinha toda a sorte.

Serena pegou a mão de Blair. Ela se inclinou e sussurrou no ouvido da amiga, que estava enfeitado naquela noite com um dos famosos Bs da Bvlgari.

— Esse verão vai ser incrível.

Blair pousou a cabeça escura no ombro de Serena.

— Espero que os Hamptons não sejam pequenos para todos nós.

Serena apertou o joelho de Blair em resposta. Blair olhou a sala de estar. Se piscasse, ia parecer exatamente a cena da festa em Bonequinha de luxo. Ela sonhou com este momento tantas vezes, tantas vezes viveu esse momento no filme em sua cabeça, que parecia familiar. Era maravilhoso.

Havia Kati e Isabel, com vestidos Tocca combinando tentando esconder o fato de que estavam cochichando sobre Blair e Serena, sorrindo e acenando animadas. Blair praticamente podia imaginar o que as duas diziam sobre ela. Havia Chuck Bass, girando o corpo fofo e bronzeado, o peito nu escorregadio de suor. Todos os outros olhavam na direção delas. Era Serena ou Blair que atraía a atenção deles? E isso importava?

Nem um pouco.

O DJ — um sujeito que suava freneticamente e que Bailey Winter não parava de azarar— mudou de disco e deve ter lido o pensamento de Blair: o apartamento se encheu de uma batida tensa e depois uma voz sensual cantou as palavras muito conhecidas:

*Moon river, wider than a mile...  
I'll be crossing you in style, someday.  
Dream maker, you heartbreaker...*

— Sou eu! — Gritou Serena.

— Você é inacreditável — disse-lhe Blair com sinceridade, pegando a mão de Serena. No filme em sua cabeça, esta era a cena final perfeita. A música era exatamente a certa e a multidão enlouqueceu dançando. Um cara lindo estava preparando um prato de frango frito frio para ela no andar de baixo. Embora fosse só uma lixeira sem mobília, aquele apartamento parecia totalmente glamouroso. Blair estava emocionada. Este era seu lugar. Esta era a sua festa. É claro que o filme podia estar no fim, mas a verdade era que o verão estava apenas começando.

## **Gossipgirl.net**

---

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

*Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e fatos foram abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.*

**oi, gente!**

Ah. Meu Deus. Não achei que fosse possível ter o tipo de ressaca que estou sentindo agora, mas é minha culpa, quando é que vou aprender a não exagerar no champanhe? Mas então, eu sempre fui a alma da festa. E que festa! Tenho certeza de que aqueles de vocês que tiveram a sorte de comparecer vão concordar: foi o segundo maior e melhor evento do verão. Parece que alguém está evoluindo para ser uma anfitriã das maiores, não acham?

**mistura e junta**

Morrendo de vontade de saber quem foi para casa com quem?

Tenho um dossiê completo:

T na verdade é de um homem só. No segundo em que a festa terminou ele pegou o primeiro táxi disponível e disparou para o Mercer, onde se encontrou com o namorado secreto. Soube que os dois passaram as 48 horas seguintes escondidos na suíte nupcial. Aquele estilista fabuloso, que insiste em usar os Ray-Bans espelhados entre quatro paredes à noite, seduziu o DJ ideal para sua mansão na Park Avenue, sem dúvida com a promessa de uma roupa gratuita de sua nova linha masculina. Imagino que o DJ vá girar discos de vinil nos Hamptons pelo resto do verão...

S foi para a cama sozinha. Não vai parar de nos surpreender nunca?

D e V dividiram um táxi para a casa dele — humm, a casa dos dois no Upper West Side, mas o romance morreu oficialmente. Quartos separados, gente. Quartos separados.

N foi visto num trem LIRR de madrugada para a ilha, completamente só. Então o que aconteceu com...

A vagaba bronzeada-e-louraça? Ela e C mantiveram a festa rolando, foram ao circuito de boates e terminaram no Bungalow 8 às cinco da manhã. Ainda não se tem notícias deles.

Quer saber por que S foi para a cama sozinha? Porque a colega de quarto dela estava no andar de baixo. Mas B definitivamente não estava só...

### **então vamos tirar uma folga...**

Gente, não vamos nos esquecer de que o verão foi feito para relaxar. Julho está bem ali, e quando chegar o Dia da Bastilha (não é aniversário de alguém?) estaremos oficialmente no meio das férias. Haverá muito tempo para trabalhar no outono, para as provas de meio de semestre, festas em fraternidades e se preocupar com entrevistas para os melhores estágios no verão que vem. É nossa época de diversão, então vamos ao que interessa e só... relaxemos. Ah, a quem estou enganando? Nesta cidade, nunca é só relaxar! Tudo bem, talvez N relaxe, mas o resto de nós jamais diminuí o ritmo. E por falar em nunca diminuir o ritmo...

Será que B vai magoar mais um? Ela já se livrou de dois pretendentes, e ainda nem é julho!

Será que S vai ser capaz de se adaptar à vida longe das câmeras? Ela vai dividir os refletores com B nos Hamptons, ou vai para Hollywood passar o resto de seus dias com seu novo melhor amigo T?

N vai fazer as pazes com B? Será que vai voltar se arrastando para S? Ou ele finalmente desistiu de perseguir garotas e decidiu crescer? E será que teremos notícia de seu casinho de verão?

Eu acho que não. Afinal, ele ainda tem muito trabalho a fazer na casa do treinador de lacrosse...

E os Hamptons? Será que este paraíso das férias para os ricos e famosos terá espaço para B, S e N? E o resto da elite de Manhattan? As locações podem ser outras, mas as estrelas são atores de um personagem só — nunca mudam de verdade.

E falando sério: que diabos vai acontecer com D e V? Três contra um como vão voltar lá pelo 4 de julho. Alguém aí quer apostar?



Vou ficar engaiolada por aqui e conseguir algumas respostas. Afinal, esse é meu emprego de verão e sou a trabalhadora mais dedicada que conheço. Alguém tem que fazer isso.

Pra você que me ama,  
gossip girl

**FIM**

**Créditos:** <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=34725232>